ANNO XXXI. N. 13.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

QUARTA FEIRA 17 DE JANEIRO DE 1855.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇA'O.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. D. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira Junior; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

CAMBIOS.
Sobre Londres, a 28 1/4 d. por 1$000.
« Paris, 342 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, 2 1/2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
» da companhia de Beberibe ao par.
» da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 8 a 10 por 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas	. . .	29$000
Moédas de 6$400 velhas	.	16$000
» de 6$400 novas	.	16$000
» de 4$000	. . .	9$000
Prata.—Patacões brasileiros	. . .	1$940
Pesos columnarios	. . .	1$940
» mexicanos	. . . .	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 3 horas e 42 minutos da tarde.
Segunda ás 4 horas e 6 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Janeiro. 2 Lua cheia as 5 horas, 48 minutos e 33 segundos da manhãa.
» 11 Quarto minguante ás 2 horas, 7 minutos e 38 segundos da tarde.
» 18 Lua nova as 6 horas, 17 minutos e 36 segundos da manhãa.
» 24 Quarto crescente a 1 hora, 48 minutos e 32 segundos da manhãa.

DIAS DA SEMANA.
15 Segunda. S. Amaro ab.; S. Habacuc.
16 Terça. Ss. Berardo, Acurcio, Othon mm.
17 Quarta. S. Antão ab.; Ss. Elensippo e M.
18 Quinta. A Cadeira de S. Pedro Apostolo.
19 Sexta. S. Canuto rei m.; Ss. Audifas e Abacuc
20 Sabbado. S. Fabião p. m.; S. Sebastião m.
21 Domingo. 3.º depois de Reis. S. Ignez v. m.; S. Patrocolo m.; S. Epiphanio b.

EXTERIOR.

O REI CARLOS ALBERTO, O PIEMONTE E A ITALIA.

I.

Carlos Alberto e a Austria na Italia.

I. *Gli ultimi Rivolgimenti italiani, memorie storiche con documenti inediti*, di F.-A. Gualterio; 4 vol., Florença.—II *Del Rennovamento civile d'Italia*, per Vincenzo Gioberti; 2 vol., Turin.—III. *Guerra dell'independenza d'Italia nel* 1848, per un ufficiale piemontese; 1 vol., Turin.—IV. *Milano e i Principi di Savoja*; di Antonio Casali; 1 vol., Turin.—V. *Storia del Piemonte dal* 1814 *ai giorni nostri*, di A. Brofferio; 3 vol., Turin.—VI. *Memorandum storico politico* del conte Clemente S. Caro della Margarita ministro del re Carlo Alberto, dal 7 febbrajo 1835 al 9 attobre 1847.—VII. *Ricordi d'una Missione in Portogalle, al re Carlo Alberto*, per Luigi Cibrario; 1 vol., Turin.

Ha povos que apresentam na historia um espectaculo admiravel; seu destino parece visivelmente assignala-lo, e todavia nesse mesmo destino existe sempre alguma cousa de imperfeito e incompleto, que da-lhe um caracter terna e tristemente poetico, como acontece a tudo quanto não pode chegar a seus fins. Cada uma das tentativas desses povos he acompanhada de promptos revezes; mas em compensação nenhuma de suas derrotas he definitiva e irreparavel. A constancia de sua desgraça so he igualada pelo poder incorruptivel e vivaz de seus instinctos. Atravez de suas vicessitudes restam o enigma da historia, o embaraço dos governos, a decepção perpetua de todas as combinações da politica. Não será este o segredo dos destinos da Italia? A nacionalidade existe tanto no genio, como nas tradições do povo italiano; desgraçadamente tambem se encontra nessas mesmas tradições tudo quanto pode fazer abortar um pensamento pratico e fecundo de independencia; de sorte que a Italia, sempre em flagrante delicto de insurreição moral contra seus senhores, nunca está tão perto de alguma catastrophe como quando he arrastrada a alguma reivindicação suprema. As revoluções de 1848 não passam de nova peripecia desse drama eterno que ha doze seculos desenvolve se alem dos Alpes. Nestes annos ultimamente decorridos, a Italia vio seus povos e seus principes unirem-se no mesmo sentimento de regeneração; vio seu movimento interior inaugurado por um papa e sua soberania nacional da ponta da espada de um rei patriota. A Europa mesmo vio um momento, sua velha organisação decompor-se, e seus antigos poderes cahirem em fraqueza. Durante certo espaço, todas as leis constitutivas da sociedade europea, como que suspenderam-se, tornando-se tudo possivel. Qual foi porem o resultado? se tudo tentou-se, nada fez-se. Os velhos laços restabeleceram-se e apertaram-se novamente. Napoles, Roma, Florença, retrogradaram muito alem de 1847, emquanto o estandarte erguido nos campos lombardos retrogradava de Goito para Novara. E desse rei que foi outr'ora a personificação da guerra pela independencia italiana, o que resta hoje? Um tumulo na basilica de Supergá, sobre as collinas que dominam Turim.

Estes factos teem certamente uma explicação natural que não he a obstinação de um caprichoso acaso em zombar dos votos de uma raça engenhosa e brilhante. So os espiritos mesquinhos e fanaticos julgam impor *á* realidade a dictadura de seus sonhos, pretendem harmonisar tudo com suas combinações occultas, e depois de terem embaraçado e pervertido tudo, explicam pelas sorprezas ou traições vulgares os desastres que provocaram. A verdade he que as revoluções ultimas da Italia foram vasto campo de batalha em que tomaram proporções exageradas todas as suas aspirações generosas, todas as suas tendencias, todos os seus antagonismos, assim como todas as suas paixões, e todos os seus erros. E nesta luta foram ainda as impossibilidades que predominaram. Todos os dissolventes reunem-se, a explosão das paixões revolucionarias vem quebrar a união dos povos e dos principes, o espirito de facção vem apoz o espirito de independencia para o provocar ou escravisar; o genio, o genio fatal da discordia sahe armado dessa ardente fornalha, e corre de Napoles a Milão, de Roma a Florença.

Por um momento, a fortuna da Italia so tem um campo em que refugiar-se; e he justamente o que dá á intervenção do Piemonte nos negocios italianos esse prestigio que suas derrotas não teem podido destruir. A intervenção do Piemonte, atravez dessa confusão immensa, he a acção viril e resoluta que caminha direito a um fim, que todos desejam, mas que todos concorrem para obscurecer.

Como a Italia cahio mais uma vez no laço de seus antigos erros? Que serie de circumstancias fez do Piemonte o instrumento conhecido da independencia italiana, e de seu ultimo rei, Carlos Alberto, o epilogo vivo das esperanças, das contradicções, das pungentes vicecitudes da peninsula, a victima expiatoria de uma empreza malograda? Nisto está o mysterio da civilisação italiana, o problema dessa historia tragica que não teve ainda tempo de serenar, do qual M. Gualterio traça os prolegomenos decisivos nos seus *Rivolgimenti*, e Gioberto as complicações confusas no seu *Rinnovamento civile*, e que outros ainda mostram sob suas faces diversas em seus episodios multiplicados. Na apparencia, o ultimo movimento italiano, tal qual se desenvolve nas Duas Sicilias e na Toscana, nos estados da igreja e na Lombardia ou em Turin, esse movimento começa pelas tentativas de reformas de que os principes tomam a iniciativa desde 1846, continua pela guerra da independencia em 1848, encontra seu verdadeiro desfecho em Novara em 1849: he um drama que parece encerrado entre estas recentes datas. Na realidade, esse movimento entranha-se pela historia, tem as raizes no passado. A independencia he a paixão immortal da Italia, paixão tão immortal quanto difficil de satisfazer. A revolução franceza, estendendo-se alem dos Alpes, juntou-lhe o gosto, o invencivel ardor das innovações civis. He preciso que a Italia viva com estes dous sentimentos que nutrem-se n'alma das gerações contemporaneas. Qual porem destes dous sentimentos prevalecera, qual o que resumirá primeiro todos os pensamentos e todas as forças? Será a independencia? Será a revolução dos poderes internos e das instituições? Eis aqui o ponto de todas as lutas ha meio seculo. Uma vez admittida a necessidade de subordinar tudo a esta primeira e vital condição de independencia nacional, sob que forma apresentar-se-ha a realisação a mais simples desta independencia? Aqui o Piemonte intervem, e lança na balança o peso de suas tradições, de sua espada, de sua força compacta de cinco milhões de homens agglomerados junto aos Alpes, distantes de Milão alguns dias de marcha.

Não foi o acaso que introduzio na politica esta idéa da creação de um reino da alta Italia, debaixo do sceptro da casa de Saboia, como a forma mais propria para realisar, e completar a independencia italiana, assim como não foi o acaso que fez redundar em derrotas gigantescas as ultimas revoluções. Foi a lei da historia que parece presidir as tentativas contemporaneas atravez dos acontecimentos e das lutas de quatro seculos, fazendo medrar ao lado da porção da peninsula que está mais desamparada e sujeita a' dominação estrangeira, um pequeno povo forte e vigoroso. Uma das mais felizes fortunas do Piemonte he ter vida propria, movimento distincto no desenvolvimento geral da Italia. Ainda não passava de pequeno estado encerrado em seus valles da Maurienne e do Cablais da Tarantaise e d'Aoste, quando a civilisação italiana marchava ja a seus destinos, o que faltava a Italia para faze-la parar na carreira da decadencia, somente o Piemonte teve. Emquanto a Italia perece pelo excesso de divisões e discordias que favorecem a dominação estrangeira, o Piemonte conserva sua unidade moral e politica, sua força secreta de concentração. Emquanto não vê sahir da obscuridade, no resto da Italia, senão poderes contestados, familias de origem quasi local inteiramente, que representa a commum, a cidade, um partido, sem que nenhuma tenha o caracter real, que personifica em grao elevado a vida nacional, Piemonte possue uma dynastia ao mesmo tempo antiga e popular, ligada pelas recordações a' velha Italia e que em uma nobreza fiel encontra apoio e não rivalidade. Quando os sophystas declamam contra as dynastias não attendem que os dynastias são o instrumento mais poderoso da grandeza de um povo, que são os mais fieis depositarios das tradicções publicas, e que mesmo sua ambição não he muitas vezes mais que a expressão do papel historico de um paiz. Foi o que faltou a Italia, e tanto he assim que os outros estados italianos que sahiram independentes do combate da historia asseguram sua independencia collocando-se sob a protecção de familias estranhas. He a casa de Bourbon que reina em Napoles, e a casa de Lorraine, que por extincção dos Medicis no seculo XVIII, devia reinar em Florença.

Finalmente, emquanto a Italia submersa de seculo em seculo pelas invasões estrangeiras, torna-se isolada, desarmada, sem força militar nacional, alheia aos costumes guerreiros, e servindo-se de soldados mercenarios, de *condottieri*, o Piemonte tem exercito e disciplina nos campos. O caracter mesmo deste povo he essencialmente differente; elle não tem o brilho nem as seducções dos outros povos italianos; he rude e tenaz, he um povo de costumes graves e simplices, sem ardor pelas novidades. Hoje mesmo, quanto mais penetrassemos no caracter do povo, em tanto maior grao encontrariamos esse elemento primitivo e conservador para quem toda a politica resume-se na fidelidade a casa da Saboia. He por este complexo de elementos e de força que o Piemonte tem medrado, nucleo sempre augmentado de novo poder alem dos Alpes. Elle formase por aggregações successivas; um dia o Montferrat a Lomellina, a Alexandria; outro dia Novara, Tortona; ainda uma vez Vigevano, Bobbio, Arona; depois Genova em 1815. Filho o mais moço da civilisação italiana, o Piemonte escapou as causas de sua decadencia, e quando no fim do seculo XVIII, a Lombardia que ficara definitivamente n'Austria desde 1713, enerva-se nessa corrupção de que Parini deixou-nos a pintura em seu poema do *Giorno*, he sobre o solo piemontez que Alfieri faz retinir o canto do patriotismo italiano em sua renascença. O Piemonte entra por sua vez na civilisação italiana com Alfieri e Lagrange.

Figurai a Italia na complexidade de seus interesses, no movimento de seus antagonismos como a Grecia antiga ou a Allemanha moderna; o Piemonte sera' a Macedonia ou a Prussia,—povo talhado para a acção, creado no campo, e proprio para o que os sabios chamam *hegêmonie*. « Deos quiz, dizia uma vez o rei actual da Prussia, Frederico Guilherme IV, formar a monarchia prussiana pela espada » Assim aconteceu com o Piemonte. Ha mais de um seculo, mlpistro francez, o marquez d'Argenson, [illegible] dizendo: « Pertence a Austria na Italia, o que pertence a Prussia na Allemanha. » A verdade destas palavras descobrio-se em 1848. Como, pois, a Austria, herdeira de todos os dominios estrangeiros além dos Alpes, e o Piemonte. que procurou sempre estender-se, podiam deixar de encontrar-se nas planicies lombardas para disputarem a independencia do norte da Italia? Ha quatro seculosque a casa de Saboia tende para Milão, e a Lombardia, e esta he a verdadeira politica do Piemonte, e policia italiana, a politica de Manoel Felisberto, de Carlos Manoel I, de Carlos Manoel III e não a politica que por vezes procurou estender-se do lado da França. Desde o seculo XV existe entre os Milanezes e o duque Luiz de Saboia uma liga em que supporiamos descobrir ja as esperanças de Carlos-Alberto e as causas que concorreram para o seu malogro. No plano famoso de Henrique IV para a reorganisação europea, os duques de Saboia tornavam-se reis da Lombardia. Quando, ha um seculo Carlos Manoel III alliava-se com Maria Thereza na guerra da successão d'Austria, por singular subtileza diplomatica elle reservava seus direitos sobre o ducado de Milão na convenção provisoria da alliança.

Na mesma occasião em que um interesse commum parece reunir novamente o Piemonte e a Austria para sustentarem o choque dos exercitos republicanos francezes no fim do seculo XVIII, he um dos mais curiosos espectaculos ver revelar-se atravez dos acontecimentos, o jogo secreto dessas tendencias e desses antagonismos disfarçados em allianças. O Piemonte assigna a paz de 1797 depois de tres annos de corajosa resistencia, e ao mesmo tempo promove negociações com o Directorio, procura mostrara-lhe o interesse que haveria para a França em limitar o poder d'Austria alem dos Alpes, oppondo-lhe a barreira natural de um estado italiano compact, o em vez do corpo heterogeneo de uma republica cisalpina. O que faz a Austria de sua parte? Nas conferencias de Seltz, com rara perspicacia, procura salvar um interesse futuro desapossando o Piemonte, ainda que a custa de parte da republica cisalpina, creação que ella bem conhece não tera' duração. O Directorio decide a questão annexando simplesmente o Piemonte a' França pela primeira vez. Sobrevem o ephemero triumpho da liga europea em 1799, e quando Souvarou, descendo do norte para a Italia, chama os principes de Saboia da ilha de Sardenha, ultimo asylo de sua realeza desthronada, a Austria contem as manias restauradoras do rude cossaco, sem dissimular que o conselho aulico tinha outras vistas sobre os estados piemontezes. Deste modo a politica austriaca não fazia senão designar ella mesma seu verdadeiro antagonista, o que devia ser o serio e perpetuo perigo de seu dominio além dos Alpes no dia em que, depois de uma interrupção de reinado, a Austria e o Piemonte personificado na casa de Saboia, se encontrassem face a face na Italia. Realmente o que não succedera' quando a revolução e o imperio extenderem-se por 15 annos dos Alpes ao Pharo, não estabelecendo nada duradouro, he verdade, mas creando por toda a parte interesses novos e forças novas, quando o trabalho das idéas e dos partidos tiver vindo juntar-se a' fermentação permanente dos instinctos de independencia, quando a ambição tradiccional de uma casa real italiana poder tornar-se em um momento determinado o centro natural de mais amplo movimento de nacionalidade? Destaquemos estas linhas importantes da historia, combinemos estas diversas ordens de factos que obteremos o segredo desse recente duello que teve lugar nos campos da Lombardia entre o Piemonte e a Austria. O antagonismo continua, os acontecimentos o vão transformando e alimentando até chegar uma hora em que o Piemonte tanto por espirito de raça como pelo impulso dos tempos, ve-se encarregado do primeiro papel em nova tentativa de emancipação.

Tal he a luta que resumia em seus destinos Carlos Alberto, personagem estranha no meio das ultimas revoluções italianas. Se ha, com effeito, figura original, não será a deste principe de caracter cheio de mysterios e de contrastes, heroico e irresoluto, apaixonado e impenetravel, cavalleiresco e capaz de longas premeditações, que concentra em sua vida, nessa vida que elle proprio chamava romance, a historia do Piemonte ou antes de toda a Italia, nas epocas mais decisivas deste seculo depois do imperio, —em 1821, durante seu reinado e em 1848? Quando Carlos Alberto arremeçava-se com seu exercito alem do Ticino em 1848, houve quem não visse nesse extremo mais do que ambição vulgar.

Quando mais tarde elle ia sem illusão e sem esperança arriscar sua vida e sua fortuna em Novara, chamaram a isto jactancia revolucionaria, disseram que elle tinha necessidade de uma derrota para conservar um throno á sua familia. Não viram nessa serie de factos coroados pela abdicação e pela morte, o desfecho tragico de um drama que desenvolve-se com certa unidade singular e mysteriosa atravez de todos os acontecimentos contemporaneos. Esta unidade, laço mysterioso de todas as contradicções da vida de Carlos Alberto, existe inteiramente na paixão invariavel de independencia, que revela-se pela infructifera revolução de 1821, que alimenta-se n'alma do rei ja sobre o throno, dissimulada pelas necessidades do reinado, e que não faz explosão em 1848 senão para confundir-se com as desgraças da peninsula. Nestas tres epocas consiste o triplo nó desse destino, cujo termo fatal he o exilio e o tumulo de Superga.

I.

Em epoca critica para a Italia e o Piemonte, para os principes e as coroas, nasceu Carlos Alberto de Saboia Carignan; foi a 2 de outubro de 1798. Dous mezes mais, e a monarchia piemonteza ia desapparecer. A paz de 1797 com a França era apenas suspensão entre uma luta de tres annos e um interregno de quinze. Na Italia mesmo formigavam toda a sorte de republicas facticias e caprichosas, desde a republica cisalpina até a republica parthenopeana. O Piemonte, talvez o paiz da Italia mais abrigado das influencias revolucionarias, no momento em que a luta começava, tinha ainda costumes austeros, um povo intacto, uma casa real bemquista. O Piemonte devia resistir mais que os outros estados italianos; mas não podia sobrepujar a força que tinha de subjugar a Europa. Depois da primeira campanha da Italia e do esbulho violento de 1798, podia ainda realisar-se em Turin uma restauração passageira, depois da segunda guerra da Italia, começada e acabada pelo corisco de Marengo, o Piemonte não podia mais existir. Desde então os principes de Saboia estiveram definitivamente desterrados na ilha da Sardenha. Mesquinha corte de Cagliari que emprega seu tempo em correr apos de todas as esperanças, que ainda no exilio tem suas recordações e sua dignidade, seus ministros e seus embaixadores, de que fez parte José de Maistre,—ministro do rei de uma pequena ilha do Mediterraneo em S. Petersburgo! Quanto a Carlos Alberto, apenas nascido no meio desses desastres de um povo subjugado e de uma monarchia esmagada pela força, he transportado para a França, onde podendo seu pai, o principe de Carignan, que se havia portado como valente soldado nas guerras da revolução, ficou confiado aos cuidados de sua mãi, princeza de Saxe.

Educou-se em França, ora em Paris, ora em Genebra, onde esteve sob a direcção de um ministro protestante. Foi em França que elle cresceu ao espectaculo da reconstituição civil de um grande paiz e das maravilhas de um poder militar inaudito. Estava em risco de ter a mesma sorte que os principes desthronados, quando fizeram-no entrar como tenente no 8 regimento dos dragões francezes com a idade de quinze annos. Este official adolescente, arrancado violentamente de seu paiz, não havia chegado ainda á idade viril, quando ja tivera tempo de ver nascer, crescer, estender-se e declinar o mais colossal imperio do mundo. Os acontecimentos de 1814 vinham com effeito mudar a face da Europa, transformar ainda uma vez a Italia, fazer reviver a monarchia piemonteza augmentada do estado de Genova, e reabrir a Carlos Alberto a perspectiva de um throno. Todas as condições da politica achavam-se subitamente deslocadas e renovadas.

A revolução e o imperio pelos germens profundos que deixaram alem dos Alpes, os tratados de 1815 pelas distribuições territoriaes e condições organicas que crearam, são na verdade o duplo principio da historia da Italia em nosso seculo. Foi a revolução franceza que deu origem aos partidos italianos e os constituio taes quaes mostraram-se depois, com seu caracter, com suas opiniões, com seus excessos. Ella fez á Italia o triste presente dessa vida politica convulsiva e impossivel, que o imperio vinha comprimir e sepultar nas trevas sem a destruir. He da revolução e principalmente do imperio que datam essas exaltações tenebrosas, esses habitos de conspirações occultas que fizeram das sociedades secretas a chaga da peninsula e que, desenvolvendo-se, soffrendo toda a especie de transformações, vieram dar na *Joven Italia*, obra desse terrivel hierophanto Mazzini. Todavia no meio de tudo isto, o que he verdade he que o imperio tinha por effeito melhorar singularmente o estado interior da Italia. Simplicava a administração, creava novos habitos, regularisava a vida civil, de sorte que, no fim do imperio, a revolução franceza existia alem dos Alpes no que tinha de mais funesto e de mais sãamente civilisador, em suas violencias democraticas duplicadas, pelo mysterio das conjurações, e nos beneficios realisados por uma legislação civil e administrativa, que correspondia a uma multidão de necessidades e de ideas de um progresso legitimo. Assim, de um lado, paixões revolucionarias ainda ameaçadoras, novos e numerosos interesses, instituições uteis, que tinham por si a sancção do tempo e de certa adhesão publica, reformas moderadas, mas justas e ja enraizadas; de outro, governos que renasciam e facilmente confundiam o bem e o mal, poderes de reacção que tendiam a reportar tudo á epoca de sua suppressão, e a não deixar subsistir nada do que se fizera ha quinze annos; tal era no ponto de vista interior a ordem de factos e de antagonismos que as catastrophes de 1814 e 1815 vinham inaugurar.

Os tratados de Vienna por sua natureza complicavam ainda esta situação, sob outras relações, em consequencia da organisação geral que decretavam. A Austria entrava pela Italia. He verdade que ja não era o santo imperio com o prestigio do antigo direito feudal. Este titulo de santo imperio, o tempo mesmo o destruira moralmente; a mão victoriosa de Napoleão fizera-o desapparecer em 1805, fortes posições; as mais (1) e os tratados de 1815 não o restabeleciam. A Austria não passava de uma possessão allemã, tendo possessões na Italia; mas primitivamente estas possessões estendiam-se de modo diverso do de 1789. Aos ducados de Milão e de Mantua juntavam-se Veneza, Bergamo, Brescia, Roma, Vicencia, as mais ferteis provincias, um reino inteiro que abraçava a Alta Italia e povoado de seis milhões de homens. Alem disto, a Austria devia ser necessariamente levada a estabelecer de facto sobre os outros estados italianos essa alta suzerania, que nenhum direito lhe outorgava. Não era de certo evidente que no dia em que um desses estados se conhecesse bastante independente para constituir-se foco de movimento, o ponto de reunião dos instinctos patriotas da Italia, o dominio estrangeiro perderia toda a segurança? Eis porque a Austria adoptou certa politica que se lhe não pode exprobrar como crime. So espiritos frivolos podem conceber que um grande imperio abandone grandes possessões sem combate, sem esgotar todos os esforços para conserva-las. A politica da Austria foi o que não podia deixar de ser depois da posição em que a collocaram os tratados de 1815. Ella não vio no todo da peninsula senão um vasto systema, cujo centro e regulador devia ser o imperador. Neste pensamento muitas vezes manifestado, o Piemonte era a vanguarda da Austria alem dos Alpes. Ja em 1815, o gabinete de Vienna assignara um tratado de alliança com Napoles, e o rei das Duas Sicilias obriga-se por um artigo secreto a não realisar nas instituições do paiz nenhuma mudança que se não conciliasse « com os principios adoptados por sua magestade imperial e real apostolica para o regimen interior de suas provincias italianas. »

Este pensamento foi sempre conservado com tal fidelidade, que em 1824, pela morte do grão-duque da Toscana, Fernando III, o ministro austriaco em Florença, o conde de Bombelleo, exigia que a elevação do novo soberano ao throno não tivesse lugar sem accordo previo com o gabinete imperial. Em qualquer parte onde mostra-se a menor centelha, as forças da Austria poem-se em marcha; o que deu lugar a essas intervenções que succederam-se por vezes em Napoles, nos estados romanos, na Toscana, em Modena, e no Piemonte mesmo; politica esta sanccionada pela Europa da santa alliança em Laybach! Quando o imperador Francisco I, no tempo da restauração, visitava suas provincias da Alta Italia, quando seu successor o imperador Fernando, em 1838, ia fazer-se coroar em Milão, essas viagens, mostrando a adhesão dos principes italianos para com o imperial senhor da Lombardo-Veneza, não tinham outro fim senão acostumar os povos e a Europa mesmo a esse espectaculo do protectorado austriaco. O premio desta subordinação dos principes italianos para com a Austria era a segurança promettida aos thronos, o apoio das forças imperiaes assegurado aos governos ameaçados, a garantia contra toda e qualquer tentativa revolucionaria. A Austria, alem dos Alpes, importava a invasão forçada do dominio estrangeiro, e a representação armada de todas as tradições da immobilidade politica. Daqui resultaram nos outros estados italianos inclinações austriacas mais ou menos disfarçadas, de todos os homens dedicados ás doutrinas absolutistas, á monarchia pura tal qual existia em 1789. e, de outro lado a existencia de uma difficuldade natural entre os que propugnavam pela independencia da Italia, e os que meditavam seus progressos politicos no interior. He nesta situação, observada sob o duplo ponto de vista dos movimentos de opinião, legados pela revolução franceza e dos antagonismos, cujo germen os tratados de 1815 occultavam, que existe o segredo do trabalho contemporaneo da Italia e de suas complicações. Existirão sem duvida muitas differenças no jogo dos partidos e dos individuos; mas o principio de todas as lutas observadas em sua origem he aquelle.

O Piemonte offerecia desde 1815 um theatro particular ao desenvolvimento desta situação. Na verdade o que succedeu? Apenas restaurou-se a monarchia piemonteza, o espirito fatal de reacção parece arrebatar os espiritos no meio de um paiz, que collocando-se com todo o enthusiasmo sob o sceptro da casa de Saboia, vio desde 15 annos sua existencia transformar-se, a igualdade civil penetrar em seus costumes, uma administração mais simples presidir a seus interesses. O almanak da corte de 1798 serve de soberano arbitro da organisação do governo. No exercito, submettido a transposições profundas, os homens que serviram sob o imperio foram eliminados e substituidos por chefes inexperientes, ficando deste modo enervada a força militar do Piemonte. Na ordem civil acontece cousa muito differente. Os morgados, os fidei comissos os tribunaes de excepção, o confisco, supri-reapparecem ao mesmo tempo; o codigo civil he mido, o regimen hypothecario abolido, em vez das simplices e racionaes jurisdicções dos tribunaes francezes, existem em Turin 15 jurisdicções que se embaraçavam umas as outras e funccionavam na maior confusão, de sorte que os mesmos magistrados tinham necessidade de um guia para discriminarem suas attribuições. Um dos mais curiosos episodios desta empreza impossivel, he a intervenção do poder real na administração da justiça, na regulação dos interesses civis. Um simples bilhete do rei basta para desonerar um devedor, para privar um credor do beneficio de garantias adquiridas; uma declaração do rei altera as penas, suspende as transacções, annulla julgamentos. Esta reacção piemonteza não he obra de ridicula vingança, mas resultado de uma candura cega que remontava tudo aos tempos passados como ao ideal do governo nacional e legitimo. Naturalmente, em face destas tendencias, devia formar-se uma opposição alentada de todos os interesses violentados, de todos os instinctos os mais justos reprimidos, aos quaes vinha juntar-se uma irritação nacional que crescia contra a Austria. O descontentamento penetrava no exercito, parte da mesma aristocracia piemonteza resistia a esse movimento de reacção, nas universidades transtornadas sob pretexto de aperfeiçoamentos, o espirito de agitação propagava-se, finalmente o carbonarismo que não era tão poderoso nos estados sardos como nas outras partes da Italia, encontrava maravilhosas occasiões de estender-se.

Deste modo tudo tende para um conflicto dos partidos, e estes partidos, segundo o habito, tinham suas personificações. O homem que a reacção piemonteza preferiá não era o proprio soberano, o rei Victor Manoel, coração simples e leal, e que alem disto a respeito da Austria era por instincto militar enthusiasta da independencia nacional; era antes o principe que devia succeder-lhe sob o nome de Carlos Felis, seu irmão, duque de Genebra, espirito honesto, mas curto e inflexivel e a quem nada detinha em suas inclinações absolutistas e austriacas. He nestas condições, no meio deste movimento nascente dos partidos, que começa a desenhar-se a figura de Carlos Alberto, principe de Carignan. O mais moço do segundo ramo da casa de Saboia, Carlos Alberto era ligado por filiação ao principe Eugenio, e a ausencia de descendentes, masculinos de Victor Manoel e do duque de Genebra, designava-o como successor ao throno. Joven ainda, com seu bello talhe, seu olhar penetrante e sua dignidade cavalleiresca, parecia que nelle revivia algum de seus avós de meia idade, esse conde Vert, cuja divisa tomou depois, e por quem tinha culto particular. Elle fora successivamente nomeado coronel do regimento de Saluces, e depois commandante-geral da artilharia. Tinha todos os instinctos militares de sua raça, e occupava-se com o exercito como pessoa que o amava. Isto bastava para não agradar aos defensores da reacção sarda, e para attrahir as vistas dos liberaes esparsos no Piemonte e no resto da Italia. Os espiritos mais eminentes, o poeta Monti com sua imaginação ardente, e escriptores mais graves, taes como Pedro Giordani, Angeloni, saudavam-no como a ultima esperança da patria italiana. « Sois felizes, dizia Monti, sois felizes, jovens Piemontezes que possuis a Carignan; he um sol que desponta no horisonte, adorai-o, meus amigos, adorai-o. » Mancebo de caracter guerreiro, habilmente familiar com dignidade, observava o conceito publico approximar-se delle, e sabia conserva-lo por suas palavras, por sua animação a todas as idéas generosas, por suas simpathias para com tudo quanto fazia palpitar o coração italiano. O palacio Carignan tinha suas reuniões, a que concorria toda a mocidade descontente do presente, que jámais deixava de criticar o governo, e exaltar-se no sentimento de uma luta patriotica contra a Austria. E como que para augmentar essa differença de attitude politica de Carignan e do duque de Genebra, haviam, segundo dizem, entre os dous principes, vivas animosidades pessoaes.—Desgostos reaes, porém ainda muito vagos para tornarem-se a paixão de um povo, instinctos de progressos civis excitados pela compressão, ardores mal contidos de patriotismo austriaco, a popularidade de um principe olhado como chefe provavel de uma reacção liberal e nacional, eis a origem do que poderia chamar-se grande desatino de 1821 se não fosse o fructo de illusões que nada tinham de vulgar e que foram cruelmente expiadas.

A revolução piemonteza de 1821 he certamente um dos incidentes mais desconhecidos ou mais esquecidos da historia contemporanea, como acontece a todas as revoluções malogradas. Ella apresentava-se nas circumstancias mais favoraveis na apparencia. A Europa estava em singular fermentação politica; a Hespanha acabava de realizar uma revolução coroada de successo momentaneo; Napoles seguira o mesmo movimento, e a Austria preparava-se para marchar com um exercito sobre a Baixa-Italia afim de suffocar a revolução napolitana: boa occasião, pois, para o Piemonte lançar-se na retaguarda da Austria e continuar designios seculares sobre a Lombardia no momento em que as forças imperiaes estivessem divididas! Entre os patriotas milanezes e os liberaes dos estados sardos existiam secretas communicações. O mesmo governo piemontez esclarecido por numerosos symptomas, não estava longe de parar no desfiladeiro a que fora arrastado ha cinco annos; o rei Victor-Manoel tomara ministros que sem passar certos limites promoviam algumas reformas,—o conde Prospero Balbo, o marquez de São-Marsan, o conde Alexandre de Saluces. Em taes condições que restava fazer? Era a questão ardentemente agitada nos conselhos do liberalismo piemontez. Os mais prudentes diziam que era melhor esperar, que em dez annos os homens intelligentes occupariam os cargos publicos, o principe de Carignan estaria sobre o throno, e o futuro estava seguro, entretanto que uma provocação aos acontecimentos podia comprometter tudo. A isto Santa Rosa respondia: 10 annos, he esperar muito; chegou a hora, convém aproveitar a occasião. » Era a impaciencia que predominava, e o que até então não passava de um pensamento vago, tornava-se conspiração tramada entre alguns homens, de que eram principaes o conde Santorre Santa Rosa, depois major de infantaria e sob ajudante-general; o conde Lisio, capitão de cavallaria ligeira do rei; o major de artilharia Collegno; o coronel São Marsan, filho do ministro dos negocios estrangeiros; todos militares e alguns dedicados ao principe de Carignan, que consideravam como seu chêfe natural.

Estes corações generosos esqueciam que não se levanta um povo, posto que de um estado affrontoso, com uma conspiração tramada entre algumas imaginações ardentes, nem reprime-se uma revolução á vontade, Santa Rosa, Lisio, Callegno e São Marsan não eram carbonarios decididos a levar tudo ao extremo; pertenciam ao partido chamado dos federaes, queriam principalmente a guerra contra a Austria e certas reformas politicas, um regimen constitucional, sem deixarem todavia de ser estrictamente fieis á casa de Saboia, mas he desgraçadamente verdade que o carbonarismo existia atraz delles, prompto para servi-los e depois excede-los. O caracter militar dos chefes do movimento bem deixa ver em que ponto de apoio confiavam. Já nos primeiros dias de 1821 tiveram lugar em Turin scenas um tanto revolucionarias, vagos indicios do estado do paiz. Quando parte da guarnição de Alexandria sublevava-se a 10 de março, Santa Rosá e Lisio, de sua parte corriam a Pignerol para fazer insurgir-se a cavallaria ligeira do rei, Collegno e São Marsan agitavam igualmente em outros pontos. Finalmente, mesmo em Turin a 12 de março, depois de dous dias de emoções e de peripecias; tres tiros de canhão partindo da cidadella, annunciavam que a guarnição pronunciara-se e o estandarte italiano de tres cores fluctuava no cume da fortaleza. O santo deste movimento era a guerra contra a Austria—e a constituição.

Fazer a guerra á Austria e proclamar a constituição era facil de pôr em uma bandeira de insurreição. Para lançar-se na Lombardia no momento em que o exercito austriaco acabava de passar o Pó, era preciso contar pelo menos com uma resistencia muito prolongada do exercito napolitano e esta era uma das previsões as mais chimericas, que não admittia um dos eminentes militares piemontezes, que servira com distincção no tempo do imperio, o general Giflenga. Alem disto, sem contar os setenta mil homens que marchavam sobre Napoles, a Austria tinha guarnições em Millão, Mantua, Verona 6,000 homens sobre o Tagliamento e reserva prompta a descer de Carinthia. Em pouco tempo a Austria podia reunir na Italia cento e cincoenta mil homens, de sua parte, com que podia contar o Piemonte entregue a si mesmo para fazer face a esta situação? Tinha debaixo de armas talvez vinte e cinco mil homens. E para fazer concordar uma revolução politica com uma guerra contra a Austria, qual era a bandeira escolhida ou antes imposta aos primeiros promotores da insurreição? Era uma constituição, verdadeiro ideal da anarchia, a constituição hespanhola de 1812, isto he o que era mais proprio para augmentar as divisões do paiz e do exercito, quando o povo conservava-se frio e attonito, quando a brigada de Saboia ja recusara unir-se aos insurgidos, quando Santa-Rosa e Lisio para entreterem seus soldados foram obrigados a dizer que obravam em nome do rei! Os mesmos chefes do movimento conheciam, sentiam que o carbonarismo ia diante delles, que punha-lhes nas mãos uma constituição que em sua opinião julgavam severamente. Esta revolução mal nascia, quando todas as impossibilidades mostraram-se de uma vez e ella ia voltar bruscamente ao mais triste mallogro.

Nos dias 10 e 11 de março, o rei Victor-Manoel vacillava entre todas as resoluções, desejando por vezes apresentar-se a suas tropas e outras tantas retido por seus amigos.

A 12 de março, talvez ainda fosse tempo de fazer algumas concessões; na noite de 13 havia abdicado subitamente. O que se passara neste curto intervallo? O marquez de Sam-Marsann, ministro dos negocios estrangeiros, chegava do congresso de Lay-

(1) O imperador Francisco I abdicara desde 1804 o titulo de imperador d'Allemanha pelo de imperador d'Austria; mas he evidente que o soberano austriaco não fizera voluntariamente este sacrificio, senão afim de não ser constrangido a faze-lo por Napoleão, cujas vistas sobre a confederação germanica eram bem conhecidas.

FOLHETIM.

O PARAIZO DAS MULHERES. (*)

Por Paulo Feval

PROLOGO.

O PHAROL.

CAPITULO XIV.

A CEIA DO PASTOR.

A velha Renotte havia quebrado a trella. O casamento do grande Rostan com Magdalena causára rumor em todo o paiz, pois ninguem ignorava os amores do marquez Antonio e de Magdalena Rostan do Boscq, filha do conde. A Morgatte nada tinha inventado para estimular o ciume do fidalgote: não fizera mais do que envenenar a mordidella da tagarellice publica.

Renotte era mais ciosa do que o grande Rostan, e não amava Magdalena, porque antes de sua chegada era ella que governava a casa. Havia para Renotte alguma cousa de odioso, e como um refinamento de ultraje na vinda de marquez na vespera do parto, na vespera da ruina; por isso constituira-se carcereira, não por ordem precisa do fidalgote, mas por seu consentimento tacito.

Como a porta do quarto de Irene estava fechada por dentro, Renotte sabio apenas rompeu o laço que a tinha presa. Eram horas: ella sabia que o amo não podia estar longe, por isso apressou o passo quanto lhe permittiam suas pernas velhas escorregando no chão humido do pateo, e atascando-se no lodo que enchia o caminho cavado.

Voltando-se muitas vezes antes de chegar ao bosque, via ainda atravez dos vidros Antonio ajoelhado junto da cama de Magdalena; mas não sabia da existencia do menino.

Quando passou as primeiras arvores do bosque começou a chamar brandamente a Rostan pelo seu nome; pois bem o conhecia. Desde que a desgraça tinha cahido sobre Francisco Rostan, a solidão o opprimia. Quando voltava de noite da taberna sosinho, as ideas tristes atacavam-no. Elle assentava-se as vezes ao pé de uma arvore com a espingarda entre as pernas, e ficava ahi immovel como uma pedra.

A velha Renotte caminhava olhando para os troncos das arvores; mas esta noite Francisco Rostan não se tinha assentado em caminho. Sabemos que tivera outra tarefa. Ouvio a voz da velha Renotte quando deixava a charneca para entrar no bosque. Estava em um momento favoravel, pensava na mulher e no futuro, e o que lhe restava de brio tentava reagir contra a obsessão da Morgatte.

— Oh! velha! gritou elle quasi alegremente, vens dizer-me que Magdalena tem um filho?

Renotte não ouvio; mas avistando o grande perfil do amo, que resahia confusamente na sombra, correu-lhe ao encontro: parecia que não tinha mais de vinte e cinco annos.

— He tempo! he tempo! disse ella com volubilidade; julgavas que eu teria podido quebrar a corda de meu engenho?... Não o reconheci logo... ah! ah! se eu tivesse tido força não teria vindo chamar-te, Francisco!...

— Que me estás dizendo, feiticeira! resmungou o fidalgote que comprehendia já metade.

Porque Astrea lhe havia dito que mettesse uma bala no canno direito da espingarda para o homem que acharia essa noite junto da mulher.

O nome de Antonio estava em seus labios.

— Elle repellio-me, continuou Renotte; porém caminhemos fallando, meu filhinho, não convém que elle escapula... Se desejas saber, elle está disfarçado em marinheiro... Fecharam a porta de Irene por dentro.

O grande Rostan apressou o passo, e Renotte agarrou-se-lhe á blusa para poder segui-lo. Ia curvada e tropeçando; mas fallava sempre.

— Bello rapaz como antigamente... mais pallido e de bigodes espessos... A marqueza morreu lá no castello? Elle agora tem com que roubar mulheres... Antigamente tinhas ciume delle...

A velha tentou olhar para julgar do effeito produzido; porém como Rostan ia apressadamente, seus pés escorregaram em um carril, ella cambaleou; mas o fidalgote continuou a caminhar.

— Muito bem, meu filhinho! exclamou ella atrás; vai sem parar! eu te reconheço!

Depois levantando-se, alcançou-o por um esforço desesperado. Chegavam a avenida principal. No fim do caminho cavado, a luz que estava no quarto de Magdalena brilhava como uma estrella. Com effeito Antonio acabava de abrir a janella.

O grande Rostan parou. Seu olhar de caçador distinguia já Magdalena deitada, o joven marquez assentado ao pé do leito, e a fórma vaga do menino meio occulto nos braços da mãi.

O coração apertou-se-lhe, e um suor frio inundou-lhe as fontes.

Renotte havia ido adiante, e julgando-se seguida, perdia a respiração em continuar sua tagarellice accusadora.

O grande Rostan quiz armar a espingarda; mas sua mão tremia muito. No momento supremo procurou desculpas pera a mulher, porque amava-a. O pensamento de Victoria atravessou-lhe segunda vez o espirito. Se Victoria tivesse apparecido então no quarto de Magdalena teriam ficado perdidos todos os planos da Morgatte; mas a Morgatte havia cuidado nisso.

E a criança? Um menino talvez? O grande Rostan desejava tanto um filho!

Elle esperou pensando sempre que a porta de Victoria ia abrir-se; mas quando o joven marquez pegou nas mãos de Magdalena, continuou a caminhar.

— Quizera ver se o menino assemelha-se a mim! disse elle comsigo.

Foi no momento em que Magdalena elevava o recem-nascido nos braços para offerecê-lo a Antonio, que Francisco Rostan teve a vertigem. Pareceu-lhe que Magdalena dizia-lhe:

— Toma-o, elle he teu.

O fidalgote armou a espingarda, apontou e disparou.

A distancia era grande; mas o grande Rostan não queimava nunca sua polvora em vão. A velha Renotte que vio Antonio saltar, e depois vacilar levando a mão ao peito, julgou que Francisco tinha atirado de perto atrás della, e por assim dizer sobre seu hombro. Voltou-se dando o grito de triumpho, que ouvimos; mas não vio ninguem. O grande Rostan estava no fim do caminho cavado na maior densidade das trevas, que cahiam das arvores do bosque, immovel e apoiado na espingarda: tinha um véo diante dos olhos.

A pequena Irene despertando sobresaltada tinha-se lançado no quarto da mãi. Magdalena arrastou-se com o recem-nascido nos braços até á alcova de Victoria, dizendo:

— Elle ha de vir matar-nos todos!

— Chegue! chegue! gritava Renotte no pateo, elle está sómente ferido! Chega, meu filhinho! Começaste bem, acaba igualmente!

Uma sombra apartou-se de um grosso tronco de carvalho, que crescia na escarda alguns passos distante do fidalgote: era uma mulher coberta de um manto escuro. Ella veio até ao meio do caminho cavado, e applicando a mão sobre os olhos fitou-os mais de um minuto no quarto ainda allumiado, em que o joven marquez estava sosinho tendo um joelho em terra, e as mãos apoiadas no peito.

— Estavas ahi!... murmurou o grande Rostan; viste que ella levantou o menino para elle?

Astrea voltou-se e disse em vez de responder:

— Não percas o tempo, corre a charneca. Sulpicio passará brevemente: não erres o tiro!

Francisco bateu violentamente na fronte como se quizesse fazer saltar um pensamento de seu cerebro entorpecido. A Morgatte poz-lhe a mão sobre o hombro, e disse-lhe ao ouvido:

— Já te vingaste, vai agora ganhar tua fortuna!

— Não vens comigo?

— Eu, respondeu a Morgatte tranquillamente, não sei se esse homem está morto. Fico.

Rostan tornou a carregar a espingarda, e partio para a charneca.

Quando se afastava, Astrea vio o joven marquez Antonio levantar-se penivelmente e saltar o parapeito da janella. Ella tomou a pistola na mão, e chamou em voz baixa:

— Meu tio!

O curandeiro João Touril com os bolsos cheios, e tendo ainda ás costas a trouxa, desceu brandamente a escarpa. Tremia e parecia ir contra vontade.

— Tome isto! disse a Morgatte estendendo-lhe a outra pistola.

João Touril rangeu os dentes; porém tornou:

— A mãi fica, e os dous meninos hão de crescer. Tudo não está regularisado!

Entretanto os guardas do cabo Trehel tinham operado uma captura verdadeiramente importante. Os mercadores de rendas e os contrabandistas de Jersey tinham-lhes escapado; porém haviam sido presos Toto Gicquel e o pastor Sulpicio: dous homens perigosos. Os guardas do cabo podiam gabar-se de ter feito boa campanha.

O leitor deve lembrar-se de que o pastor Sulpicio e Toto Gicquel tinham sido assignalados pelo honesto João Touril em sua visita ao posto como dous inimigos da paz publica. Nenhum outro testemunho militava contra elles; mas Toto Gicquel era muito pobre, e o pastor tinha por pai um proscripto. Além disto de que serviria rondar se não se apanhasse cousa alguma?

Era a patrulha do segundo tenente Rouaix, que havia tido a felicidade de capturar o pastor. Semelhante feito de armas abona um joven official. O segundo tenente Rouaix voltou ao corpo da guarda para redigir seu relatorio, e deixou o cabo Pedro Gandeau a frente da patrulha.

Não convém sómente vencer, como tem dito muitos escriptores celebres, convém tambem aproveitar a victoria. Redigir um relatorio he aproveitar a victoria.

A poesia tem desprezado cantar os guerreiros pacificos, que guardam nossas costas e vigiam nossas fronteiras. A lyra tem feito muito mais pelos seus inimigos naturaes, os contrabandistas. Aos olhos seduzidos dos autores de dramas e dos productores de romances o contrabandista tem a aureola que brilha na fronte do *klephta* do salteador calabrez, e do bandoleiro catalão. Em face dos albuns de canto, o guarda participa da humilde posição de gendarme. Desde o principio do mundo todas as guitarras vivem de opposição.

Algum dia se fará justiça aos gendarmes. Seja-nos permittido asseverar aqui que os jovens officiaes da alfandega são o adorno dos lugares que os possuem. O uniforme não lhes dá o prestigio dos outros heroes; mas elles tem valor, alguma tinctura das sciencias mathematicas e muita aptidão para as bellas lettras. Os que frequentam as sociedades tem grandes successos. Poderiamos citar alguns que não são inferiores aos empregados de prefeitura, nem mesmo aos caixeiros de negociantes.

Nas alfandegas, como em qualquer outra parte, um relatorio he uma letra de cambio sacada sobre a fazenda publica. Nem todos tem a occasião de redigir um relatorio. Um relatorio bem redigido vale um soneto sem defeito. O Deos que preside aos negocios do pessoal lê ás vezes os relatorios. Tem-se visto relatorios accenderem a tocha do hymeneo, e mudarem um supernumerario em especie de armador.

O segundo tenente Rouaix tomou uma folha de papel, acendeu o cachimbo, e molhou a penna na tinta. O vento que soprava pelas setteiras da torre e o grande rumor que vem do largo davam elevação aos seus pensamentos. Elle escreveu:

« Senhor director:

« No momento em que o horisonte politico parece cobrir-se de uma nuvem semelhante á nevoa que envolve nossas costas quando o tempo vai mudar, he dever de todo o homem honrado consagrar ao serviço do paiz, não sómente toda a sua força, toda a sua intelligencia, toda a sua vontade e toda a sua energia, senão tambem toda a sua prudencia, todos os seus cuidados, e geralmente a somma de faculdades diversas, que a natureza deu-lhe em partilha... »

O segundo tenente Rouaix parou aqui para esfregar as mãos com orgulho. Achava o começo excellente, e tinha razão.

« Chefe do posto na torre de Trehel, continuou elle a escrever, pela ausencia de meus superiores, achei-me repentinamente em conjecturas taes, que julguei-as acima de minha idade e de minhas forças. Com effeito, apenas tenho vinte e dous annos de idade, senhor director, e cinco de serviço com notas sempre excellentes e a estima de meus commandantes.

« Eis-aqui quaes são as circumstancias difficeis a que tive a honra de alludir acima, e que venci com uma certa felicidade; pois não posso attribuir mesmo uma pequena parte ao meu merecimento... »

Neste lugar o segundo tenente traçou um quadro vivo e bem sentido do estado da região. Desenhou mesmo uma pequena paizagem de estylo, onde via-se a torre de Trehel assentada no cume desse rochedo incessantemente batido pela tempestade, e tendo o triplo talento de supportar um telegrapho, de fazer gyrar um pharol, e de abrigar um posto de guardas da alfandega.

O contrabando fomentado pela gente do lugar, tomava proporções formidaveis favorecido por um leve fermento de hostilidade politica. A costa toda vivia de fraude, e não se devia esperar nenhum soccorro dos camponezes affeiçoados de coração ou por habito ao ramo primogenito dos Bourbons. Contrabando permanente, conspiração chronica.

Ora, esses dous flagellos tinham escolhido para rebentar o momento em que o segundo tenente Rouaix commandava interinamente o posto do cabo Trehel. Batalha renhida contra os mercadores de rendas de Jersey, desembarcados em Roche-Guiotte, tentativa inexplicada dos velhacos, que tinham chamado o patacho á falla debaixo do cabo, chegada de dous personagens mysteriosos, que suppunha-se serem proscriptos de 1832.

Noite cheia de notaveis peripecias, como dizia o segundo tenente Rouaix em seu relatorio.

« ....Eu tinha desde muito tempo, senhor director, tristes informações sobre dous patifes deste cantão que pareciam-me ser os promotores da desordem, e se assim me posso exprimir, os ministros plenipotenciarios do contrabando de Jersey no seio de nossas populações das costas do norte. Tenho hesitado porque ao primeiro aspecto a infima condição desses dous personagens preserva-os contra a suspeita, e se meu zelo inconsiderado podesse jámais comprometter a administração a que tenho a honra de pertencer, seria isso o pezar de toda a minha vida; mas esta noite minha hesitação teve fim: Vi com os meus proprios olhos, e os dous culpados estão, graças aos meus bravos subordinados nas mãos da autoridade.

« Um honrado medico da aldeia de Plouesnou, o senhor João Touril, veio a bocca da noite fazer-me uma declaração importante, e assignalou-me entre outras pessoas perigosas os dous individuos de que fallo. O primeiro, rapazinho apenas sahido da infancia, mas cuja perversidade excede os annos, chama-se Sulpicio, e occupa o lugar de pastor na fazenda de Treguz: tem um caracter resoluto e intelligente. Seu pai acompanha o famoso marquez de Maurepar, condemnado por contumacia no tempo da guerra da Vendea. O segundo he uma creatura *sui generis* como nossa Bretanha offerece ainda algumas, felizmente mui raras. He um selvagem, quasi um idiota, ganha a vida em um officio extravagante, cuja descripção offenderia a gravidade do objecto que nos occupa.

« Estes dous entes passaram a noite fóra de seus respectivos domicilios. Depois de ter dado busca em casa do ultimo, operação que teve nenhum resultado, mas que deixou-nos algumas desconfianças, o tornamos a achar na choupana do primeiro. A connivencia criminosa necessita por ventura de outras provas?

« Quanto ao primeiro, senhor director, tinhamos feito uma emboscada na Cruz do Conde entre o castello de Maurepar e Plouesnon. Era a estrada que deviam seguir os mercadores de rendas. Contra toda a esperança elles não a seguiram; porém V. S. verá que a emboscada teve um resultado excellente.

« Primeiramente pelas dez horas da noite vimos passar em grande desordem um joven sacerdote sobrinho do cura de Plouesnon. O caracter deste ecclesiastico fecha-me a bocca; mas não posso deixar de observar que as tendencias do clero são quasi geralmente legitimistas. Graças a Deos, a alfandega não he a policia!

« Pelas dez horas e meia o pastor Sulpicio lançou-se em nossas fileiras como um louco. Sendo interrogado balbuciou e respondeu palavras incoherentes supplicando-nos que o deixassemos livre, a affirmando-nos que tratava-se de vida e de morte.

« Insistindo eu com elle, o menino perturbou-se inteiramente, desfez-se em lagrimas e o nome de pai cahio-lhe dos labios. Julguei dever apoderar-me de sua pessoa.

« Resulta dos factos supracitados, senhor director, que os dous principaes instrumentos do contrabando estrangeiro estão presentemente em minhas mãos. Quanto ao Sulpicio pai, e patrão de barco, a prudencia de V. S. apreciará devidamente a informação positiva que acabo de dar-lhe. Esse homem está no lugar.

« Os acontecimentos ulteriores hão de necessitar provavelmente de um segundo relatorio; porquanto ainda não estamos no fim, e a noite nos offecerá talvez novas occasiões de provar nosso zelo. Término asseverando que todos os meus subordinados fizeram seu dever, e tomo a liberdade de assignalar particularmente á benevolencia de V. S. o cabo Pedro Gaudeau, o qual metteu-se até á cintura em um baixo para allumiar o rochedo, e cujo humor alegre temperado com uma leve dose de sarcasmo, sustenta o soldado nos momentos graves.

« Tenho a honra de ser com o mais profundo respeito, etc., etc.»

Tendo erigido este monumento, o segundo tenente Rauaix acendeu o cachimbo que se tinha apagado e poz-se a sonhar o paraizo dos empregados de provincia: a administração central na rua de Monthabor, o jantar a quarenta soldos, a platea da opera comica, a loureira da nossa classe, conquistada em Mabille no verão, no baile mascarado no inverno, e sempre prestes a estrear no theatro da porta de San Martinho.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 12.

MUTILADO

ILEGÍVEL

bach, referindo que em nome do rei compromettera-se a não consentir em nenhuma mudança nas instituições do paiz.

Victor-Manoel achava-se na alternativa de faltar ao que considerava como um compromisso de honra para com a Europa ou de ver-se talvez constrangido a chamar a Austria em seu auxilio para comprimir os movimentos do Piemonte: alternativa igualmente cruel para elle e diante da qual sua lealdade refugiava-se em uma abdicação! Mas seguia-se um facto singular e era que o primeiro resultado desta desgraçada revolução consistia em chamar ao throno o successor immediato de Victor Manoel, o duque de Genevois, personificação a mais clara da politica absolutista e austriaca. Os chefes do movimento tinham de recuar e submetter-se? Então sua tentativa não passava da mais pueril das temeridades.—Iriam por diante? Neste caso encontravam-se com a Europa colligada em Laybach. Eis o que não tinha visto os autores da revolução piemonteza de 1821 e o que ao principe de Carignan de sua parte não custara perceber.

Qual era com effeito a parte de Carlos Alberto nestas peripecias? Não resta duvida que até 10 de março escutara as confidencias de todas as aspirações patrioticas dos autores da revolução, mas elle não fora complice de seus actos. A abdicação de Victor Manoel vinha pô-lo na situação a mais critica collocando como regente á frente do estado até a volta do novo rei, que neste momento achava-se em Modena. Se tentasse romper bruscamente com a revolução arriscava-se a ser vencido por sua vez, deixando um interregno de anarchia; se pactuasse com ella, cahia na usurpação e lançava o Piemonte na mais terrivel catastrophe em presença da Europa inimiga e armada D'ahi a necessidade de uma politica de ambiguidades e de expedientes; de um lado sob a pressão do carbonarismo que excedia-se era forçado a proclamar a constituição hespanhola; de outro deixava a insurreição de Alexandria o caracter de uma rebellião amnistiando-a, dissolvia as juntas revolucionarias e punha-se em communicação com o duque de Genevois. Tinha de suster ao mesmo tempo o choque da reacção absolutista que despertava em um momento de sorpreza e conjurações secretas que votavam-no aos punhaes de seus sicarios. A alma deste principe de 22 annos tinha de passar nestes dias pelas anciedades as mais terriveis, e estas anciedades augmentavam ainda quando o marquez de Costa, enviado a Modena junto do novo rei, relatava alguma resposta terrivel. Carlos-Felis declarava com soberba e altivez que não reconhecia nada do que passava-se no Piemonte, que o primeiro dever para todos era submetter-se e que o exercito devia concentrar-se em Novara sob as ordens do general La Tour. Ao mesmo tempo em uma carta particular Carlos-Felis dizia ao principe de Carignan: Verei pela promptidão de vossa obediencia se ainda sois principe da casa de Saboia ou se tendes deixado de o ser. »

Vê-se como o terreno estreitava-se a cada passo. Não restava mais que uma resolução suprema, e esta resolução o principe de Carignan tomava-a secretamente a 21 de março. Seu ultimo acto, como para entregar a revolução a si mesma, era a nomeação de Santa-Rosa para ministro da guerra e a noite deixava Turin, illudindo a vigilancia dos chefes do movimento, de Santa Rosa mesmo. Assim a ultima probabilidade era roubada a essa revolução, que ficou isolada e reduzida a morrer com heroismo. Dictador da revolução piemonteza neste periodo extremo, de balde Santa-Rosa multiplicava de esforços; debalde illustrava essa empreza desesperada em uma ordem do dia em que procurava ainda revestir-se da autoridade de regente: apenas conseguia reunir um pequeno corpo de tropas de menos de tres mil homens sob o nome de exercito constitucional, em quanto o resto do exercito tornando a obediencia, collocava-se sob as ordens do conde de La Tour, apoiado de um contingente austriaco que approximava-se do Ticino.

A 8 de abril, tudo decidio-se em Novara por um encontro entre essas forças desiguaes, — e esta revolução de trinta dias acabava de existir. Dos que tomaram parte nella, uns soffreram penas crueis, outros andavam dispersos no exilio; Santa Rosa devia morrer na Grecia. Imaginai uma revolução de julho succedida em França em 1821, produzindo em resultado a abdicação de Luiz XVIII, a elevação de Carlos X e o adiamento indefinido do liberalismo desta epoca; a revolução piemonteza he a mesma cousa em theatro mais pequeno.

O principe de Carignan fora um conspirador, como tem querido fazer acreditar os partidistas da reacção piemonteza? Era um traidor no momento de crise, como disseram os revolucionarios em sua derrota! Não era nem uma nem outra cousa. Era simplesmente um mancebo agitado de instinctos generosos e occultando certas irresoluções naturaes no meio de seus arrastamentos apaixonados, que lançado uma vez de improviso em circumstancias em que muitos outros teriam enfraquecido, achara-se impotente para conciliar suas aspirações patrioticas com seus deveres de principe. Depois de haver por suas palavras, molestado o sentimento dos absolutistas, despertado as esperanças dos liberaes, devia encontrar as injustiças de uns e outros: era a fatalidade de sua situação. Transportaivos á vinte annos depois a 1839; só, encerrado em seu castello de Raconis, com esse ar religioso de que sua alma estava possuida, Carlos Alberto reflectia sobre esse periodo amargo de sua vida que era seu tormento, e elle proprio depunha seu pensamento em algumas paginas escriptas sob este titulo: *Ad majorem Dei gloriam.* »..... Fui accusado de carbonarismo! Confesso que fora mais prudente guardar silencio sobre os acontecimentos que passaram-se debaixo de meus olhos, não censurar as cartas regias que se concediam, as formas judiciarias e administrativas que regiam-nos; mas estes sentimentos de minha mocidade tem-se cada vez firmado e enraizado mais em meu coração.... Fui accusado de conspiração! Pelo menos eu seria levado a isto por sentimento mais nobre e mais elevado que o dos carbonarios. Confesso que fora mais prudente, se não obstante minha mocidade, tivesse-me calado quando ouvia fallar de guerra, do desejo de estender os estados do rei, de contribuir para a independencia da Italia, de obter a custa de nosso sangue uma força e extensão de territorio que podessem consolidar a felicidade da patria; mas estes movimentos d'alma de um joven soldado não podem mesmo ser renegados de meus cabellos grisalhos.. Eu o sinto, até meu ultimo suspiro meu coração baterá ao nome de patria e de independencia do estrangeiro.... » Assim Carlos-Alberto fallava comsigo mesmo dessa aventura de sua mocidade no meio das reservas de um reinado que só esclareceu-se por estas duas datas, 1821 e 1848.

Quem se não enganou sobre o que havia de mais grave nesse movimento mallogrado e na intervenção do principe de Carignan? Foi a Austria, e aqui começa outro drama que por ser menos conhecido não deixa de lançar alguma luz sobre a politica contemporanea. Apenas deixara Turin e o Piemonte, o principe de Carignan passara-se para Milão, onde fora recebido pelo general Bulna, que mostrava-o a seus officiaes dizendo hironicamente: « Eis o rei da Italia. » Elle ia a Modena ter com Carlos Felis e o novo rei recusara injuriosamente recebe-lo, foi ter com o grão-duque da Toscana, cuja filha esposara, e em Florença achou acolhimento affectuoso como homem, mas pouco apoio como principe. Por toda a parte existia hostilidade ou timida reserva. A palavra desta nova phase, só a Austria podia proferir. A Austria tinha distinguido claramente o movel mais vivo de Carlos Alberto; ella vira nesse mancebo destinado á reinar o espirito de independencia, o odio do dominio estrangeiro, tudo quanto tornando-se o pensamento de um soberano podia obstar sua politica na Italia. Para o momento, a presença de Carlos Felis sobre o throno da Sardenha garantia a subordinação da corte de Turin ás suas direcções, mas o futuro!

Por isto desde esse instante o pensamento fixo da Austria era romper com esse futuro quebrando no germen a realeza de Carlos Alberto, os agentes austriacos espalhados na Italia o proclamavam altamente, mias altamente mesmo do que convinha. « Nós lhe tiraremos o direito hereditario á corôa, » dizia sem reserva M. de Ficquelmont ao marquez de La Maisonfort, ministro francez em Florença. — E seu filho? continuava este. — Seu filho? (2) veremos. Poderia ser embaraço em razão de uma regencia, mas ha tempo de pensar. »

O que se desejava, o marquez de La Maisonfort dizia-o, era principalmente « afastar do throno o principe de Carignan, e traçar atravez uma regencia de quinze annos caminho para apoderarem-se de toda a Italia. » Os que viam mais longe chegavam até uma despossessão completa de Carlos Alberto e sua descendencia. A Austria caminhava para seu fim com singular persistencia e espreitando os menores passos do principe de Carignan, commentando e envenenando seus menores actos, procurando ate nos processos instruidos na Lombardia e no Piemonte o vestigio de suas connivencias revolucionarias para eleva-las á altura de um crime de estado, barreira insuperavel entre o principe e o throno. O principal instrumento d'Austria neste plano era o duque de Modena, Francisco IV, em cuja corte achava-se Carlos Felis no momento da revolução, e que desde o principio havia impellido o novo rei ás medidas mais inflexiveis. Este principe ambicioso, que correra toda sua vida apoz uma realeza, desposara a filha de Victor Manoel; a exclusão do principe de Carignan podia abrir-lhe caminho ao throno da Sardenha. A Austria com effeito propunha ao congresso de Laybach abolir a lei salica a respeito do Piemonte, e mesmo depois de haver sido mal succedida em Laybach, esta intriga continuava por muito tempo, até 1830, por intermedio do cardeal Albani, assalariado do principe de Metternich e parente do duque de Modena. O que ha de mais singular he que este principe modenez, conspirando com a Austria para chegar ao throno do Piemonte, não deixava de conspirar com outros contra a Austria para alcançar a corôa da Lombardia. Como mallograram-se todas estas intrigas? Pela lealdade de Carlos Felis, que apesar de irritado e severo contra o principe Carignan, recusava-se a desmembrar sua casa, pela habilidade, paciencia e tacto do mesmo Carlos Alberto no meio de provas muitas vezes rudes para sua altivez, e principalmente pela politica da França, que entervinha em seu favor e o cobria de sua protecção á vista da Austria. He este o laço do principe de Carignan com a França; he esta sem duvida a primeira explicação da parte que elle tomara em 1823 na expedição franceza á Hespanha, onde nossos soldados decretaram-lhe em Trocadero as dragonas de lãa de primeiro granadeiro de França. A necessidade de corresponder á honra da protecção que recebia, confundia-se evidentemente em seu espirito com certo desejo de rehabilitação politica aos olhos da Europa.

Reuni os diversos traços dessa situação, consequencia fatal de uma desastrada revolução, devida ao concurso de duas cousas eternamente perigosas, o arrastamento de algumas imaginações ardentes e o poder da occasião. Os liberaes vencidos e dispersos iam expiar a audacia de uma empreza impossivel, uns nos suplicios, outros no exilio, suplicio de outra especie. A Austria com uma mistura de paciencia e de ardidez, estendia sobre a Italia a rede de sua influencia; tinha soldados em Napoles, reinava em Modena e em Parma, deixando apenas á Toscana a illusão de sua independencia, a despeito dos generosos esforços do ministro Fossombroni para conservar ao menos as apparencias. O Piemonte cahia de novo sob o jugo de uma reacção vitoriosa fortemente organisada e personificada em um principe de grande rectidão de caracter, mas de vontade de ferro, e systematicamente hostil a todo o pensamento de patriotismo italiano e de liberalismo. Carlos Felis dissimulava a si mesmo sua dependencia para com a Austria sob o veo de identidade de politica. O principe de Carignan finalmente escapava dessa tempestade, magoado e desenganado, ameaçado em seus direitos, suspeito aos realistas puros por ter feito muito, suspeito aos constitucionaes por não ter feito bastante, visto como parecia ter desertado da causa no momento de perigo, assim como parecia te-la trahido ainda mais abertamente indo a Hespanha combater uma constituição que proclamara em Turin. Só por esforço de habilidade elle salvava-se; mas os acontecimentos tornavam-se para elle a origem do mais singular trabalho interior. Trahido pela fortuna, desconfiado dos homens e dos partidos que suspeitavam delle, refugiava-se em si mesmo. A experiencia amarga vinha alimentar germens naturaes de desdenho e de sarcasmo. Sua phisionomia mesmo, varonil e altiva, tinha certa impassibilidade misturada de penetração, que tornava-o tão habil em occultar seu pensamento como em sorprender o dos outros. As perseguições d'Austria accumulavam em seu espirito um immortal fermento, que nutria dissimulando-o. Já tambem por esta epoca, parece que para augmentar as complicações desse trabalho moral, seu espirito tendia para uma especie de mysticismo religioso em que serenavam e mitigavam-se suas magoas. De 1821 a 1831, o principe de Carignan desapparecia, de certo modo, isolado do paiz onde o esperava um throno. Que fazia elle durante estes annos?

Escrevia para seus filhos *contos moraes*, que só alguns confidentes conheceram. Não era obra de grande litteratura: era soffrivelmente escripta em francez, e a singularidade destes contos consiste em que a moralidade podia converter-se facilmente em epigramma contra certas passagens da vida do autor. Foi apenas pelo anno de 1830 que os rigores começaram a ceder para o principe de Carignan. Elle visitava a ilha da Sardenha, observando suas necessidades; reapparecia depois de dez annos sobre a scena, e quando logo depois com a morte de Carlos Felis tinha de passar para sua cabeça a corôa da casa de Saboya, esse principe, que tivera parte na revolução de 1821 e que fizera a campanha de 1823 na Hespanha, que joven ainda tivera acções e lances tão differentes, esse principe não deixava de ser uma figura enigmatica, um esphinge curioso de interrogar para a Europa, para a Italia, para o Piemonte. O que ia elle fazer? Quaes seriam suas tendencias? Não era da natureza de Carlos Alberto o entregar-se tão promptamente a qualquer especiativa, e talvez a condição do tempo não fosse muito propria para isto.

II

Foi a 27 de abril de 1831 que começou a reinar Carlos Alberto, até então segregado dos negocios de estado e não tendo outra experiencia além da adquirida em uma rapida tempestade, obrigado a conciliar a si todas as opiniões e não achando apoio senão em si mesmo, que era formado para o desdem e para essa arte, que um de seus mais intelligentes biographos, M. Cibrorio, chama a arte de dissimular. De 27 de abril de 1831, dia de sua exaltação, a 23 de março de 1849, dia de sua abdicação em Novara, que espaço não decorreu para um reinado em um seculo como o nosso! E neste espaço quantos acontecimentos não tiveram occasião de realisar-se! Na verdade, o reinado de Carlos Alberto he um composto de cousas as mais diversas, umas terriveis, outras cheias de obscuridade e de mysterio, estas pueris e pequeninas como as solemnes ninharias das realezas absolutas, aquellas uteis e grandes. Sobre este pequeno theatro do paiz subalpino, um drama permanente desenvolve-se; tudo marcha e confunde-se; as paixões revolucionarias tem seus choques tragicos em 1833 e 1834; as tendencias dos partidos tem suas lutas secretas até nos conselhos. Do mysterio das conspirações e das intrigas de corte, o movimento transformado e depurado passa para a luz publica o dominio de todo o paiz. O Piemonte vê crescerem seus interesses, e suas condições no interior melhorarem; um espirito novo agita os povos e a Italia mesma por um momento muda de face. O rei Carlos Alberto conserva-se no centro desse movimento, com uma mão nas repressões sanguinolentas, e a outra nas reformas, observando tudo e chamando tudo a si, equilibrando as influencias e neutralisando-as uma pela outra. Curado pelas aventuras de sua mocidade da precipitação e das illusões, cahe antes no laço opposto, desconcerta as esperanças no mesmo instante em que as provoca, deixando sempre uma especie de veo sobre seu pensamento secreto e acabando por dizer a seus confidentes: « Não he verdade que sou um homem incomprehensivel? » Logo nos primeiros dias de seu reinado, crea um conselho de estado, abole o confisco, e parece fazer de alguns actos de prudencia o ponto de partida de um regimen novo, e ao mesmo tempo deixa em viger todo o mecanismo e as tradições do governo absoluto, não toca em nenhuma das influencias reinantes em torno do throno, tanto que pode-se ainda perguntar: « Será um principe reformador? ou sera simplesmente o continuador da politica da vespera? »

Demais nesses primeiros annos nem tudo era facil. A Europa entrava em uma situação nova; a revolução de 1830 que realisara-se na França tinha vindo estabelecer o mais terrivel problema, o de excitar o espirito de liberdade e independencia entre os povos, deixando subsistir os regulamentos geraes de 1815. Não foi senão por um esforço de habilidade e de sabedoria que a França por si mesma resolvia este problema, refugiando-se no patriotismo da paz, e procurando o meio de estender suas fronteiras moraes pela influencia de seus principios, sem sahir de suas fronteiras materiaes. Para a Italia, liberdade, independencia, nacionalidade, tudo isso era a mesma cousa e não podia realisar-se senão com a exclusão da Austria, isto he, pela abolição dos tratados de 1815, finalmente por uma guerra universal. D'ahi a impossibilidade das revoluções tentadas em 1831 em Modena, na Romania, tentativas tanto mais impossiveis quanto coincidiam com a pacificação da primeira ebolição revolucionaria em França. O que tornava a situação da Italia mais difficil ainda era a ausencia de todo o elemento moderador entre o liberalismo violento das conspirações secretas e todas as doutrinas de immobilidade fortemente organisadas, disciplinadas mesmo nas associações particulares e levadas ao combate pela Austria. Era nestas condições que Carlos Alberto começava a reinar em Turin; elle achava-se entre o carbonarismo e todas as influencias absolutistas concentradas na sociedade chamada a *Catholica*. A questão, no pensamento do novo rei, não era fazer uma escolha entre estas duas tendencias, mas pôr-se acima dellas igualmente.

Com effeito observai: de um lado, nos primeiros momentos, o carbonarismo transformado na *joven Italia* apresenta-se sob a figura ainda desconhecida de M. Mazzini como para sondar Carlos Alberto; murmura-lhe ao ouvido a palavra magica: « Serás rei da Italia! — Mas a que preço? Com a condição de destruir tudo, de fazer-se o regenerador de toda a peninsula, de firmar o futuro; « senão, não! »

Assim fallava M. Mazzini em uma carta dirigida ao novo rei da Sardenha e habilmente propagada. Era uma estranha illusão. Carlos Alberto não amava o carbonarismo; no appello perfido desse tentador via como uma lembrança ironica de seus primeiros annos que vinha embaraçar seu presente e seu futuro; nesse pretendido auxiliar presentia o inimigo. Por isto, quando em 1833 a propaganda da *joven Italia* fazia sentir-se em Genova, em Chambery, no exercito mesmo, era subitamente detida pelas repressões as mais severas. Eram os momentos terriveis desse reinado nascente. Por toda a parte organisaram-se commissões militares; haviam victimas que inspiravam interesse, o joven official Effisio Tola, André Vocchieri. Quando pouco depois em 1834 M. Mazzini reunia uma legião de refugiados de todos os paizes para os lançar na Saboia, sob as ordens de Romarino, que por uma coincidencia singular devia morrer fuzilado junto de Novara por suspeita de traição, essa empreza dictada pela impotencia e a loucura, acabava pelo ridiculo e só fazia augmentar as repressões. Desde então a questão estava decidida, o espirito revolucionario estava por muito tempo vencido no Piemonte, e o novo rei sahia da luta livre de toda a solidariedade de um inimigo que odiava, e ao mesmo tempo temia como por um secreto presentimento.

De outro lado, qual era a situação de Carlos Alberto nesses primeiros annos, em presença dessa outra especie de influencias legadas pelo reinado precedente? Elle era rei, mas rei suspeito e observado, que não tinha a confiança dos homens a quem suas inclinações levavam a procurar apoio na protecção austriaca nem daquelles cujas crenças monarchicas e religiosas alliavam-se a certo sentimento de independencia; a seus olhos elle era sempre o principe de Carignan, o complice secreto ou declarado da revolução de 1821. Elle não ignorava que no tempo de Carlos Felis, um padre da companhia de Jesus mostrando um retrato da duqueza de Modena, filha de Victor Manoel dizia: « Oremos, para que seja este anjo quem nos governe, porquanto se Carlos Alberto subisse ao throno!... » Da parte da Austria a confiança não podia ser grande, e as outras cortes do Norte não deixavam o novo rei ignorar que estavam de accordo com a Austria para não supportarem mudança alguma de direcção politica no Piemonte, principalmente qualquer reparação dada aos homens de 1821. Qualquer precipitação podia ser perigosa, principalmente no principio de um reinado ainda mal firmado, e era preciso confiar no tempo e nas circumstancias. D'aqui proveio a necessidade do trabalho diplomatico proseguido com obstinação atravez de todas as desconfianças conjuradas. Era preciso o decurso de um anno e a morte do ministro titular para fazer chegar a pasta da guerra ás mãos de M. de Villasnarina, espirito intelligente e habil, inclinado ás reformas, e que fora ministro durante a curta regencia do principe de Carignan em 1821! Era preciso cousa bem diversa para trazer ao ministerio das finanças outro homem igualmente capaz, e igualmente desenhado nessa terrivel effigie de 1821, M. Gallina. Eram precisos quatro annos e um incidente estranho em que essa politica retrata-se inteiramente.

O membro do conselho mais opposto á nomeação de M. Gallina era o ministro do interior M. Scarena, que tinha parte em todos os factos. M. Scarena era homem inteiramente dedicado a todas as influencias absolutistas, e particularmente docil aos impulsos do ministro da Austria em Turin. Para dizer tudo, sua policia exercia-se sobre o mesmo Carlos Alberto. M. de Scarena, segundo dizem, tinha até a imprudencia de deixar escapar esta confissão, exprimindo mesmo as opiniões mais injuriosas a respeito do rei, e accrescentando que á primeira loucura o marechal Radetzky estaria em Turin para faze-lo abdicar. Desgraçadamente, M. Scarena em seus trabalhos de policia teve a idéa de empregar um personagem que fizera papel importante na politica romana em 1814, e que um dia desapparecêra pelos motivos menos politicos,— Tiberio Pacca. O principal acto de Tiberio Pacca foi imaginar uma vasta conspiração que envolvia tudo quanto era suspeito de inclinações mais ou menos liberaes, até os amigos mais dedicados de Carlos Alberto, até M. Cezar de Salmes, governador do duque de Saboia. Neste ponto mallogrou-se essa obra, imaginada na verdade para assustar o rei e acompanhada por elle com vistas tranquillas e silenciosas em todo o seu desenvolvimento. M. de Scarena julgava-se ainda seguro de ter tudo no trama de Pacca, quando he subitamente demittido do ministerio. « Tenho bastantes daquelles » dizia o rei. M. de Scarena tinha por successor o ministro da fazenda, M. Pralormo, e em lugar deste ultimo M. Gallina chegava definitivamente. Foi assim que Carlos Alberto marchou passo a passo, abrindo caminho a homens que correspondiam melhor a esse pensamento, que representavam em grão mais moderado certo liberalismo de vistas. He verdade que ao mesmo tempo o conde Sollar del la Margarita, nomeado secretario de estado dos negocios estrangeiros, tornava-se o campeão das tendencias absolutistas, de tal maneira que o interior do ministerio era um conflicto permanente entre duas influencias claramente pronunciadas e antipathicas.

Reunir homens divididos pelas opiniões, equilibra-los, oppo-los uns aos outros, não he systema novo de governo. Carlos-Alberto remoçava-o dando-lhe outro nome; era, segundo elle dizia, *fazer torcer o focinho aos homens.* Mas afinal de que lado estava o verdadeiro pensamento de Carlos-Alberto? A importancia que dava a fazer chegar ao poder M. de Villamarina e M. Gallina não o indica? M. de la Margarita não se illudia. Elle o disse na escola que traçou de seu ministerio sob o titulo de *Memorando historico politico*: « Eu não era o homem do coração e do pensamento do rei..... Eu não necessitava de grande penetração para ver que além de justo desejo de ser independente de toda a influencia estrangeira, elle nutria n'alma a versão profunda para com a Austria, e estava cheio de illusões sobre a possibilidade de subtrahir a Italia ao seu dominio. Nem uma só vez proferio a expressão —*cassar os barbaros*—, mas nenhuma de suas palavras trahia seu segredo.... » Eis a expressão desta situação.

Foi então, em 1835, que Carlos Alberto sentio-se mais livre em seus movimentos, assim como começou na realidade esse reinado em que tudo confunde-se, cujos segredos os servidores publicos não conhecem e que conserva o mais original cunho pessoal. Eu desejara pintar este homem no meio das complicações em que vivia, curioso por suas obras, mais curioso ainda por si mesmo, indeciso e obstinado, inquieto de todo o dominio e muito experimentado na arte de temporisar quando convinha, se encontrava resistencia declarada a seus projectos, raras vezes a vencia bruscamente, e era tambem raro que depois de haver agitado por muito tempo um pensamento em seu espirito, não insistisse nelle até faze-lo predominar. Não era falso, como dizem; apenas parecia-o, exactamente por que mostrando ceder proseguia afincadamente em seus designios. Rei em uma pequena côrte cheia de tradicções, Carlos-Alberto gostava da etiqueta, o que dava lugar a incidentes nem sempre serios: pode servir de exemplo a grande questão das *rendas* de madame de Obrescoff, mulher do ministro de Russia. Madame de Obrescoff apparecera na côrte de Turin com rendas brancas, que tinham talvez a vantagem de fazer realçar sua belleza; mas que incorriam na falta de usurpar uma cor especialmente reservada a rainha e ás princezas. No dia seguinte, por ordem do rei, o mestre de ceremonias lembrava ao corpo diplomatico as leis soberanas da etiqueta. Houve por isto grande sensação na diplomacia, troca de notas, expedição de correios por todas as estradas da Europa, — em fim uma tempestade felizmente apasiguada sem outra catastrophe! Como homem pelo contrario, Carlos-Alberto levava ao extremo a simplicidade e austeridade de sua vida. Seus costumes eram os de um anachoreta; deitava-se sobre o chão, dormia pouco, tomava nutrição frugal, arroz, raizes, alguns peixes, não tocando em nada nos banquetes de côrte. A proporção que o fogo da mocidade extinguia-se, o pensamento religioso tornava-se cada vez mais o alimento de sua alma. Sua religião sincera e pratica além disso, era uma especie de ascetismo ardente e profundo. Por causa destas disposições religiosas, acreditavam muitas vezes que o podiam prender e conservar ligado a um systema; mas não o podiam absolutamente, e elle mesmo dizia um dia que entre « o punhal dos carbonarios e o chocolate dos jesuitas » não queria nem uma nem outra cousa.

Nesta vida, como ultimo contraste, não existiria lugar para esses arrastamentos mais internos, mais humanos, que deixam sempre uma sahida no coração? He este sem duvida o lado mais mysterioso e delicado da vida de Carlos-Alberto. O mais duravel destes sentimentos terminara por participar do ascetismo de sua alma, transformara-se em culto reciproco, em uma sympathia purificada. Viam-se, estando separados por uma mesa; o rei abaixava os olhos como criança. Carlos-Alberto deixou entre mãos fieis um livro de orações, em que as vezes depunha alguns de seus pensamentos. Estas notas não teem nada de brilhante, trahem somente as preoccupações as mais diversas. Em uma pagina existem escriptas estas palavras: « Goza, tu que tens a victoria! » — Mais adiante, profunda marca assignala uma passagem, que exprime os transportes do amor mystico, recordando algumas palavras de S. Bernardo sobre o cantico dos canticos: « O amor canta neste cantico, e se alguem o quizer comprehender, ame......etc.» Era sem duvida este ardor interior, junto ao instincto fixo de Carlos Alberto em politica, que contribuia para dar alguma reserva ás suas relações com a rainha, a mais digna das mulheres, mas de um caracter differente, assim como era Austriaca pelo sangue e pelas inclinações. Por muitos traços Carlos-Alberto he um homem da meia-idade em nosso seculo. Aos olhos daquelles que só veem as apparencias era um principe absoluto, que jogava com os homens, que fazia promessas a todos, e não contentava a ninguem. Aos olhos do pensador, he um phenomeno moral dos mais curiosos. A' luz de 1848. he um desses homens taciturnos, que atravez dos mysterios e das contradicções de sua vida, não cessam de tender para o mesmo fim.

(*Continuar-se-ha.*)

PERNAMBUCO.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 16 de janeiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que das differentes participações hoje recebidas nesta repartição, consta que foram presos:

Pela subdelegacia da freguezia do Recife, o hespanhol André Braco, para averiguações policiaes.

Pela subdelegacia da freguezia do Poço da Panella, Francisco das Chagas Duarte, João José Ferreira e Satiro Clementino do Rego, todos para averiguações policiaes, José Ciriaco, para correcção, e o preto escravo Manoel, por fugido, e o francez Lartiga, a requisição do respectivo consul.

Por officio de 5 deste mez, communicou-me o delegado do termo de Nazareth, que na noite de 28 de dezembro findo, no lugar denominado—esquecido districto de S. Vicente d'aquelle termo, Manoel Cardoso, tendo disparado uma arma em occasião do festejo de uma novena, que alli se fazia, succedera casualmente que o tiro se empregasse na cabeça de um individuo de nome Antonio Ferreira, e o ferira gravemente, pelo que fora immediatamente preso, e contra elle ficava o respectivo subdelegado procedendo o competente summario para investigação do facto e conhecimento da verdade.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 16 de janeiro de 1855.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—O chefe de policia *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

DIARIO DE PERNAMBUCO.

O navio *Comte Roger*, entrado hontem, arribára em Romsgate, porto de Inglaterra; e as gazetas francezas que trouxe são de data anterior ás que já tinhamos. Mas o respectivo capitão diz que no porto da arribada soubera que um dos principaes fortes na linha de defeza de Sebastopol havia sido tomado pelos alliados; que a Austria obrigou-se por um tratado, celebrado entre ella, a França e a Inglaterra, a declarar guerra á Russia no 1º de janeiro no caso desta potencia não ter feito proposições de paz até aquella data; e que chegavam diariamente 2,000 homens de reforço aos alliados em Balaklava.

CORRESPONDENCIAS.

Srs. Redactores. — No seu *Diario* de 9 do corrente mez tiveram Vmcs. a benevolencia de dar um pequeno lugar a uma carta, em que eu provocava ao Sr. Dr. Carolino Francisco de Lima Santos a contar a historia do parto da fallecida Flamina, e a desmentir ou confirmar os boatos, que por ahi circulavam de que tinha sido eu a causa da morte da dita senhora, boatos estes que partiam do Sr. Carolino: felizmente no fim de quatro dias sahio-se o Sr. Dr. Carolino com a tal historia, e veio acabar com a anciedade com que todos o esperavam.

Principia o Sr. Dr. Carolino na sua narração por dizer que a minha carta em nada me honra pelo modo desabrido, por que o acommetti. Não sei, Srs. redactores, qual he o desabrimento, que caracterisa a minha carta: dei-me ao trabalho de lê-la outra vez hoje, e não vejo em que possa ser taxado de *desabrido, incivil, immoderado*, e emfim até *mal educado*, expressões estas que eu reverto intactas ao seu autor, porque só a elle pódem caber, á vista da maneira porque está escripto o seu communicado; mas eu tudo perdôo, conforme os preceitos do Evangelho, porque o Sr. Carolino pecca por bruto.

Não ha remedio senão fazer algumas considerações, não para responder ao Sr. Carolino, mas para dar uma satisfação ao publico, que nos ha de julgar, visto como eu não quero passar as raias da urbanidade e da decencia, e mostrar que quem pratica ou praticou *acções de certa qualidade* não deve nunca atrever-se a tachar aos outros de *faltos de educação*, porque conhecidas ellas ninguem mais duvidará dos principios do seu autor: eu entendo que devo suffocar os meus desejos, porque tenho uma posição social, adquerida pelo meu trabalho e pelas provas que tenho dado de ter aproveitado o tempo que gastei nos meus estudos: porém, advirto ao Sr. Dr. Carolino que seja mais comedido no seu modo de fallar, porque *quem tem telhado de vidro não joga pedradas no alheio*: eu vou dar o exemplo de bôa educação, para que o Sr. Carolino me imite; na certeza de que, se o Sr. Carolino tornar com iguaes expressões as de que se servio no seu communicado, receberá o troco e ha de se arrepender.

Srs. redactores, não foi por eu temer-me das accusações que me andava fazendo o Sr. Carolino pelas casas dos seus amigos, como elle mesmo confessa, que provoquei-o a fazer a narração do facto: eu estou conhecido em Pernambuco, e já todos sabem o que eu sei e o que não sei; o que posso fazer e o que não posso; e parece-me que o Sr. Dr. Carolino já vai sendo tambem conhecido; pois, quem escreve tão bôas memorias sobre *quarentenas e cholera morbus*, á prova de tudo quanto ha de melhor na medicina, na grammatica e na orthographia, como estas que o Sr. Carolino escreveu no *Liberal Pernambucano*, não póde deixar de ser tido por um medico eminentemente habil, instruido e capaz de levar de vencida a todos os seus collegas desta terra e de outras quaesquer que o Sr. Carolino houver de felicitar e honrar com a sua amavel presença; e demais quem não terá visto em Pernambuco esta mysteriosa caixinha das areias que o Sr. Carolino extrahio de um homem que tinha um calculo de grande consistencia e de ☞ polegada e meia de diametro pesando *quatro oitavas e meia*? quem não terá lido a magnifica historia dessa operação em que o insigne operador com aquella gravidade, que só compete aos mestres consummados e aos homens mais eminentes da sciencia, em cujo numero elle se acha, declarar em estylo soberbo e tom emphatico e onomatopetico: Eu extrahi o calculo sem offender a urethra nem a bexiga;—e mais adiante—que a suppuração exhalava um cheiro desagradavel devido—a *particulas insignificantes da mucosa que mortificadas iam sendo eliminadas*: oh! pessoas da profissão *attendite et videte quid magis* de contracensos se possa dizer em materias scientificas!! Só resta que o Sr. Dr. Carolino faça uma exposição do oculo com que vio o calculo dentro da bexiga, porque certamente nenhum medico em Pernambuco terá visto destes instrumentos; e admira que, quem como o Sr. Carolino estava persuadido que em Pernambuco ninguem sabia o que era *cephalotribo* (ou cephalotripo como o Sr. Carolino chamou em sua meia lingua) não se tenha lembrado de mostrar esse maravilhoso oculo de alcance, certamente nunca visto.

Mas para que estarmos a perder tempo com o Sr. Carolino, e cansando a paciencia do publico: vamos ouvir a historia para vêr-se até onde chega a sciencia do Sr. Carolino em arte de partos, que elle tanto aprendeu em França e praticou nos hospitaes ao lado de Caseaux, Paulo Doubois e Pajeau; eu não tive esta grande fortuna, o que sinto muito; mas, nem por isso posso julgar o Sr. Dr. Carolino habilitado a me dar regras em partos e nem a ensinar cousa alguma; porque, conhecendo, como conheço, ao Sr. Dr. Carolino desde que fomos estudantes, e o Sr. Carolino me conhecendo tambem do mesmo tempo, não he orgulho nenhum o dizer em alto e bom som—que antes quero errar com outros ainda muito mais ignorantes do que eu, do que acertar com o Sr. Carolino: assim fique o mesmo senhor entendido que he escusado dar suas licções, porque não as aceito, e, quando preciso de me aconselhar, ha livros para lêr e medicos de conhecimentos com quem possa consultar.

Ao amanhecer do dia 24 fui chamado (seriam 3 para 4 horas da madrugada) para ir á rua do Rosario estreita ver uma senhora que se achava mal de parto: chegado que fosse, encontrei o Sr. Dr. Pitanga, que dizia achar-se ahi desde a bocca da noite a chamado do Sr. Dr. Carolino: examinando a senhora achei-a com alguma febre e em soffrimentos horriveis, pois tinha de vez em quando dôres atrozes, procedidas sem duvida pela má collocação da criança: achei os dous braços da criança fóra da vulva, e fôra quanto era possivel quasi ate as espadoas: *horresco referens*!! estranhei semelhante cousa, por que nem só nunca vi, certamente porque não tenho a vista penetrante do Sr. Carolino, que vê calculos dentro da bexiga, como porque nunca li em author algum que a criança podesse apresentar ao mesmo tempo os dous braços: perguntei ao Sr. Dr. Pitanga o que era aquillo, e elle disse-me que quando chegou já achou aquelle mesmo estado, e o mesmo afiançou o irmão do Sr. Pitanga, a quem o Sr. Dr. Carolino se digna dar os mais bem merecidos epithetos: pergunto á parteira que lá se achava e ella respondeu-me que nada tinha feito; isto he que não foi ella quem puxou o outro braço: o que se segue? vamos mostrar com as proprias palavras do Sr. Dr. Carolino: diz elle: *examinando-a vi que o braço esquerdo da criança se achava de fóra, e por consequencia atravessada ella na posição* occiput iliacæ esquerda dorso para traz, *isto he, a cabeça para o lado esquerdo da mãi, e o dorso correspondendo a columna vertebral da mesma*: (he bom não perder-se a explicação do Sr. Dr. Carolino): ora, vindo a creança nesta posição, não carece entender de partos para saber que devia ter apresentado sómente um braço da parte de fóra; e como não foram os Srs. Pitangas nem a parteira que puxaram o outro braço, segue-se que foi o Sr. Carolino com toda a sua sciencia adquerida em França com os grandes parteiros, e eis-ahi sómente o que se póde chamar em erro crasso, crassissimo, e que a fallar a verdade só poderia ser commettido pelo Sr. Dr. Carolino, ou por algum outro, que estando no 5.º ou 6.º anno do curso medico receitava: R. calomelanos, jalappa, rhuibarbo etc., etc, etc., e ☞ *oleo de croton tiglium* q. s. para fazer pilulas ☜: ainda temos muitas outras historias no nosso canhenho de estudante, e que se fôr preciso, iremos contando-as, a proposito: e se foi o Sr. Dr. Carolino quem puxou o outro braço, segue-se que foi o Sr. Carolino quem commetteu o *erro crassissimo, imperdoavel e até criminoso*: o que parece, senhores redactores, he que o Sr. Dr. Carolino tendo reconhecido a posição da criança, e que era necessario fazer a *versão*, introduzio a mão para procurar os pés, porém encontrando o outro braço da criança julgou que era pé e trouxe-o para fóra: porém o Sr. Carolino não se deve desconsolar, pois que outros parteiros de *maiores bigodes* que o do Sr. Carolino, tem tido semelhantes enganos: tem tomado uma espadoa pelo vertice, tem introduzido o dedo no ano da criança, pensando ser na bocca, etc., etc.: o errar he dos homens, e creio que S. S. estará lembrado daquelles versinhos da poética de Horacio, feitos de proposito para desculpar os grandes homens dos homens de genio, e esses astros de brilhantismo raro, que poucas vezes apparecem, e em cujo numero deve S. S. ser contado, como raridade em *artes* de parto, os quaes versos diziam: *Quando, que bonus dormitat Homerus!!*

Meu sabio collega; he pena que S. S. puxasse o braço pensando puxar a perna, e que depois puxasse por ambos os braços, quanto foi possivel, quasi a pôr as espadoas fóra da vulva, e que encravasse desta forma a criança na excavação da bacia para depois dar-me o trabalho insano de empurrar a criança para cima afim de poder introduzir a mão e fazer a versão, o que me custou bastante e fez-me suar sem duvida mais do que S. S. para fazer o que fez. Vamos adiante.

Diz o Sr. Dr. Carolino na sua arenga: Ora, he regra estabelecida em partos que em casos taes se passe um laço no braço, etc. Permitta o Sr. Carolino que lhe diga que isto não he regra nem nunca foi: a regra he que dada uma apresentação do braço se espere algum tempo; porque ás vezes as contracções uterinas fazem descer a cabeça e o parto termina-se naturalmente a pezar do braço; a regra he que dada uma apresentação do braço, se faça a versão cephalica, isto he, Sr. Carolino, se traga a cabeça para a escavação, todas as vezes que isto for possivel; esta versão cephalica se faz quando ainda existe bastante liquido amniotico, e por conseguinte o utero não estando todo contrahido sobre o féto, este ainda move-se facilmente; agora o mais: dada uma apresentação do braço, quando já se tem escoado toda ou quasi toda a agua do amnios e que o utero está muito contrahido, e já se tem passado tempo bastante para nada mais esperar das forças da natureza, e não ser possivel fazer a versão cephalica, então a regra he fazer a versão pelvianna, isto he, versão pelos pés, para o que alguns parteiros mandam atar uma fita no braço, e como o Sr. Carolino não disse o fim para que, eu tambem não digo, e se quizer saber, vá ler o Cazeaux desde a pag. 814 até 845, no seu tratado theorico e pratico da arte de Partos, 3.ª edição de Paris 1850: ahi achará com effeito, o Sr. Carolino tudo quanto he preciso saber acerca da versão, dos casos em que ella se deve fazer, e das circumstancias que se oppoem a que ella se faça; he bom que o Sr. Carolino leia, e faça por entender; porque ler e não entender he o mesmo que comer e não fazer digestão!

Continua o Sr. Carolino: « e quando isto se não possa por maneira alguma conseguir, ☞ *attentas* ☜ as contracções fortes e espasmodicas do utero, que se não violente; visto que as violencias dão quasi sempre a morte, etc.: — eis a razão, senhores redactores, porque eu ha pouco disse que o Sr. Carolino lesse e fizesse por entender, porque o Sr. Carolino não comprehende o que lê; e demais a mais he digno de lastima, porque em materias de medicina he uma miseria: Sr. Carolino, S. S. não sabe que ha muita differença entre contracções naturaes e contracções *spasmodicas* ou tetanicas? não sabe que as contracções uterinas entram na classe das naturaes, e mais naturaes ainda quando são para expellir o producto da concepção, e que as contracções espasmodicas ou tetanicas tem o caracter das anormaes, e constituem um perfeito estado morbido? o Sr. Carolino não sabe que he destas contracções espasmodicas de que fallam os autores, quando tratam das causas que podem impossibilitar a introducção da mão dentro do utero e por conseguinte á versão? pois o Sr. Carolino durante uma noite inteira que esteve ao pé da parturiente não vio (he muito cego a pesar do seu oculo de alcance de ver dentro da bexiga urinaria!!! apre!!) que as dores que soffria a parturiente eram dores periodicas, expulsivas, que vinham e cessavam alternativamente? pois ha ninguem que, depois de assistir uma vez a uma senhora a parir, possa jámais deixar de conhecer uma cousa tão simples como uma contracção uterina? pois o Sr. Carolino em tantos partos que assistio na França e no que fez na rua Direita n. 18 não observou as contracções normaes do utero para expellir o feto, para poder distingui-las dessa contracção ou retracção espamodica? eu não tenho culpa que o Sr. Carolino ignore as cousas mais triviaes.

Creio que tenho razão no que digo e que não posso ser tachado de calumniador, porque estou argumentando com as proprias palavras do Sr. Carolino, quando no seu arrasoado elle diz mais, — e tanto he assim que a este respeito fallando um dos mais acreditados parteiros da França (Jacquemier, tom. 2.º, pag. 109) diz o seguinte: —.... *Les obstacles* a la version sont — encore-plus grand., etc.: bem se vê que este trecho de Jacquemier he relativo ás contracções espasmodicas de que o Sr. Carolino fallou acima, e o adverbio *encore* bem denota que o autor refere-se a alguma cousa de que elle estava tratando; pois continuando elle diz: — *la retraction spasmodique peut elle meme ceder spontanement.*

Demonstrado, como fica, a todas as luzes que o Sr. Dr. Carolino confundio *retracção espasmodica* com contracções naturaes do utero, *vulgo* puxos, e que como já dissemos a nossa doente não tinha *contracção ou retracção espasmodica*, mas sim verdadeiros puxos, porque quando ha verdadeira retracção espasmodica he quasi sempre impossivel introduzir a mão no utero, e muito menos fazer a versão; e não só eu introduzi a mão varias vezes, como disse o Sr. Carolino, como tambem logo que apanhei segunda vez o pé fiz a versão e extrahi a criança, permitta-se-nos que provemos com o testemunho de Mr. Caseaux e de algum author de igual nota, que tudo quanto acabamos de dizer he pura verdade, e que o Sr. Carolino he que está completamente enganado, porque só o Sr. Carolino he capaz de commetter erros de tão horrenda catadura, e que só podiam ser punidos com uma grande sova de palmatoadas...

O Sr. Caseaux, a quem o Sr. Dr. Carolino vio trabalhar, mas que creio nada pescou desses trabalhos, fallando das difficuldades que póde-se encontrar na pratica da versão pelvianna, na pag. 832, diz:

« *Retracção violenta do corpo do utero.* — He uma condição que torna sempre a versão mui penivel e mui difficil, e que mesmo em certos casos póde torna-la impossivel. »

O Sr. Chailly-Honoré, no seu *tratado pratico da arte de partos*, 3.ª edic. 1853 a pag. 856 diz:

« A retracção do corpo do utero e as contracções espasmodicas do collo uterino podem ser tão energicas, *que a mão não possa ser introduzida nos orgãos*, e que a evolução do producto se não possa effectuar, mesmo quando se podesse penetrar até os pés. »

Mas porque, senhores redactores, estar a cansar o espirito alheio? pois não basta a propria citação do Sr. Carolino para provar, sem receio de contestação que o Sr. Carolino tomou retracção espamodica por contracções uterinas, isto he que o Sr. Dr. Carolino ouvio cantar o gallo, mas não soube onde?

He escusado estarmos a fatigar-nos tanto, e por isso para não nos fazermos aborrecidos de mais, guardamos a outra dóse para o numero seguinte, e para irmos conforme os preceitos da arte, será um pouço mais dynamisada, a ver se se poderá dar algum choque na massa material e irracional do Sr. Dr. Carolino, e esperamos que o mesmo Sr., pela sua alta sabedoria e conhecimentos professionaes, que tem posto a todos embasbacados, nos perdoe, se esta que lhe envio não vai bem a seu gosto: até ao depois meu sabio doutor.

Seu admirador que tanto o inveja.

Dr. *Lobo Moscoso.*

Senhores Redactores.— Não sendo eu assignante do *Echo Pernambucano*, difficil foi vir-me ás mãos o n. 78 dessa folha, em o qual o Dr. Joaquim Pedro da Costa Lobo, ex-juiz de direito desta comarca, alongou-se em um libello famoso contra o coronel Luiz de Carvalho Brandão, e nivelou-me ao rez do chão. Podia eu desprezar essas fraquezas do Sr. Lobo, não dar-lhe resposta alguma, se por ventura ellas fossem escriptas aqui na comarca, e daqui não passassem; porque nesta comarca eu e o Sr. Lobo somos bem conhecidos; mas sendo, como foram, escriptas em uma capital, onde, com quanto tenha amigos e seja por elles bem conhecido, todavia o maior numero me desconhece, mister se me faz levar ao conhecimento do publico a verdade dos factos, para que não continuem a passar por verdadeiras as asserções do Sr. Lobo, força he pois dar-lhe essa resposta, com a leitura da qual o publico imparcial ajuizará qual de nós, se eu ou o Sr. Lobo, se transviou das regras da expressão fiel da natureza. Antes de entrar na apreciação da injuria, que irrogou-me o Sr. Lobo, peço ao respeitavel publico, releve-me as faltas que encontrar neste pequeno trabalho, attendendo a que nunca escrevi para o prelo, e só a obrigação da propria defeza far-me-hia pegar da penna para escrever estas linhas.

Querendo o Sr. Lobo pintar o estado desta comarca com côres mui feias, entendeu que devia servir-se do meu nome e de outros empregados da comarca, como imagens que deviam colorir o seu quadro, attribuindo-lhes todos os máos feitos nella praticados, como manivellas de particulares; ao passo que qualificou-se muito avesso a todos os actos máos, aos quaes presidia como mudo espectador, por achar-se aterrado. He muito bom homem o Sr. Lobo!

Ora diga-me, Sr. Lobo, não terá S. S. pejo de dizer nos prelos pernambucanos, que a vara municipal deste termo está debaixo dos pés do Sr. Carvalho, que della dispõe como propriedade sua, sem citar os factos, que isso provem?! Uma asserção como esta, avança-la contra a reputação de um magistrado, necessita de provas, sob pena de passar o delator, ou o Sr. Lobo pelo mais atrevido calumniador. Assim como S. S. apresentou os factos do Sr. Carvalho, para que não se dignou citar tambem os meus, que provam em como a vara municipal lhe propredade do Sr. Carvalho, está debaixo dos seus pés? Onde, em que cartorios vio o Sr. Lobo, despronuncias dadas por mim em favor de Manoel Jeronymo, Felix Pião, Pedro André, e Leandro, e pronuncias contra o padre Manoel Joaquim, e Manoel da Silva Franco? Para que atraiçôa e calumnia S. S. por esta forma a uma pessoa, que por ausente não lhe podia desmentir em continente? Ignorará S. S. que dizer, e não provar he calumniar? Pois bem, como S. S. não quiz citar esses factos, obrigou-me a significar-lhe, que em quanto S. S. não convencer ao publico com a apresentação de factos, que a vara municipal deste termo he propriedade do Sr. Carvalho, passa para mim e para o publico por um calumniador. Nenhuma outra prova mais se me faz mister apresentar para mostrar que S. S. he um falsario, sem fé, sem caracter, sem probidade, e sem qualidade nenhuma para occupar o alto cargo, de que está revestido, de que citar os attestados que S. S. me passou durante o exercicio do meu quatrianio, e depois delle (fallo do méo 1.º quatrienio, porque são os factos desse tempo a que se refere o Sr. Lobo, e não aos do 2.º, por ter eu nelle entrado no mesmo mez, em que foi removido o Sr. Lobo.)

Já bastante he a contradição em que cahio em seu mesmo communicado, quando confessa o Sr. Lobo, que sempre honrou o meu caracter, dando informações semestraes; porque se o meu caracter era digno de ser honrado, he porque não merecia censura, e se a despeito dessa sua confissão, declara S. S. que a vara municipal está debaixo dos pés do Sr. Carvalho, he propriedade sua, está completamente em contradição, ao menos cá em minha fraca logica assim qualifico.

Agora direi, que esqueceu-se S. S. de dizer que passou-me diversos attestados de transcendente elogio, o ultimo dos quaes passado em dezembro do anno passado, tempo em que já havia eu findado o meu quatrienio, era tão lisongeiro, que sobre varios elogios que me dava, dizia que —o meu procedimento como magistrado era digno de ser imitado.— Esse attestado não se acha involto nas trevas; de minhas mãos passei-o ás mãos do meu amigo o Sr. Dr. João José Ferreira de Aguiar, que mora nessa praça para o apresentar ao ministro da justiça, em cujas mãos talvez esteja elle agora e poderá ainda apparecer, se necessario for. Este só documento passado pelo punho do Sr. Lobo, he o desmentido mais solemne de tudo quanto S. S. avançou contra mim, ou do contrario desmoralisa sua autoridade ao ultimo ponto, porque de duas uma; ou o Sr. Lobo como juiz de direito passando-me esse attestado, cumprio um dever fallando a verdade despida de ornatos, ou faltou inteiramente a ella, e somente disse o que se encontra na bocca dos vis aduladores.

Se vogar a primeira hipothese, mentio o Sr. Lobo em seu communicado e mentio com perda de algum credito que poderia ter, e pretendeu adquirir, além de ficar qualificado infiel por trahir em ausencia a um collega, de quem sempre se qualificou amigo. Se porém não vogar a primeira hipothese e sim a segunda, então ainda fica o Sr. Lobo de peior condição; por quanto, com um attestado em que não dizia a verdade, só teve por fim o Sr. Lobo illudir ao governo a quem devia ser leal e franco, além de tornar-se perjuro, por não cumprir o juramento de desempenhar bem e fielmente os deveres do seu cargo, sob cuja fé attestou; devendo por isso ser considerado empregado desleal, sem fé e sem caracter. Veja pois o Sr. Lobo qual dessas duas hipotheses lhe serve, certo de que qualquer que engeitar, me serve.

Julgo-me isento de provar que nem o Sr. Carvalho, nem outro qualquer cidadão dispõe da vara municipal de Boa-Vista, como propriedade sua, a tem em fim debaixo dos pés, porque S. S. deixou de citar os factos que isso provasse; alguns que citou dizem respeito a outros termos e outros juizes, como do Ouricury, Bom Jesus, pelos quaes não respondo e só foram trazidos a baia pelo Sr. Lobo, para illudir ao publico fazendo-os passar como meus. Limito-me por ora a atirar a luva ao Sr. Lobo para que de novo apresente-se nos prelos pernambucanos, e publique os factos praticados por mim sob a direcção do Sr. Carvalho, ou por influencia delle, ou de qualquer outro cidadão da comarca ou de fora della. Se tiver a bondade de aceitar essa luva, ver-me-ha novamente em campo para contrariar, depois do que encarregar-me-hei de noticiar ao publico os peccados rezervados que S. S. tem, e que talvez não avalie que eu tenho delles conhecimento, mas deve S. S. saber, que eu não ignoro que o ex-juiz de direito nesta comarca foi muito pouco cioso da sustentação do seu caracter.

Fique pois, Sr. Lobo, emprazado para discutirmos nossos defeitos, nossos abuzos, e nossas prevaricações como empregados publicos, para que o publico faça seu juizo de nós ambos.

Villa de Cabrobó 24 de novembro de 1854.

Miguel Gonçalves Lima.

PUBLICACAÕ A PEDIO.

Illm. Sr. commandante, e mais senhores officiaes do 1.º corpo de artilharia a pé.

Illms. Srs. estudantes pernambucanos residentes na côrte do Rio de Janeiro.

A gratidão me obriga á falar-vos dos bons officios de amisade, que vos dignastes prestar ao meu charo filho unico Januario Alexandrino Caneca, alferes alumno da Academia militar, fallecido nesta côrte em o dia 15 de dezembro de 1854, antes, e depois da sua morte, e eu obedeci á essa brilhante virtude, como á um sagrado dever, sem consultar a debilidade de minhas forças; mas, que farei neste ensejo? Para onde me voltarei? na necessidade de agradecer-vos officios ortodoxos, e philantropicos, e na impossibilidade de o fazer dignamente? Porque meu coração comprimido pela angustia, e pela agonia não me deixa livre o discurso para falar-vos de objectos tão charos á minha paternidade, e á vossa fraternidade, e mal consente, que eu faça apparecer á minha dor, e saudade por meio de gemidos e soluços.

Quanto improprio sou, senhores, para este encargo, se me falta o pincel energico de um Flexier, de um Bognet, para traçar com fidelidade e energia o grupo dos meus sentimentos dolorosos, a minha dor, e ao mesmo tempo o meu reconhecimento e gratidão! Eu me remeteria á um profundo silencio, se não estivesse inteiramente persuadido, que vós liberalisaveis para com os meus defeitos.

Senhores, que poderei eu dizer-vos do meu charo filho Januario, que vós não saibais mais exactamente do que eu; pois que comvosco viveu pelo espaço de quatro annos? Meu charo filho unico Januario, que outr'ora era o objecto do meu mais sensitivo affecto, em quem empregava todos os meus disvelos, e serios cuidados, e applicava todas as minhas fracas forças, e sobre quem vertia todos os meus suores, he hoje o objecto dos meus lamentos e prantos, da minha mais acerba dor, e da minha eterna saudade; porque a morte, esse monstro infando, flagelo, e terror da humanidade, que faz continuamente gemer a natureza, esse monstro sanguinoso, affeito a estragos, sempre insaciavel de victimas, que não respeita sceptros, corôas, e tiaras, que de um só golpe lança nas ceáras milhões de victimas á direita, e milhões á esquerda, incluindo em o numero das suas victimas o meu bom filho, não consentio, que elle, que pelos meus e seus esforços, ia apparecendo entre os humanos, tivesse um dia um decente lugar na sociedade. Sim, senhores, essa fera mais cruel, e mais vivar do que a fabulosa Hydra de Lerna, cortando do meu bom filho o fio da vida, que feliz girar se via, roubou-me para sempre a gloria de ter um dia um filho digno da patria. Oh dor! Oh magoa! Oh pena! Oh saudade! Quanto sois de hoje em diante minhas inseparaveis companheiras!!

Senhores, para provar-vos a minha gratidão julgo bastante, sinceramente certificar-vos, que tendo o meu bom filho Januario, comvosco vivido, gozado da vossa leal, e sincera amisade, recebido vossos philantropicos favores e utilisando-se das vossas luzes, estou certo, que nada perdeu elle na minha ausencia, e se esta minha preciosa consolação, que vos confessa minha alma, que no acerbo da sua dor, toda se manifesta em lamentos, e prantos, não satisfez aos vossos desejos, e aos vossos tão importantes serviços, supri aquillo, que o meu perturbado entendimento não souber comprender, nem minha lingua expor; pois só desejo humilde, e respeitoso beijar vossas caridosas mãos, e banha-las com minhas lagrimas.

Senhores, vossos officios ortodoxos, e philantropicos ficarão sempre gravados em meu coração; pois que alem de ter eu uma alma sensivel tenho presente o importante penhor—os cabellos do meu caro filho Januario—que vós com um tino ajuizado, e prudencia esclarecida me fizestes o favor de enviar, e como dessa maneira provastes seres fieis interpretes da amizade, que eu consagrava ao meu bom filho, sêde tambem interpretes do meu reconhecimento, por tão importante offerta, que estará sempre comigo. Recebei portanto os votos, e sinceros cultos de amizade, respeito, e gratidão do vosso humilde servo —o infeliz

Januario Alexandrino da Silva Rabello Canecca.

SCIENCIAS E ARTES.

ESTUDOS SOBRE A PHILOSOPHIA NO SECULO XIX.

O DEVER.

Por Julio Simon.

Ha trez maneiras de trabalhar para o progresso da philosophia, particularmente da philosophia moral; cada uma dellas tem caracteres proprios, condições e necessidades.

Dar-se-ha caso que a philosophia moral seja apenas um brinco do espirito, e não terá ella um fundamento solido? Dar-se-ha caso que a liberdade, o dever, a justiça, a virtude e todas as regras da vontade humana não valham nada? Se estas cousas não são chimeras, posso fazer dellas o objecto de um estudo regular e profundo, e d'ahi tirar uma sciencia verdadeira. Mas para que mereça semelhante titulo, he força que se applique a preencher as condições que lhe impõe: remontar aos mais simples elementos, submette-los a uma analyse severa, encadear todas as idéas que devem constituir o proprio corpo da sciencia, de maneira que forme um todo systematico, mas não artificial. Se a linguagem vulgar não he sufficiente, não temamos recorrer á da escola; o pedantismo não consiste em fallar na sciencia uma linguagem scientifica, mas pelo contrario transportar o que só he feito para ella. Pela minha parte, não hesitaria propor aqui Kant como modelo deste genero, senão a tivesse exagerado tanto. Com effeito, pondo-se de parte o abuso que nelle nasce de um excesso de luxo, nunca a philosophia moral possuio formas mais severas; até poderamos dizer que, como Aristoteles, organisára a respectiva sciencia. A philosophia moral tratada desta maneira corresponde a uma necessidade do espirito especulativo, cuja satisfação he mui agradavel, e ao mesmo tempo he como o arsenal donde sahem as armas experimentadas que devem ser distribuidas pelos combatentes. Assim, não poderia faltar a povo algum civilisado, e a patria de Descartes e Malebranche não a desprezaria sem se aviltar.

Mas releva tambem reconhecer que sob esta fórma a philosophia apenas convem a mui pequeno numero. Só os adeptos, os iniciados, ou as pessoas da profissão he que não temem as eminencias escarpadas da sciencia. O vulgacho, isto he, a mór parte dos espiritos, nem tem tempo, nem gosto para elevar-se a este ponto. Para estes a metaphysica não passa de lettra morta. Exigem somente o que he simples, rapido e de facil comprehensão; quem quer chegar á razão deve primeiro abalar a imaginação e enternecer o coração. Para elle he que foi inventado o apologo, em que as lições de moral se occultam debaixo do véo da fabula; para elle he que as idéas racionaes são envolvidas nos symbolos e nas lendas das religiões positivas; e he justamente porque estas obram com força singular sobre a imaginação e o coração dos homens, que o respectivo imperio he tão amplo e o poder tão grande. Por ventura quererá isto dizer que a philosophia deve sempre deixar á religião o cuidado de dirigir-se ao vulgacho, e que não tenha nada a fazer nesta esphera? Pelo contrario, julgo que ella tem ahi um papel sublime a desempenhar, quer se ache em presença de uma religião ja purificada pelo espirito de exame e que bebera nesta mesma forma, com força nova, uma influencia mais morol e mais salutar,

MUTILADO

ILEGÍVEL

quer especialmente assista á decadencia de um systema religioso que, na falta de outro sustentaculo, deixe cahir outra vez no vacuo de qualquer crença e de qualquer principio as almas que já não sustenta. No primeiro caso, ella deverá propor-se a continuar e concluir a educação do povo, esclarecendo-o cada vez mais com as luzes da razão ; no segundo, se esforçará para encher a lacuna que a incredulidade deixa após si e armar os homens com uma doutrina que sempre permaneça em pé. Portanto, tambem deve haver uma philosophia popular que exponha de uma maneira intelligivel a todos as verdades e os principios que a sciencia estuda a seu modo e só ensina a alguns espiritos. Não direi que haja entre ellas um abysmo ; porque a materia he a mesma em ambas as partes, e o que uma propaga entre o povo, a outra deslinda, analysa, illumina, de sorte que a philosophia popular deve seguir o progresso da philosophia scientifica ; mas que differença não existe nas formas que lhes são proprias ! Aqui desapparecem necessariamente todos os processos, todo o requinte, toda a curiosidade da sciencia ; já não he o methodo, mas o resultado, a concepção abstracta, a idéa applicada, a especulação, a pratica, que cumpre investigar e seguir. Uma linguagem accessivel a todos he a unica que convem ; a imaginação lhe communicará utilmente o brilho, e o sentimento o calor. Logo terei occasião de voltar sobre a philosophia popular ; então mostrarei a importancia do papel que lhe pertence, e direi como he que ella deve applicar-se a representa-lo ; por agora seja-me sufficiente aqui o ter-lhe assignalado o lugar e indicado o caracter.

Entre a philosophia que he do uso dos sabios e a que he do uso do vulgacho, existe ainda um genero intermediario que pertence ao uso de uma classe inteira de espiritos, comprehendida entre o vulgacho e os sabios. Com effeito, quantos não ha que, em virtude de certa cultura litteraria e das commodidades da vida, podem dar-se a leituras serias, já demasiadamente requintadas para o commum dos homens, mas que temem as asperezas da sciencia, e que não poderiam supportar uma só pagina de um tratado de metaphysica ! A esta classe pertence a mór parte da gente elegante, e as proprias mulheres cujo espirito he mais cultivado. Tambem devemos juntar a estes grande numero de operarios, cuja intelligencia os colloca acima do vulgacho. E porque razão a philosophia não poderia ter um ensino apropriado a esta classe de espiritos ? Sem duvida quasi que elles se não accommodam com essas idéas tão abstractas, com essas analyses tão subtis, como essas deducções tão rigorosas, com esses methodos tão complicados e tão vagarosos, em fim com essa linguagem tão escrupulosa que convem á sciencia ; importando-se pouco com as exigencias della, querem ser seduzidos e ao mesmo tempo illustrados. E será isto cousa impossivel ? Perguntemo-lo ao sublime autor de *Phedro* e de *Gorgias*, ao orador philosopho que escreveu as *Tusculanas* e o *livro dos deveres*, ou ao escriptor que nos deu a *Profissão de fé do vigario saboiano*. Não julgo que este genero de philosophia, que chamarei litterario, seja sufficiente por si mesmo ; se não apoiar-se em estudos scientificos, não terá força nem consistencia. O vigario saboiano he ingrato para com os sabios, quando falla mal delles ; com effeito, onde bebeu elle tudo quanto expõe tão eloquentemente, senão nos seus livros ? Desterremos a sciencia na escola *illa se jacet in aula* ; não a proscrevamos, ainda em materia de moral : não praticaramos este facto impunemente. Mas lembremo-nos tambem quanto he restricto, especialmente neste paiz, o numero daquelles que estimam e cultivam essa philosophia scientifica para a qual peço que se conserve o lugar e o caracter que lhe pertence, e que pelo contrario não nos esqueçamos quanto he grande o numero dos espiritos a que a philosophia só poderia agradar e aproveitar em quanto se apresentar sob forma interessante e exercer sobre elles toda a seducção das lettras.

O livro que M. Julio Simon publicou recentemente sobre o dever, se dirige a esta classe de espiritos ; portanto pertence a este genero intermediario em que acabo de fallar, e preenche-lhe maravilhosamente as condições. Obra de intelligencia superior, afeita ás difficuldades metaphisicas por meio de longa meditação e numerosos annos de alto ensino, tem o methodo, a precisão e solidez que dá uma sciencia profunda, e junta-lhe todo o perfume que podem communicar a exposição das idéas ; estylo elegante e fluente, imaginação viva e alma apaixonada. M. Simon possue no mais alto grão o talento de revistir com formas brilhantes as idéas philosophicas, e por este meio tem o segredo de torna-las interessantes ás idéas cultivadas, mas estranhas a qualquer estudo especial da philosophia. Que serviço não se lhes prestara, offerecendo-se-lhes, segundo o programma de M. Simon, um resumo simples e claro das noções mais essenciaes da moral, especialmente quando se sabe como elle, fazer deste resumo um livro tão seductor quanto instructivo !

Para comprehendermos toda a importancia de semelhante obra, basta lançarmos uma vista d'olhos em torno de nós, e vermos em que estado se acham a morparte daquelles a quem ella se dirige. Por ventura haverá uma religião a que estejam sinceramente ligados e cujos preceitos lhes dirijam o comportamento ? Não serão elles sempre os filhos do seculo XVIII ? E que novas crenças, e que novos principios terão substituido os antigos ? He o effeito ordinario de certas doutrinas theologicas entregar ao scepticismo os espiritos que as abandonam, sem que tenham recebido outras lições. Como ellas os teem acostumado a ver sómente religião no systema dos seus dogmas e das suas praticas, e moral sómente na sua religião, quando se retiram de uma alma, levam tudo com sigo. Dahi resulta a incredulidade que ataca todas as crenças e todos os principios, a impudencia do espirito que arrastra ás mais das vezes a impudencia dos costumes, ou pelo menos a indifferença que mata os caracteres. Já não temos religião, nem tão pouco philosophia. Assim, o que será das almas que não são sustentadas nem pela fé nem por principios ? Por ventura não estarão ellas expostas, como praças sem defeza, a todas as mais vis paixões do coração humano, a cubiça, o egoismo, o medo, e a todos os flagelos que costumam acompanha-las ? E á vista disto, deveremos espantar-nos de ver em torno de nós tamanha versatilidade nas opiniões politicas, tamanha facilidade em glorificar-se successivamente todos os vencedores, e tamanho esquecimento da dignidade humana ? Com effeito, he força confessar que a ausencia de principios firmes he um dos caracteres da nossa época. Certamente muitos se escapam a este mal ou ás suas mais funestas consequencias pela elevação ou rectidão natural do espirito, pela honestidade das inclinações, pelo effeito de são educação e bons costumes. Mas o que domina na maior parte, he uma indifferença profunda para com as idéas moraes, quer religiosas, quer philosophicas, isto he, para com tudo o que he capaz de exaltar a alma e sustentar a vontade. A prudencia vulgar que nos impede de commetter certas faltas, porque nos contrariam os interesses (e he por isso que ella os denomina faltas,) mas que pela mesma razão nos dissuade do bem, quando pode comprometter, eis quasi a nossa unica virtude. O dever de todos os que são capazes de ter sobre a sociedade qualquer acção, consiste em lutar contra esta indifferença que fatiga. Já se não reduz á antiga religião aquelles que o espirito de exame tem affastado ; só a philosophia he que pode ter sobre elles alguma influencia. Portanto releva que ella se esforce para fazer que entendam as suas mais nobres e salutares lições.

Dar-se-hia exageração em pretender que até hoje ella só tenha sabido exercer uma influencia negativa. Fora isto injuriar não só á philosophia do nosso seculo, mas até á do seculo XVIII. Com effeito, todos sabem que foi unicamente desta philosophia que sahiram as reformas sociaes que inauguraram a declaração dos *direitos do homem e do cidadão*. E, no nosso tempo, sem embargo da indifferença que eu ainda pouco deplorava, donde nasce a corrente de idéas espiritualistas que disputa o terreno ao scepticismo e ao materialismo ? Donde nasce que se já não acreditam nas cousas da religião, se até já são indifferentes, pelo menos já não as consideram com o mesmo desprezo ; donde procede este facto, se não de que a propria philosophia deu o exemplo de uma critica menos negativa e mais ampla, e que se experimenta mais ou menos a influencia della ? Mas quanto não resta a fazer para restituir ás almas as azas divinas que lhes faltam, e á vontade o vigor moral que lhe pertence ?

A falta de principios solidos não se revela sómente pela indifferença do maior numero a tudo quanto não se resolve em interesses materiaes ; nem apparece menos entre os espiritos ardentes a quem repugna tão vergonhosa indifferença, e que procuram um alimento para a sua generosa actividade nas questões politicas e sociaes. Com effeito, são questões estas que atrahem hoje mais do que tudo, a qualquer que he capaz de reflexão e que só cuida em si, no seu bem estar, na sua fortuna. Certamente merecem todo o interesse que excitam ; nem serei eu que desconheça a respectiva importancia. Mas releva que ninguem se engane, ellas não dispensam o estudo philosophico ; pelo contrario suppõem certa philosophia, e he porque não nos temos applicado sufficientemente a este objecto, que não possuimos principios fixos, e algumas vezes nos disvairamos de uma maneira tão singular. Em minha opinião, assim se explicam os dous principaes vicios da mor parte das theorias que, conhecidas pelo nome de socialismo, (fallo sómente dos seus deffeitos ;) o primeiro, consiste em não se importar sufficientemente com a liberdade individual, isto he, com o que faz a dignidade do homem e sua força ; o segundo, em promover a reforma da sociedade por meios exclusivamente economicos, isto he, materiaes, e dest'arte esquecer-se dos principios moraes e da acção regeneradora que lhes he propria. Por tanto, importa mais do que nunca propagar as verdades fundamentaes da philosophia moral, e demonstrar que fora dahi, não ha salvação nem para o individuo nem para a sociedade.

O dever ! esta palavra sublime que serve de titulo ao livro de M. Simon, deve ser altamente proclamada no gremio de uma sociedade que só parece sensivel á voz dos interesses materiaes. Ella nos lembrará que não estamos neste mundo unicamente para ganhar dinheiro e fartar os nossos appetites, que ha obrigações moraes em presença das quaes todos os confortos da vida não valem nada, e que nestes interesses he que devemos cuidar antes que tudo. M. Simon tem muita razão em pensar que o momento he opportuno para fallar aos homens acerca dos seus deveres ; por outro lado he sempre opportuno lhes fallar nelles com eloquencia.

O dever, isto he, a obrigação de obedecer ás leis da razão, suppõe a liberdade, isto he, o poder de nos conformarmos com ellas ; assim M. Simon estuda primeiro a liberdade, que he o instrumento e a condição da moral ; demonstra-lhe a existencia ; e, como ella ha sido algumas vezes contestada, examina as objecções que se tem agitado contra ella e depois refuta-as.—O homem he livre, e por conseguinte capaz de moralidade ; mas tambem he dotado de inclinações ou paixões que obram sobre elle, e lhe inclinam a vontade : investigar a origem destes moveis, classifica-los, descrever a natureza e o fim de cada um delles, eis-ahi um estudo que se colloca ao lado do precedente ; forma a segunda parte da obra de M. Simon.—Em si propria a paixão não he mais do que um movel cego ; não he ella que pode ministrar ao homem a regra de proceder, mas deve ser subordinada a um principio superior, isto he, a uma idéa da razão. Cumpre que se considere esta idéa em si mesma, que se lhe determine a natureza, e desse-lhe, se for possivel, uma formula exacta e commoda. He este o proprio coração da moral ; M. Simon consagra-lhe a terceira parte do livro.—Emfim, não basta demonstrar que o dever não he uma palavra vãa, mas uma idéa solida da razão pura, releva indagar que obrigações precisas esta idéa nos impõe, e como se applica ao nosso comportamento nas suas diversas relações ; n'uma palavra, releva passar da idéa ao acto, ou da abstracção á realidade ; tal he o objecto da quarta e ultima parte do livro de M. Simon, que offerece desta maneira um bosquejo de toda a moral. Este simples plano abraça tudo, a *liberdade*, a *paixão*, a *idéa*, o *acto*, e he tão luminoso quão fecundo. Pela minha parte não posso fazer mais do que segui-lo, para examinar, sobre cada um dos pontos que comprehende, as riquezas que a philosophia proporciona ao serviço do nosso tempo, e que M. Simon expõe com muita clareza.

I

Se ha um ponto que a philosophia tenha conseguido pôr fóra de contestação e cercar de luz, he seguramente a liberdade do homem. Este attributo que o tira da ordem das cousas para eleva-lo a dignidade de pessoa, todos trazem em si e a cada instante o manifestam, quer em bem, quer em mal ; mas he á reflexão philosophica que pertence expo-lo com toda a clareza, e esta tarefa se acha hoje admiravelmente satisfeita. A philosophia antiga, ás vezes tão penetrante e tão profunda, quasi que não tinha cuidado em applicar sobre este lado o esforço da analyse ; sem que excluisse a liberdade, não a tinha sufficientemente descriminado entre as outras faculdades da nossa natureza, e não lhe havia dado um lugar mui preciso nas suas meditações. Apenas tem uma expressão distincta para designar este attributo da nossa alma. Já para o fim, quando com o estoicismo ella tornou-se principalmente uma escola de moral, quando especialmente chegou á epoca em que cresceu e se desenvolveu o dogma christão, a sua attenção foi forçosamente attrahida para as questões relativas á liberdade humana ; mas não nos legou sobre este assumpto analyse satisfactoria. A theologia christãa devia necessariamente agitar a questão da liberdade humana e della fazer um problema especial : ensinava que o homem decahido em consequencia do peccado original não podia passar sem o soccorro da Graça Divina para rehabilitar-se e obrar bem ; desde então o que vinha a ser da liberdade, e se ella não desapparecia, que parte lhe restava nas boas obras ? Eis-ahi questões á que era impossivel escapar. Todos sabem com que ardor foram agitadas, a que doutrinas contrarias deram lugar, e como foi que a Igreja sustentou ao mesmo tempo na sua orthodoxia o dogma da graça e o da liberdade. Discriminada desta maneira e collocada no lugar das questões capitaes pela theologia, a questão da liberdade conservou naturalmente este lugar na philosophia moderna. Não ha doutrina que se não tenha occupado della e não a tenha resolvido a seu modo. O racionalismo, excluindo o sobre-natural, se desembaraçára da difficuldade de conciliar a liberdade com a graça, mas nem por isso supprimia toda a difficuldade : restava harmonisa-la, ou com a natureza, ou com a acção de Deos na humanidade. Alguns não hesitaram sacrifica-la a necessidade physica, outros a necessidade divina ; mas o fatalismo delles era consequencia deste espirito de systema que despreza a realidade e fecha os olhos á evidencia dos factos. Cumpria chamar para este ponto os espiritos que dest'arte se desvairavam, e demonstrar a todos que, por maiores que fossem as difficuldades que podesse agitar a liberdade humana, ella era um facto certo, inabalavel, attestado pelo mais irrecusavel dos testemunhos, o da consciencia. Cumpria estabelecer de tal sorte esta verdade, e torna-la tão palpitante que já não fosse possivel contesta-la, e que ficassemos sobre este ponto na grande estrada do senso commum, mas illuminando-a com a luz da reflexão. Foi isto justamente o que fizeram os ultimos trabalhos da philosophia, maxime da philosophia franceza, e o fizeram de uma maneira tão triumphante, que não sei se ha hoje em alguma paragem uma cabeça pensadora, pertença a que systema pertencer, que se não incline perante o facto da liberdade humana. A propria philosophia allemãa novamente, ao renovar o espinosismo, se vio obrigada a reforma-lo sobre este ponto ; talvez menos consequente, não se atraveu a eleva-lo até o desprezo do senso intimo. Por outro lado já não estamos em tempo destes systemas concebidos fóra das mais vulgares noções da experiencia e do senso commum ; hoje o que se pede antes que tudo á philosophia, he que ella respeite a realidade e não a sacrifique ás suas theorias. Sem duvida perderá em originalidade, mas ganhará em verdade, em influencia e consideração. Porventura serei eu livre ou não ? A paixão e a razão disputam entre si o meu comportamento : dar-se-ha caso que eu tenha o poder de resolver-me a meu bel prazer n'um ou n'outro sentido ? He esta uma questão de facto ; a consciencia dar-lhe-ha a resposta. Invocando este testemunho, a philosophia pôde dar-lhe uma solução que affronta todos os systemas : foi-lhe bastante descrever por via da analyse o que está na consciencia de cada um. He tambem sobre este testemunho que M. Simon funda a sua invencivel demonstração ; por este meio he que elle refuta peremptoriamente as objecções que se elevaram contra a liberdade. Segundo a minha opinião, esta refutação já não recahe sobre doutrina alguma contemporanea, mas he ainda uma forma de demonstração, mostrando que a liberdade humana está livre de qualquer ataque. Eis pelo menos um dogma ácerca do qual já não he permittido dizer que fica entregue ás disputas dos homens. D'ora em vante a moral he possivel, porque já não haveria nada para uma machina.

II

Sou livre, e por conseguinte capaz de governar as minhas paixões, em vez de segui-las como escravo. Mas o que he a paixão ? Qual he a sua origem e o seu fim ? Como he que certos philosophos só viram nella o elemento mao da natureza, ensinaram que era mister extirpa-lo dahi inteiramente, e que esta *apathia* era a condição da sapiencia. Muitos homens ainda creem que como ella se acha profundamente alterada por uma corrupção original, tem necessidade de ser totalmente renovada e reformada. E entre estes, alguns até chegam a querer arrancar ao coração os sentimentos mais naturaes e as inclinações mais legitimas. Outros pelo contrario, fazem da paixão o principio supremo dos nossos actos : substituem-na á idéa do dever no comportamento da vida, e pensam que só ha belleza e bondade no que deriva desta fonte. Com effeito, fazem dimanar dahi a generosidade, a dedicação, o enthusiasmo ; mas supprimem a regra. Ha muitos tambem que da mesma fonte só tiram a lama em que se chafurdam, *Epicuri de grege porci*. A' vista destas opiniões contrarias, o que deveremos pensar ? Será necessario proscrever a paixão com uns, ou glorifica-la com outros, ou não haverá um systema mais verdadeiro ? N'uma palavra, qual he o papel da paixão na vida humana ? Para reconhece-lo, basta explicar a natureza do homem. Ella he ao mesmo tempo razoavel e sensivel. A sensibilidade e a paixão, pois que n'um sentido geral tudo he a mesma cousa, precede a razão e sempre lhe vem em soccorro : primeiramente ella suppre-a ; em todos os casos determina a direcção que nos sollicita a actividade ; emfim, quando a razão faz entender a sua voz, ella vem ainda apoia-la, estimulando e sustentando a vontade. A Providencia, que regulou todas as cousas com soberana sabedoria, poz em nós o prazer e a dor para que nos conduzam a fazer o que convém á nossa essencia, arrastrando-nos para certos objectos, desviando-nos de outros. Procurar o prazer, evitar a dor, tal he a lei fundamental da natureza sensivel ; debaixo desta duplice acção se desenvolvem em nós inclinações ou tendencias instinctivas, que tem por alvo a satisfação das nossas diversas necessidades, e finalmente o complemento do nosso destino. Cada uma destas inclinações nos foram dadas para um bom fim ; mas não recebemo-las para deixa-las entregues a si proprias. He que o homem não he como um animal : o seu destino não he seguir cega e fatalmente as inclinações da sua natureza ; he encarregado de se governar a si proprio, e para isso he que he dotado de razão e liberdade. Intervém na vida, não para assistir a este espectaculo como espectador passivo, mas para conduzi-la como mestre ; assim cessa de ser machina e adquire um valor pessoal. Dahi o papel que he chamado a representar em presença das inclinações da natureza. Estas por si proprias são cegas : releva esclarece-las. São impetuosas e desordenadas : releva conte-las e regula-las. São diversas e oppostas : releva harmonisa-las, encerrando cada uma dellas em justos limites. Não só lutam no mesmo individuo, mas as inclinações de uns estão longe de se conciliar com as dos outros ; releva, por fim, a semelhante conflicto, reduzindo-as a uma lei commum. Muitas vezes as mais violentas se revoltam contra os preceitos da razão ; o dever ordena, a natureza resiste : releva então comprimir ou suffocar-lhe os movimentos por meio de sentimentos de outra ordem. Eis ahi o que teem a fazer em nós a razão e a liberdade ; e eis tambem a fonte da dignidade humana. Devem esclarecer e dirigir a paixão, mas não condemna-la e repelli-la absolutamente. Portanto não convem pregar o divorcio da paixão e da razão : a paixão sem a razão, he capricho e desordem ; a razão sem a paixão, he fria abstracção. « Todo o homem he necessario ao homem. » diz mui bem M. Simon (p. 163). Assim he justo conceder-lhe que não há determinação da vontade onde a paixão não concorra com a sua parte. Não chegarei a affirmar que a razão he impotente para obrar directamente sobre a vontade, e que só poderia determina-la pelo intermedio da paixão ; mas o que he mui certo, he, que como a natureza do homem he o que he, não ha idéa moral sem algum sentimento que lhe corresponda e lhe preste apoio, e que por consequencia a vontade não toma resolução alguma dictada pelo dever, sem que a sensibilidade não se tenha abalado no mesmo sentido que a razão, e não tenha obrado de accordo com ella. Eis-aqui um homem que preferio o ultimo supplicio a um acto infamante : para se resolver a subir ao cadafalço, foi-lhe mister abafar no peito os mais vivos sentimentos, o amor da vida, a saudade de deixar para sempre aquelles que amava tanto quanto a si proprio, o horror da sua natureza para a dor physica ; mas se uma parte da sensibilidade se revoltava contra a resolução que o dever lhe ordenava, a outra contrabalançava nelle a influencia da primeira e sustentava-lhe a vontade. A vida lhe he chara, mas o dever ainda mais, e a satisfação que experimentava em preenche-lo ajudava-o a dominar todas as outras inclinações. He duro renunciar a vida, ou, para suppor uma alternativa menos tragica, sacrificar o bem estar ao dever ; mas he mais duro que o homem perca a estima de si proprio e viva deshonrado, ainda que seja somente a seus proprios olhos. Por tanto serve para contrabalançar aquelles que o dever subleva contra si, e he para elle um poderoso auxiliar. Mas não são somente os sentimentos moraes propriamente ditos, bem como a alegria da consciencia ou o medo dos remorsos que, apoiando a razão e estimulando a vontade, concorrem para o complemento dos nossos deveres ; os outros nossos sentimentos ou as outras nossas inclinações devem tambem conspirar para este facto ; pois que se fazem parte da nossa natureza, he apparentemente para nos ajudar a realisar o nosso destino. Toda a questão consiste em sabe-los governar. Por tanto o que deve fazer neste caso a philosophia moral ? Examinar cada um destes sentimentos ou cada uma destas inclinações naturaes, determinar-lhes o papel e a importancia, e mostrar até que ponto he legitimo. Foi o que fez mui dignamente M. Simon ; e dest'arte previne as outras partes da sua obra, mas nisto imita a propria natureza que fez do sentimento o preludio instinctivo da razão.

A tarefa que a philosophia moral tem a executar e que M. Simon satisfez com grande felicidade, suppõe uma classificação exacta e completa das paixões. Desgraçadamente, de todas as partes da psychologia, o estudo da sensibilidade he ainda o que deixa mais a desejar. Os livros dos philosophos encerram sobre este assumpto thesouros de observação; debalde procuraremos nelles uma theoria que resista ao exame. Este facto he especialmente verdadeiro quanto á escola escoceza : observadores habeis, mas destituidos do talento da synthese, Reid e Dugald-Stewart, depois de Adam Smith, analysaram delicadamente as nossas diversas paixões ; mas apenas nos elevamos acima das particularidades, ja não encontramos nada que satisfaça nas suas theorias. Assim, aproveitando-se da theoria de Dugald-Stewart, M. Simon foi obrigado a modifica-la e transforma-la, dando-lhe um caracter muito mais philosophico. De uma maneira contraria á certa doutrina recente que procura nas tendencias primitivas da nossa natureza a causa que determina o pazer ou a dor, M. Simon com razão colloca na dor ou no prazer a origem de todos os movimentos sensiveis da nossa alma. O prazer ou a dor, eis sem duvida o facto primitivo e o principio gerador de todos os outros ; determina o amor ou o odio, donde sahem igualmente o desejo e a aversão. Nascido do prazer ou da dor, e indo dar no desejo ou na aversão, o amor ou o odio he a forma geral de que se revestem as paixões. He debaixo desta forma que M. Simon as considera ; e como o amor se especifica segundo os differentes objectos a que se pode applicar, e como estes objectos se reduzem a tres ; o eu, o mundo, ou mais particularmente a humanidade e Deos, divide toda a sensibilidade humana em tres grandes classes : o amor do homem para com sigo mesmo, o amor da humanidade, e o amor de Deos. Tal he o quadro em que reduz, rectificada, elevada e completa, a theoria do discipulo de Reid. Este quadro, seguramente mui philosophico, estará tambem isento de qualquer objecção, e as subdivisões que o autor introduzio, sempre serão perfeitamente rigorosas ? Não me atreverei affirmar, mas não obraria bem se quizesse procurar difficuldades especulativas n'uma obra puramente de moral. Prefiro resumir as uteis lições de que abunda.

O amor do homem para com sigo mesmo nasce com elle e nunca mais o deixa : serve-lhe de sustentaculo e aguilhão. Em verdade he a raiz do egoismo que consiste em ver somente a si no mundo, e reduzir tudo a si ; mas he porque então tornou-se exclusivo e cego ; contido e bem dirigido, produz melhores effeitos. He elle que nos prende á vida tão fortemente que, por mais desgraçados que sejamos, temos horror de morrer, e que, quando ella está em perigo, praticamos milagres para salva-la. He elle que nos estimula a velarmos no nosso corpo e satisfazer-lhe as necessidades ; instrumentos necessarios do nosso destino, os appetites physicos só são censuraveis quando são desregrados ; pertence-nos governa-los. He elle que excita no homem a necessidade de se apropriar das cousas exteriores; se o amor da propriedade degenera facilmente em avareza e gera os mais tristes abusos, nem por isso deixa de ter a sua indispensavel utilidade no individuo de quem he um dos estimulantes mais vivos, e na sociedade civil de que he um dos principaes elementos. He elle que faz nascer em nós o desejo da estima, da consideração, do louvor e o temor do desprezo ou da censura, moveis sugeitos a se desvairarem como todos os outros, quando não são submettidos á razão, mas potentes auxiliares das leis moraes, capazes de contrabalançar o proprio amor da vida ; ha sem duvida um falso ponto de honra, como bem o monstruoso preconceito que se chama duelo, mas ha tambem um justo sentimento de honra, que torna mais facil o complemento do dever e conduz aos grandes actos. He ainda o amor do homem para com sigo mesmo que gera o desejo do poder ou ambição, paixão criminosa e funesta quando invade a alma de Cezar, paixão nobre e fecunda quando inflamma o coração de Washington. Emfim, he elle que nos impelle a desenvolver todas as faculdades da nossa alma, a cultivar, em vez de deixa-los em olvido, todos os dons que recebemos da natureza, a crear ou enriquecer a sciencia, as boas artes, a industria.

Mas se o amor do homem para com sigo mesmo concorre indirectamente para o bem da sociedade, he por sua natureza pessoal. Ora, como os homens não devem viver somente para si proprios, mas para seus semelhantes, a natureza os dotou com sentimentos que tem por fim o bem de outrem. Taes são primeiramente os sentimentos da familia que unem estreitamente um pequeno numero de entes destinados a formar uma primeira sociedade na grande. O primeiro annel desta cadeia de ternas affeições he o amor que o homem e a mulher concebem um pelo outro ; devemos-nos acautelar de confundi-lo com o appetite do sexo, posto que lhe esteja ligado, pois que não tende somente á união dos corpos, mas a das almas. Do homem e da mulher, de quem faz um só ente, o amor desce ás novas creaturas em que se reproduziram e ás quaes são tão necessarias, mais vivo, mais cego, na mãi de quem constitue quasi toda a vida, mas frio no pai, porem mais esclarecido ; dahi remontando ao pai e á mãi sob a forma de um sentimento mesclado de ternura, respeito e reconhecimento, liga ainda entre si os filhos oriundos do mesmo sangue. Todas estas affeições são descriptas por M. Simon com rara felicidade ; pinta-lhes com enthusiasmo as delicias e a benefica influencia. Foi moda nos ultimos annos passados declamar contra os inimigos da familia, como se os houvesse em alguma parte e como se os seus ataques ameaçassem-na seriamente ; M. Simon não cahe nestas declamações ja gastas; mas visto que não ha erro que não tenha tido adeptos, visto que houveram homens que condemnaram como contrarios ao bem do estado ou da humanidade os sentimentos da familia ; imprudentes que, segundo a bella expressão de Aristocles, afogam no mar o pouco mel que receberam em partilha, visto que emfim em o nosso proprio tempo appareceram certas doutrinas que tendiam a destruir estes sentimentos ou alterar-lhes a pureza, he força repellir estas aberrações do espirito humano. Por outro lado, penso com M. Simon, que se o proprio principio da familia nunca foi gravemente compromettido pelos ataques que fingiam temer, existe alguma cousa mais seriamente ameaçado e por outras causas : he o espirito de familia. Estas causas, M. Simon colloca-as com perfeita precisão nos proprios effeitos das liberdade, no amor sempre ingente de lucro, na indifferença em materia religiosa e philosophica, emfim, na transformação cada vez mais notavel da primeira educação. He nisto especialmente que está o perigo ; he ahi que a philosophia moral deve applicar o remedio. — Os sentimentos da familia não exhaurem todo o nosso amor para com outrem : he por isso que a sociedade não deve ficar circumscripta nos limites da familia, mas dilatar-se no circulo mais amplo da republica, e finalmente abraçar a humanidade inteira. Dahi resulta o amor da patria, que pode sem duvida ter alguma cousa artificial no seu desenvolvimento, mas que nem por isso deixa de ter as raizes em a natureza humana, e que, se ás vezes lhe demasiado estreito, he, em compensação, uma das principaes fontes da dedicação e do heroismo. Dahi emfim resulta o amor da humanidade, que no homem se prende ao proprio homem, independente dos laços da familia e da patria, e que dest'arte faz do genero humano uma como immensa sociedade de irmãos. M. Simon lança em rosto aos estoicos o terem desprezado o amor da patria, e terem somente admittido o da humanidade, não querendo outra patria mais do que o mundo ; mas não fora justo acrescentar que semelhante exageração era uma reacção natural e a certo respeito util contra o amor da cidade, que entre os antigos era tão estreito e tão exclusivo ? Porventura não será nada o ter pregado no meio da sociedade antiga o dogma da unidade do genero humano ou da fraternidade universal ? E, a despeito das suas exagerações, não terá o estoicismo merecido bem da humanidade ?

Alem do amor que o prende a si proprio e do amor que o prende aos seus semelhantes ; ha no coração do homem um pendor que tende á eleva-lo acima do mundo e que o atrahe para a fonte suprema de todas as cousas : he o sentimento religioso. Para reconhecermos-lhe a força, basta que lancemos os olhos sobre a historia da humanidade. Não ha povo que não tenha tido a sua religião e o seu culto ; ora, sublimes ou grosseiros, o que exprimiram em substancia, sob formas diversas, todas as religiões e todos os cultos, senão a necessidade de render homenagem ao soberano poder de que dimanam a natureza e o homem ? Não existe sentimento mais elevado do que este : he, na ordem das paixões o ultimo termo da sensibilidade, assim como na ordem das idéas, a noção de Deos he o ultimo termo da intelligencia. M. Simon fez deste o alvo de todos os nossos amores, cujo motivo colloca no amor do homem para com sigo mesmo. A theoria que expõe a este respeito he talvez mui systematica, exige certas restricções, mas tem um sentido profundo : intelligencia e sensibilidade, tudo no homem parte do *eu* para ir acabar em Deos. Admittido isto, pertencerá a uma analyse exacta identificar com o amor de Deos o amor da justiça e todos os movimentos pelos quaes se exprime, bem como a sympathia, a admiração, a indignação ? Não nego o laço que os une; pergunto apenas se estes dous sentimentos fazem somente um ? Não haverão almas em quem o amor da justiça he mui desenvolvido, mas que estão longe de elevar ao mesmo grão o sentimento religioso ? Talvez diga alguem que ellas possuem o sentimento da divindade assim que tem o sentimento do justo : com effeito, servindo-me das palavras de M. Simon, a justiça he um dos raios que Deos envia ás nossas almas e por onde se manifesta. Muito bem, mas he necessario convir tambem que nellas o amor da justiça quasi que se não parece com o que todos os homens sentem pelo nome de amor de Deos. Assim como a idéa da obrigação moral he a certos respeitos independente da de Deos, a que conduz, mas de que fica distincta ; assim o sentimento moral he distincto e sob uma relação independente do sentimento religioso, que provoca e que o coroa, mas não o constitue. Em todo o caso, M. Simon tem razão de arranjar o sentimento religioso entre os elementos naturaes do coração humano, e colloca-lo no vertice de toda a nossa sensibilidade. Mas este sentimento sublime tambem tem riscos : M. Simon assignala com energia o mysticismo, como o cachopo em que se perdem aquelles que o exaltam excessivamente,—o mysticismo, esta aspiração da alma humana que tem por objecto abismar-se na natureza divina e com ella confundir todo o seu ser. Nobre erro, mas perigoso, porque não deixa lugar no homem para a liberdade e para a razão, e lhe faz desta arte esquecer-se das condições essenciaes da sua existencia e o seu verdadeiro destino. M. Simon ainda podera assignalar outro abuso do sentimento religioso, em todos os tempos e ainda hoje muito mais perigoso que o primeiro,—fallo do fanatismo. Verdade he que este ja não he a exaltação do sentimento religioso ; he antes a sua degradação. Mas he isto que o torna temivel. O mysticismo quasi que só se poderia encontrar em certas almas de primeira ordem que, se immolando a si proprias, procuram perder-se no seio de Deos; existem poucas destas almas, especialmente nos nossos dias. Pelo contrario o fatalismo, filho da ignorancia, convem as almas mais vulgares, cujos sentimentos desnaturalisa e despreza. Já não he a humildade, mas o orgulho que o inspira ; em vez do espirito de sacrificio, o espirito de dominio ; em vez da mansuetude, a aspereza de coração e a crueldade. Não preciso recordar a rude guerra que fizera a este velho inimigo do genero humano a philosophia do seculo XVIII ; mas por ventura ficaria elle completamente morto ?

III

Eis-ahi a paixão, eis-ahi o papel que lhe compete na vida humana ; he uma fonte de bem ou de mal, segundo he bem ou mal dirigida. Assim, cumpre governa-la. Para este fim uma regra se faz necessaria. Mas onde deveremos procura-la ? Sem duvida não ha de ser na propria paixão, pois que he ella que se pretende governar. Por outro lado nada he mais differente de si propria e nem mais movel do que a paixão ; he por isso que o homem mereceu ser chamado cousa ondeante e diversa. Ora, quem diz lei moral, diz principio universal e invariavel. Todas as doutrinas que procuram em tal ou tal sentimento o fundamento da moral, estão condemnadas á pena seguinte : construem sobre areia movediça o que requer ser edificado no rochedo. Os philosophos que pretendem fundar a moral no interesse, se refutam da mesma maneira, porque o seu principio dimana da mesma fonte : não passa de um principio sensivel, ao qual sem duvida se junta a reflexão, mas a reflexão do egoismo. Todas estas falsas doutrinas tem sido de tal sorte esclarecidas pela critica moderna (não fallando na philosophia antiga), particularmente pelo Kantismo, pela escola escosseza e pela nossa philosophia franceza contemporanea, digna herdeira dos seus illustres predecessores, que quasi nada restaria a ser feito nesta esphera pelos recemchegados, se não houvessem inimigos sempre promptos a erguer o collo e habeis em se esconder debaixo de novas formas. Seguindo os vestigios de tantos mestres, M. Simon vai direito á razão para pedir-lhe o que só ella pode dar,—o principio regulador do comportamento humano. Encontra-o na idéa da justiça. M. Simon emprega aqui este vocabulo no sentido elevado e geral que lhe dera a lingua de Platão, como exprimindo todo o bem moral ; mas, no uso ordinario como o vocabulo justiça se applica especialmente aos deveres sociaes, talvez fosse melhor reserva-lo para este emprego, afim de prevenir qualquer confusão. O proprio M. Simon não escapa a este inconveniente ; com effeito, quando chega a investigar a formula da justiça, cedendo então aos costumes da linguagem vulgar, toma-a em um sentido mais restricto, e dá-lhe tambem uma formula que não comprehende a moral individual, nem a moral religiosa. Por outro lado, ou o entendam no sentido mais restricto ou no sentido mais geral, o que he certo he que o vocabulo justiça representa uma idéa que cada um traz comsigo ; manifestamo-la a cada instante por meio dos juizos que fazemos sobre os actos humanos ou dos sentimentos que se seguem. Nem se diga que he a educação que a introduz em nós : a educação pode esclarece-la, mas não crea-la ; trazemo-la comnosco, he innata, como diz Descartes. Eis ainda uma verdade que a philosophia tornou evidente. Em balde sophisticarão sobre este ponto : não farão que os maiores philosophos, desde Descartes até Kant, não sejam sobre este ponto de accordo com o senso commum. Se a idéa da justiça he innata, tambem he universal : ministra a todos os homens uma regra commum e invariavel. Em balde objectarão a divergencia das suas opiniões em materia de bem ou de mal ; pelo facto de que todos os homens não consultam igualmente a razão, não se segue que ella não seja a mesma para todos. Não só a idéa da justiça he universal, mas he absoluta, isto he, não depende da constituição particular da intelligencia humana, mas he a forma necessaria de qualquer intelligencia possivel. Todos estes caracteres tão profundamente analysados pela philosophia de Kant, M. Simon os expõe com a precisão que lhe he propria e com a sua acostumada elegancia.

Ainda vai mais longe : procura em Deos a propria substancia da justiça. Não segui-lo-hei nas considerações metaphysicas a que se eleva neste assumpto e na critica a que submette uma recente theoria da razão, que desfechou crueis golpes no sensualismo, mas que deixa ainda alguma cousa a desejar sob a relação da precisão e do rigor. Neste ponto M. Simon se esqueceu de alguma sorte que estava escrevendo um livro de moral para o uso daquelles que não fizeram da philosophia estudo especial ; e apezar da sua extrema clareza, dar-se-ha caso que estes estejam em estado de entender as altas especulações e as sabias discussões em que o metaphysico gosta de internar-se ? O ponto essencial, he que se comprehenda cabalmente que a idéa da justiça e a idéa de Deos se acham estreitamente ligadas, e que a primeira conduz necessariamente á segunda. Não indago se a passagem pela qual M. Simon vai de uma a outra he a mais propria para satisfazer um espirito critico, averiguo sómente o resultado : a idéa da justiça conduz seguramente á idéa de Deos. Um grande philosopho até chegou pensar que, entre todas as idéas da razão era esta a unica que tinha a virtude de demonstrar a existencia de Deos e revelar-nos os seus attributos ; pelo menos he certo que nenhuma lança maior claridade sobre esta questão. « A mais irrefutavel demonstração da existencia de Deos, diz M. Simon, que todavia está longe de cahir na exageração da doutrina de Kant, he a vida e a morte do justo (p. III). » Mas releva tambem reconhecer com Kant que se a idea da justiça chama e assegura a de Deos, ou que se a moral encontra o seu remate na religião (he claro que só fallo na religião da razão) he independente della no sentido que tem por si mesma valor absoluto e tira da sua propria natureza o principio da obrigação que nos impõe. Sejam quaes forem as idéas que se façam a respeito de Deos, da sua natureza, dos seus attributos, das suas relações com o mundo, quer sejamos deistas, pantheistas ou scepticos, a lei moral não deixa de ser igualmente obrigatoria, e o dever sempre subsiste. He que não vamos da idéa de Deos á da justiça, mas da idéa da justiça á de Deos. Sem duvida podemos considerar a primeira independente da segunda : se nos limitarmos a isto, a nossa philosophia ficará certamente incompleta, mas as leis que lhe dictar a razão não deixarão por isso de ser regras absolutas. Seja qual fôr a doutrina philosophica ou a religião á que pertençamos, a sua autoridade permanecerá sempre a mesma ; ninguem tem o direito de se libertar dellas.

Assim, M. Simon, ligando a justiça a Deos como á sua substancia eterna, terá razão para accusar de paralogismo o systema que procura a formula della na idéa da natureza divina ? Não concebemos a lei moral como a lei de Deos senão porque a concebemos primeiro como principio obrigatorio. Não he consultando a vontade de Deos ou perscrutando-lhe a perfeição que se determina esta lei ; he o methodo universal que he verdadeiro. Se não convém procurar este conhecimento na contemplação da natureza divina, tão pouco se deve pedi-lo ao estudo da natureza exterior : a moral não poderia depender de uma sciencia tão complicada e tão longa ; nem á historia da humanidade : não he segundo os resultados que julgamos do valor moral das acções. Pelo contrario devemos proclamar justo tudo o que triumpha. Monstruosa doutrina que M. Simon fulmina com toda a energia. Demonstra cabalmente o vicio de todos estes falsos systemas, mas dar-se-ha caso que a sua critica fulmine tão justamente a doutrina dos estoicos e a do nosso illustre e lamentavel contemporaneo Jouffroy, que associa ao que chama o systema psychologico e que accusa de empirismo ? Quando os estoicos diziam ao homem : « Vive conforme a natureza, » não entendiam por natureza outra cousa mais que a razão, que distingue o homem dos outros animaes, e dest'arte constitue a sua propria natureza. Assim a moral delles foi sem duvida uma moral racional ; e, se peccou, foi por excesso deste sentido. O erro não foi tomar o ponto de partida na natureza do homem, foi pelo contrario não consulta-lo sufficientemente, e, não se importando com os seus elementos, desconhecer as verdadeiras condições do nosso destino. Ahi está a fonte dos seus erros ; dahi foi que chegaram a uma moral que se póde dizer sobrehumana, mas que por isso mesmo já não he humana. Renovando neste ponto a doutrina dos estoicos, Jouffroy resolveu a idéa do bem moral, ou do dever, na idéa do complemento do nosso proprio fim no seio da ordem universal de que he um elemento. Não será isto uma concepção racional ? Mas como determinaremos este fim, senão consultando a nossa natureza ? Não será isto mesmo uma lei da razão ? Assim, quando Jouffroy diz ao homem : Se queres conhecer o teu destino e as obrigações que delle dimanam, interroga a tua natureza ; ora, desprezará elle a razão, ou seguirá a marcha que ella mesma nos indica ? He forçoso chegarmos a este ponto, todas as vezes que pretendemos sahir da abstracção e determinar os nossos deveres. Dar-se-ha caso que a moral fique por isto menos solida ? Mas não será sempre a razão que lhe ministra o principio regulador ; e o conhecimento de que tem necessidade será alguma cousa incerto e variavel, ou não bastará recolhermo-nos em nós mesmos para ahi encontramo-lo todo ? Fôra conveniente que nos entendessemos acerca do methodo que se deve seguir em moral ; sem duvida só a razão he que nos póde fazer conceber o dever ou o bem, e communicar a estas idéas os seus caracteres ; mas, para sabermos justamente em que consiste, he força invocar o conhecimento da natureza humana. E não será isto o que fez o proprio M. Simon no bello capitulo sobre a paixão em que já fallei, e na ultima parte do seu livro onde trata das acções, isto he, dos nossos diversos deveres ?—Mas emfim qual será a formula em que se resumirá toda a moral ? Todo aquelle que se tenha um pouco occupado de philosophia conhece a que Kant deu a este respeito : « Obra de tal sorte que a maxima da tua vontade sempre possa ser considerada como principio de legislação universal. » M. Simon prefere estas duas simples phrases que se ensinam aos meninos : « Não faças a outrem aquillo que não queres que façam a ti. «—« Faze a outrem aquillo que queres que te fizessem. » Sem duvida esta duplice formula he mais comprehensivel que a de Kant, e por isso convém mais ao uso vulgar. Por outro lado tem a vantagem de tornar evidente uma distincção que a formula de Kant não póde indicar por causa da sua propria generalidade : não só não devemos fazer mal algum aos nossos semelhantes, devemos fazer-lhes bem. Mas ainda não he bastante ampla, porque só se applica aos deveres dos homens entre si e não abraça nem os nossos deveres para comnosco mesmos, nem os nossos deveres para com Deos. Assim, não podemos considera-la como a formula universal da moral. He esta justamente uma das objecções que Kant fazia-lhe. Deixo de parte as outras que não são destituidas de fundamento sob a relação scientifica, mas que não são de grande importancia. Eis ahi a formula da *justiça* e da *beneficencia*, mas as virtudes que os antigos acrescentavam a estas sob o nome de *coragem* e de moderação, n'uma palavra, a moral individual fica fóra desta formula. Sob esta relação, a de Kant he superior, porque se estende a todos os deveres. He justo reconhecer que esta he um excellente *criterium* em materia de obrigação moral, isto he, um meio seguro de descriminar se um acto he contrario ou conforme ao dever, pois que, com effeito, a universalidade que exprime he o caracter essencial de qualquer dever. Apenas duvido que seja tão propria para inspirar a caridade e a dedicação como a justiça e o dever, e he por isso que lhe he conveniente juntar-lhe as que M. Simon toma á doutrina christãa, e aquella que as resume, e que he tão bem feita para acender no coração do homem o foco das mais sublimes virtudes : « Amai-vos uns aos outros ; pois he esta a lei e os prophetas. » Mais uma observação, M. Simon pensa que a justiça não consiste sómente em não offender, mas que comprehende tambem o dever de servir, e tem até certo ponto. Por outro lado, admitte que se a beneficencia he algumas vezes um dever de justiça, muitas vezes deixa de se-lo, sem que deixe por isso de ser uma virtude ; he justamente esta virtude que se chama caridade. Ora, sendo assim, não será necessario determinar com precisão a differença que existe entre a justiça propriamente dita e a pura beneficencia ou a caridade, e marcar claramente o limite que as separa ? Neste ponto basta seguir o exemplo de Kant, ao qual cumpre sempre voltar, quando se trata de moral, porque elle he certamente o maior moralista dos tempos modernos.

(*Continuar-se-ha.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 16 DE JANEIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Assucar mascavado escolhido — 1$700 e 1$750 por arroba.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 15.	185:461$688
Idem do dia 16	15:970$361
	201:432$049

Descarregam hoje 17 de janeiro.

Barca franceza—*Comte Roger*—mercadorias.
Brigue inglez—*Ann Porter*—carvão.
Brigue inglez—*Everton*—idem.
Escuna ingleza—*Arrow*—idem.
Brigue inglez—*Belle*—vinho.
Brigue hollandez—*Kennet*—o resto.
Brigue sueco—*Superior*—farinha de trigo.
Hiate brasileiro—*Amelia*—generos do paiz.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 15.	23:766$396
Idem do dia 16	2:117$122
	25:883$518

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 15	1:669$272
Idem do dia 16	425$254
	2:095$126

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 1 a 15	4:774$291
Idem do dia 16.	1:038$828
	5:813$119

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 15.	32:838$842
Idem do dia 16	1:879$942
	34:718$784

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 16.

Aracaty—9 dias, hiate brasileiro *Aurora*, de 37 toneladas, mestre Manoel José Martins, equipagem 6, carga couros, sola e mais generos ; a José Manoel Martins.

Bahia—25 dias, patacho hespanhol *Desco*, de 137 toneladas, capitão Pablo Bosch, equipagem 11, carga assucar e mais generos ; a Manoel Joaquim Ramos e Silva. Veio arribado por avaria, seu destino he para Genova.

Havre e Ramsgate—51 dias, do ultimo porto 46, barca franceza *Comte Roger*, de 213 toneladas, capitão Tamborel, equipagem 23, carga fazendas e mais generos ; a Lasserre & Companhia. Passageiro, Michel Nora.

Navios sahidos no mesmo dia.

Bahia—Patacho brasileiro *Alfredo*, capitão Manoel Gomes de Oliveira, carga sal e palha.

Canal—Brigue inglez *Ruthenia*, capitão D. Scott, carga assucar.

Porto Rico—Brigue americano *Francis Jane*, capitão J. H. Rirch, em lastro.

Aracaty—Hiate brasileiro *Invencivel*, mestre Antonio Manoel Affonso, carga fazendas e mais generos. Passageiros, Salvador Lucio da Cunha, José Joaquim Seve.

EDITAES.

João Pinto de Lemos, commendador da ordem de Christo, commerciante matriculado no tribunal do commercio da provincia de Pernambuco, e juiz commissario nomeado pelo mesmo tribunal.

Faz saber que tem designado o dia 19 do corrente para a reunião dos credores da casa fallida de Deane Youlle & C., afim de ter execução o art. 842 tit. 2º do codigo commercial na forma do decreto n. 1368 de 18 de abril de 1851, advertindo que nenhum credor será admittido por procurador, se este não tiver poderes especiaes para o acto (art. 145) e que a procuração não pode ser dada a pessoa que seja devedora aos fallidos, nem um mesmo procurador representar por dous diversos credores (art. 822). Em cumprimento do que, todos os credores da referida casa fallida compareçam no escriptorio da mesma, na rua da Cadeia do bairro do Recife n. 52, no referido dia 19 ao meio dia.

E para constar mandei passar o presente que será affixado na praça do commercio e publicado pelo *Diario*.

Dado e passado nesta cidade do Recife de Pernambuco aos 15 de janeiro de 1855.—Eu Dinamerico Augusto do Rego Rangel, escrivão juramentado o escrevi. *João Pinto de Lemos.*

DECLARAÇO'ES.

— De ordem do Exm. Sr. director geral da instrucção publica, faço saber a quem convier, que está á concurso a cadeira de instrucção elementar do segundo grão de Pão-d'Alho, com o prazo de 50 dias, contados da data deste. Directoria geral 9 de janeiro de 1855.—*Candido Eustaquio Cesar de Mello*, amanuense archivista.

COMPANHIA DE SEGUROS.
EQUIDADE.
ESTABELECIDA NA CIDADE DO PORTO.
AGENCIA EM PERNAMBUCO, RUA DO TRAPICHE N. 26.

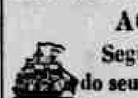
O abaixo assignado, agente nomeado desta companhia, e formalmente autorisado pela direcção, aceitará seguros maritimos em qualquer bandeira, e para todos os portos conhecidos, em vasos ou mercadorias, e sob suas respectivas condições ; o elevado credito de que tem gosado esta companhia e as vantagens que offerece, fará convencer aos concurrentes da sua utilidade, e o seu fundo responsavel de mil contos de reis fortes : a quem interessar ou convier effectuar ditos seguros, poderá dirigir-se á rua acima citada, a *Manoel Duarte Rodrigues.*

— O conselho da direcção do banco de Pernambuco, em conformidade com os arts. 60 e 66 dos seus estatutos, fará leilão por conta e risco de quem pertencer, de 2.878 caixas com sabão, contendo 65,260 libras marca Soap, e 50,818 libras amarello ; quarta-feira, 24 do corrente janeiro, ás 10 horas da manhãa, no Trapiche Alfandegado denominado — Alfandega Velha.

AVISOS MARITIMOS.

— A barca « Gratidão » segue viagem impreterivelmente no dia 19 para Lisboa : quem na mesma quizer ir de passagem, para o que tem bons commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

AO RIO DE JANEIRO



Seguirá brevemente, por ter grande parte do seu carregamento tratada, o veleiro e bem construido brigue nacional *Maria Luzia*, capitão Manoel José Prestrello : para o resto da carga, e para escravos, aos quaes dá excellentes accomodações, trata-se na rua do Trapiche Novo n. 16, segundo andar, com os consignatarios Antonio de Almeida Gomes & C.

— John Donley, capitão da barca ingleza *Guatimala*, arribada a este porto em sua viagem procedente de Callao de Lima a Cork para receber ordens, precisa a risco maritimo sobre o frete, apparelho, casco e carga, de cerca 6 a 7:000$000 de rs. : os pretendentes mandarão suas propostas fechadas até o dia 16 do andante, ao escriptorio de Mc. Calmont & Companhia.

MARANHA'O E PARA'.

Segue em poucos dias o hiate nacional «Adelaide», ja' tem a maior parte da carga engajada : para o resto e passageiros trata-se com o consignatario J. B. da Fonseca Junior rua do Vigario n. 4.

PARA A BAHIA

Vai seguir com grande presteza o hiate nacional *Fortuna*, capitão Pedro Valette Filho : para carga trata-se com os consignatarios Antonio de Almeida Gomes & C. na rua do Trapiche Novo n. 16 segundo andar.

PARA A BAHIA.

O hiate *Novo Olinda*, sahe nestes dias : para o resto da carga a tratar com o mestre Custodio José Rocina, ou com os consignatarios Tasso Irmãos.

— Para o Rio de Janeiro pretende sahir com a possivel brevidade o patacho nacional «D. Pedro V» : para carga e escravos a frete, trata-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

PARA O RIO DE JANEIRO.

Espera-se do Assú por estes dias a barca brasileira *Imperatriz do Brazil*, a qual seguirá para o Rio de Janeiro um dia depois da sua chegada, e só recebe escravos a frete e passageiros, para o que tem excellentes commodos : a tratar na rua do Trapiche n. 14, com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior.

— Para o Porto pretende sahir com a maior brevidade o brigue portuguez *Bom Successo*, de primeira marcha : quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ou com o Sr. Manoel Gomes dos Santos Sena, capitão do mesmo, na praça.

PARA O ARACATY.

Segue em poucos dias o bem conhecido hiate *Capibaribe*, de primeira marcha, pregado e forrado de cobre : para o resto da carga, trata-se na rua do Vigario n. 5.

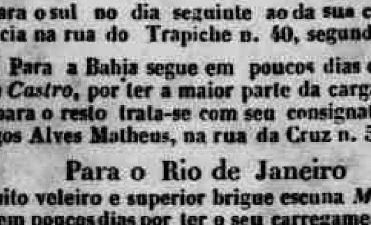
Para o Rio Grande do Sul,

segue viagem até o dia 20 do corrente o veleiro patacho nacional «Santa Cruz», capitão Manoel Joaquim Lobato : para passageiros, trata-se no escriptorio de Eduardo Ferreira Baltar, rua do Vigario n. 5.

PARA A BAHIA.

Segue com muita brevidade o hiate nacional « Amelia, » por ter parte da carga prompta, para o resto e passageiros trata-se com o mestre Joaquim José da Silveira, no trapiche do algodão, ou com os consignatarios Novaes & Companhia rua do Trapiche n. 34.

Companhia brasileira de paquetes de vapor.



O vapor *Tocantins*, commandante o capitão de fragata Gervasio Mancebo, espera-se dos portos do norte a 21 do corrente, e seguirá para o sul no dia seguinte ao da sua chegada : agencia na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

— Para a Bahia segue em poucos dias o veleiro hiate *Castro*, por ter a maior parte da carga prompta : para o resto trata-se com seu consignatario Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

Para o Rio de Janeiro

o muito veleiro e superior brigue escuna *Maria*, segue em poucos dias por ter o seu carregamento quasi completo : para o resto da carga, passageiros e escravos a frete, trata-se com Machado & Pinheiro, na rua do Vigario n. 19, 2º andar, ou com o capitão a bordo.

PARA O RIO DE JANEIRO

segue o hiate *Venus* ; recebe carga e escravos a frete : trata-se com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

— Para o Rio de Janeiro segue em poucos dias o brigue nacional *Flor do Rio*, capitão José Francisco Lopes da Costa ; só recebe escravos e passageiros : trata-se com os consignatarios Isaac Curio & Companhia, na rua da Cruz n. 40.

— Para o Rio de Janeiro segue em poucos dias a escuna *Zelosa*, capitão Joaquim Antonio Farias e Silva : para frete e passageiros, trata-se com os consignatarios Isaac Curio & Companhia, na rua da Cruz n. 40.

— Para o Rio de Janeiro segue com brevidade o hiate *Venus* ; recebe carga a frete : a tratar com Caetano Cyriaco da C. M. ao lado do Corpo Santo n. 25.

— Para o Rio de Janeiro sahe no dia 20 do corrente o muito veleiro brigue « Recife » : para o resto da carga e passageiros trata-se com Manoel Francisco da Silva Carriço na rua do Collegio n. 17 segundo andar, ou com o capitão Manoel José Ribeiro.

LEILO'ES.

— O agente Victor fará leilão no seu armazem, rua da Cruz n. 25, de esplendido sortimento de obras de marcenaria novas e usadas, de differentes qualidades, chapéos do Chili, charutos de Havana, ditos da Bahia, uma porção de louça vidrada, vinho do Porto em meias garrafas, cognac, e outros muitos objectos que estarão amostra no acto do leilão : quarta-feira, 17 do corrente, ás 10 ½ horas da manhãa.

— O agente Borja, quarta-feira, 17 do corrente, fará leilão de um completo sortimento de obras de marcineria de differentes qualidades, sendo, novas e usadas, varias quinquilharias, uma porção de optimo chá, de queijos de prato, os quaes objectos vender-se-hão pelo maior preço que se offereça. A meio dia em ponto irá igualmente um excellente cavallo castanho, enfreiado, e outros muitos objectos que enfadonho seria mencionar-se.

— O agente Victor fará leilão de uma excellente mobilia de amarello, consistindo em 2 duzias de cadeiras de amarello do melhor gosto possivel, mesa redonda, consolos, sofás, 1 rica mesa elastica de 6 taboas, leito para casal, lavatorio com pedra, commoda, apparelhos de chá e para jantar, vidros para serviço de mesa, 1 optimo guarda-roupa, etc. Igualmente será vendido 1 rica espada, dragonas e mais objectos pertencentes ao fardamento para qualquer official da guarda nacional : quinta-feira, 18 do corrente, as 10 ½ horas da manhãa, na rua da Cruz, no primeiro andar do sobrado n. 23.

— Victor Lasne fará leilão, por intervenção do agente Oliveira, de multiplicada porção de fazendas, principalmente francezas, de seda, lãa, linho e de algodão, todas proprias do mercado : quinta-feira 18 do corrente, ás 10 horas da manhãa em ponto, no seu armazem rua da Cruz.

LEILAO' DE ARROZ.

Hoje 17 de janeiro se fara' leilão de 9 saccas com arroz de Maranhão por conta de quem pertencerem : no caes da Alfandega a' porta do armazem de Paula Lopes ; lotes a' vontade dos compradores.

— O agente Borja, de ordem do Illm. Sr. Dr. juiz de direito do civel e commercio Custodio Manoel da Silva Guimarães, a requerimento do administrador da massa fallida de Victorino & Moreira, fara' leilão das dividas, moveis e escravos dos mesmos fallidos : sexta feira, 19 do corrente as 10 horas na rua dos Quarteis n. 22 primeiro andar.

— Leilão de 50 caixas com queijos chegados proximamente de Hollanda em latas a vontade do comprador : hoje pelas 10 horas da manhãa, no largo da alfandega.

AVISOS DIVERSOS.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima Mello tem a venda as suas afortunadas cautelas da segunda parte da primeira loteria do Poço da Panella, que corre no dia 27 do corrente, nos seguintes lugares : rua da Cadeia do Recife, loja n. 11 ; rua do Rosario, n. 26 ; estreita do Rosario. n. 17, do Sr. Azevedo ; travessa do Queimado, n. 18 C ; aterro da Boa-Vista, n. 58 ; rua Direita, n. 62 ; na povoação do Monteiro, em casa do Sr. Nicoláo, e na sua loja da rua Nova, n. 4 ; sendo então livres do desconto de 8 por cento os bilhetes pelos preços que se seguem :

Bilhetes	5$500
Meios	2$800
Quartos	1$500
Decimos	700
Vigesimos	400

100$000 RS. DE GRATIFICAÇA'O

Fugio da casa do abaixo assignado, na madrugada de 3 de janeiro do corrente anno, um seu escravo, crioulo, de nome Amaro, official de sapateiro, de idade 30 annos pouco mais ou menos, altura regular, barba pouca, dentes limados, olhos enfumaçados, anda calçado, tem as mãos calejadas do fio de sapateiro, tem a testa com os cantos descobertos, he bem fallante ; este escravo, quando fugio levou com sigo um cavallo castanho, arreiado com um sellim inglez, compridoje muito estreito, cabeçada tambem ingleza, o cavallo tem dez annos pouco mais ou menos, andador de baixo e meio, frente aberta, tem um calombinho no espinhaço, e he roncolho ; o dito escravo foi do Sr. Manoel Pinto Borba, morador no Gamella: quem o pegar, dirija-se a rua da Senzala Velha n. 114, que se lhe dará a gratificação acima marcada, e se for fóra desta provincia se pagarão as despezas da conducção de onde elle estiver para esta.

Joaquim Paes Pereira da Silva.

— Fugio na manhãa do dia 15 do corrente, da casa do abaixo assignado, um cavallo alazão, claro, frente aberta, tres pés calçados, tem passo curto, e he muito bom galopador. esta' magro, consta que fora encontrado para as bandas de Apipucos : a pessoa que o tiver pegado queira leva-lo a Ponte d'Uchôa que sera' gratificado.—Joaquim Affonso Ferreira.

— Nesta typographia existe uma carta para o Illm. Sr. tenente coronel Francisco Antonio Correa de Sa', morador na fazenda Acauhan, provincia da Parahiba, e ora assistente nesta praça.

BANCO DE PERNAMBUCO.

O presidente da assembléa geral do Banco de Pernambuco convida aos senhores accionistas a comparecerem na sessão ordinaria do dia 31 do corrente janeiro, cuja reunião tera' lugar as 11 horas do mesmo dia, na casa do referido Banco, em virtude da requisição que lhe foi feita pela direcção respectiva, em officio de 15 do corrente. Recife 17 de janeiro de 1855.—Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, presidente.—José Bernardo Galvão Alcoforado, primeiro secretario.

— Desappareceu de bordo do brigue nacional *Flor do Rio* um mulato escravo por nome Pedro, marinheiro, representa ter 25 annos de idade, pouca barba, cabellos crespos, e tem a cabeça de um dos dedos das mãos de menos, em uma das pernas tem bastantes marcas de cicatrizes, e no cachaço a mesma cousa, usa tomar tabaco, tem a barriga um pouco grande, cara redonda, cor palida; levou calça e camisa de algodão azul, barrete inglez a maruja, e he de suppor que o tenha mudado, por na occasião da fuga ter carregado com toda a roupa de outros de bordo do dito navio. Este mulato he filho da Parahiba do Norte, e de la tendo sido vendido para o Rio de Janeiro ha poucos tempos, e he hoje escravo dos senhores Tinoco & Medeiros da mesma praça, e por isso recommenda-se a todas as autoridades policiaes, capitães de campo e quaesquer pessoas que prendam o dito escravo, e o queiram levar a bordo do dito navio, ou aos consignatarios Isaac Curio & C., rua da Cruz n. 40, onde serão generosamente recompensados por Isaac Curio & C.

— A pessoa que achou na rua larga do Rosario, adiante pouco do armazem de drogas do Sr. Bartholomeo, uma carta fechada com subscripto para o Sr. Antonio da Silva Guimarães, dentro da qual tinha dous bilhetes inteiros da segunda parte da primeira loteria do Poço da Panella, e que abrio a carta e tirou os bilhetes, deixando no mesmo lugar a carta com um rasgão, cuja carta foi perdida do bolço da calça de um preto que a trazia, queira restituir os bilhetes em carta fechada no aterro da Boa-Vista n. 48, pois já sabe-se quem he, por ter algumas pessoas dessa rua visto : e não o fazendo se procederá contra essa pessoa.

— No dia 16 de dezembro proximo passado fugio do engenho Guararapes, freguezia de Muribeca, um escravo de nome Bento, idade de 18 a 19 annos com os signaes seguintes : alto, secco, pernas finas e um pouco arqueadas, braços finos e pés grandes. Levou calça de algodão azul, camisa do mesmo panno, chapéo de palha ainda novo, e he bastante desembaraçado no fallar. Tem sido visto nesta cidade e seus suburbios. Roga-se, por tanto, as autoridades policiaes e capitães de campo a captura do mesmo escravo que se pagará generosamente no referido engenho Guararapes, ou na travessa do Queimado n. 3, taberna de Gabriel Antonio de Castro Quintaes.

— Desappareceu no dia 8 do corrente do engenho Belém, comarca de Pão d'Alho, o cabra Pedro, de idade pouco mais ou menos de 40 annos, alto, secco, um pouco amarellaço, tem os hombros apertados jogando-os para um e outro lado quando se move, andar bastante apressado porém com passos curtos, dando estalos nas juntas, bochechas chapadas, marcas de pannos pretos sobre o rosto, barba sómente no queixo e beiço superior, poucos cabellos cacheados e curtos, falta de dentes, he carreiro, entende bem de carapina e pedreiro, levou camisa de algodãozinho ou madapolão, dous chapéos, um de couro e outro de seda, um gibão de couro, um facão, uma trouxa contendo calças brancas, de casemira e outras diversas roupas : quem o pegar, leve-o no referido engenho ao major João dos Santos Nunes de Oliveira, e nesta praça ao Sr. Mauricio Francisco de Lima, na rua da Guia n. 9, que será recompensado.

— Aluga-se uma preta com muito bom leite para criar : quem precisar, dirija-se a rua do Vigario loja de pintor n. 10.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer todo mais serviço de uma casa : no largo do Terço segundo andar n. 27.

— Precisa-se de alugar uma ama forra ou captiva, para todo o serviço : na rua larga do Rosario n. 33, segundo andar.

— Desappareceu do sitio do abaixo assignado, na madrugada do dia 1. de janeiro do corrente anno, o escravo Joaquim, de nação Cabina, representa ter 50 annos, pouco mais ou menos ; levou camisa e calça de algodão trançado azul, baixo e cheio do corpo, bastante barrigudo, falla fanhosa, tem os pés enchados, olhos grandes, rosto largo, tem os cabellos da cabeça e da barba brancos : roga-se as autoridades policiaes, capitães de campo, ou pessoas particulares, de o apprehenderem e levarem á Ponte de Uchôa, no sitio de Manoel Luiz Gonçalves, ou na rua da Cadeia do Recife n. 43, que será gratificado.

— Precisa-se fallar ao Sr. Verçosa, lavrador do Sr. Antonio Manoel da Rocha, a negocio de seu interesse : na rua da Praia n. 27, casa amarella.

— As pessoas que fizeram encommenda de braços de balança do autor Romão & Companhia, podem ir escolhe-los na rua Direita n. 10. Na mesma ha para vender peneiras de arame proprias para refinações e padarias.

— Desappareceu no dia 30 do mez passado a preta Joanna, de nação Congo, idade de 50 a 55 annos, com os signaes seguintes ; bem fallante, estatura regular, secca do corpo, tem as costas alanhadas de chicote já antigas, uma coroa de umalbanda na cabeça, pernas finas, os dedos da mão esquerda meio fechados ; levou duas saias, uma do assento branco com flores rôxas, e outra de riscado já velha, e um taboleiro de laranjas a vender : roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo que a peguem e levem-a á rua das Cinco Pontas n. 54, que serão recompensados.

— Precisa-se de uma ama de leite forra ou captiva : na rua da Cadeia n. 2.

— Aluga-se um moleque : quem o quizer, dirija-se á rua Augusta n. 48, que achará com quem tratar.

— Ausentou-se da serraria do aterro da Boa-Vista, pertencente ao abaixo assignado, na noite de 15 para 16 do corrente janeiro, o escravo, crioulo, de nome Cornelio, de 28 annos de idade, com os signaes seguintes : alto, de boa grossura, meio carcundo, rosto comprido, bocca e olhos regulares, cerrado de barba, pernas finas, pés finos e compridos, officio de serrador, falla grossa, conversador, usa de risadas altas, tem nas costas algumas marcas de castigo, e duas ainda frescas ; levou camisa de madapolão, calça de brim branco com listra ao lado da costura da perna, 2 chapeos, 1 de pello de seda branco e outro de palha de Italia, novo : roga-se as autoridades policiaes, capitães de campo, e a quem interessar, a captura de semelhante escravo, pagando-se com generosidade toda e qualquer despeza : a pessoa que o pegar, dirija-se á mesma serraria.

Thomaz de Aquino Carvalho.

MUTILADO

ILEGÍVEL

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Resumo dos maiores premios da loteria 1. de Iguassu, extrahida em 29 de dezembro de 1854.

1 N. 2096. . . . . 20:000$
1 » 1460. . . . . 10:000$
1 » 4134. . . . . 4:000$
1 » 181. . . . . 2:000$
6 » 1694, 3458, 3797, 4707, 4711, 5879. 1:000$
10 » 133, 180, 1838, 2366, 2849, 3369, 5602, 5789, 5919, 5965. . . . . 400$
20 » 89, 149, 161, 336, 1066, 1434, 1734, 1860, 1984, 1994, 3336, 3385, 3426, 3592, 3827, 3872, 3916, 5333, 5635, 5654. . . . . 200$
60 » 196, 587, 624, 660, 852, 905, 1049, 1063, 1518, 1544, 1584, 1614, 1629, 1731, 1824, 1999, 2206, 2248, 2281, 2295, 2519, 2553, 2572, 2584, 2662, 2682, 2828, 2959, 2970, 3028, 3076, 3099, 3130, 3172, 3415, 3446, 3789, 3924, 3931, 4035, 4089, 4222, 4270, 4321, 4368, 4522, 4553, 4721, 4860, 5219, 5371, 5396, 5519, 5565, 5606, 5762, 5803, 5891, 5895, 5935 . . . . 100$
100 premios de . . . . 40$
1800 ditos de . . . . 20$

Acham-se a' venda os novos bilhetes da loteria 13 do estado sanitario, cuja roda devia correr depois do dia 6 de janeiro, as listas vem pelo vapor nacional de 10 de janeiro, os premios serao' pagos logo que se tenha feito a distribuição das listas.

— Precisa-se de um criado para o serviço interno e externo de um collegio em Maceió: a pessoa desta profissão que quizer contratar, dirija-se á rua Direita n. 64, segundo andar.

— O Sr. Augusto Luiz Pereira da Cunha, chegado ha pouco do Maranhão, tem uma carta na rua atraz da matriz da Boa-Vista n. 16.

— Manoel Fernandes de Mello retira-se para fóra da provincia.

— Precisa-se de 2 caixeiros para padaria e deposito, e que dêm fiador a sua conducta: quem se achar habilitado, dirija-se ao pateo do Terço n. 10, que achará com quem tratar.

— Perdeu-se um cavallo quartão, no dia 13 do corrente, com os signaes seguintes: rodado, clina aparada, cauda preta e aparada, he bem novo, levou cangalha e 2 ancoretas, e 1 encerado: quem o achar, poderá restituir no engenho Bello Monte, freguezia da Escada, ou nesta praça, na rua da Cadeia do Recife n. 50, que se pagarão as despezas.

— Desencaminhou-se na noite do dia 14, pelas 7 horas, pouco mais ou menos, um negro, na direcção da rua do Vigario a rua do Pilar, em Fóra de Portas, levando 1 chapéo fino da fabrica de Paris, 2 cobertores de algodão da terra, 1 par de castiçaes de metal amarello, e uns periodicos com figurinos: roga-se a pessoa a quem estes objectos forem offerecidos, de os apprehender e leva-los á rua do Vigario n. 12, que será bem gratificada.

— O hotel da Europa da rua da Aurora acaba de receber um cozinheiro francez muito habil, e por isso acha-se habilitado para servir os seus freguezes, aprontando bons petiscos a toda hora; e tambem recebe qualquer encommenda de pasteis e podins, pelo preço marcado na tabella.

— No hotel da Europa tem salas e quartos forrados com lindo papel, para aluguel, com comida ou sem ella.

— Tendo chegado um grande sortimento de chapeos do Chile, quem pretender, dirija-se ao hotel Francisco n. 9.

— Dá-se a juros sobre hypotheca, até 1:000$000; na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

JOIAS.

Os abaixo assignados, donos da loja de ourives, na rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, fazem publico, que estão recebendo continuadamente muito ricas obras de ouro dos melhores gostos, tanto para senhoras como para homens e meninos; os preços continuam mesmo baratos como tem sido, e passa-se contas com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos os mesmos por qualquer duvida.—*Seraphim & Irmão.*

— Precisa-se de officiaes de carapina e pedreiro, dando-se bom jornal, e sendo bons tambem se lhes dará empreitadas etc.: na obra que se está fazendo na rua do Crespo junto a ponte.

AMA.

Precisa-se de uma ama forra ou captiva, que engommebem: no aterro da Boa-Vista n. 48, loja.

Agencia de passaportes.

Tiram-se passaportes para dentro e fóra do imperio, titulos de residencia e folhas corridas, com a maior brevidade, e pelo preço o mais commodo possivel: na rua do Rangel n. 8.

— Os credores de José Manoel de Araujo são convidados a virem ao escriptorio de Guimarães & Alcoforado, para receber o que lhes tocou em dividendo do liquido producto da sua taberna, sita na rua do Aragão.

LEITURA REPENTINA.
METHODO CASTILHO.

A escola se acha transferida para a rua larga do Rosario n. 48, principia a leccionar no dia 8 de janeiro. As lições para as pessoas occupadas de dia serão das 7 a's 9 da noite.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer as compras para uma mui pequena familia: na rua da Conceição n. 9; prefere-se escrava.

— Cheauveau, theoria do Cod. penal, por 12$000, e obras completas de Pothiers por 20$000 rs.: quem quizer comprar estas duas obras ou em separado dirija-se a esta typographia que se dira' quem vende estas obras.

RUA NOVA N. 4.

O cautelista Antonio Ferreira de Lima e Mello faz sciente ao publico, que vendeu os bilhetes n. 129 com o premio de 5:000$000 e o numero 1580 com 400$, divididos em quartos, e logo que saia a lista poderão vir receber a sua importancia.

— D. Anna Maria da Conceição, viuva de José Alexandrino dos Santos, previne a quem quer que possa interessar, que não terá vigor ou validade alguma qualquer papel ou documento, que devendo ser assignado por ella, o não seja a seu rogo por um de seus herdeiros legitimos, assignando outro destes como testemunha; isto para que se não reproduza o facto que ha pouco se deu de serem passados dous papeis sem consentimento da annunciante. E para que não possa ser allegada ignorancia se faz o presente annuncio. Villa do Passo 4 de janeiro de 1855. — A rogo de minha mãi, *José de Barros Lins.* — Como testemunha, *Joaquim de Souza Silva Cunha.*

O solicitador nos auditorios desta cidade abaixo assignado, continua a exercer as funcções desse cargo, para o que pode ser procurado no escriptorio do Illm. Sr. Dr. Joaquim José da Fonceca, o mesmo compromette-se a solicitar causas de partido annual, com todo zelo e actividade, mediante um pequeno honorario, assim como nas causas particulares não póe preço as partes. *Camillo Augusto Ferreira da Silva.*

— Antonio Egidio da Silva, lente de geometria do lyceu desta cidade, pretende abrir no dia 1. de fevereiro, na casa de sua residencia, na rua Direita n. 78, um curso de geometria para todo o anno lectivo: os senhores estudantes que o quizerem frequentar, poderão dirigir-se a mencionada casa, das 7 horas das manhãa até as 9, e das 3 ate as 5 da tarde.

Aviso aos Srs. padeiros da Boa-Vista.

Vendem-se ou arrendam-se terrenos na entrada do becco das Barreiras, lugar marcado pela postura da camara para se fazer fornos, este lugar prefere-se por ser mais perto dos depositos: os pretendentes entendam-se com o proprietario dos mesmos, na rua do Cotovello n. 29.

CONSULTORIO DOS POBRES
25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.
25 RUA DO COLLEGIO 25
VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo de meddicina homeopathica do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous e acompanhado de um diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc. . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam do estudo e pratica da homeopathia, por ser a unica que contém a base fundamental d'esta doutrina—A PATHOGENESIA OU EFFEITOS DOS MEDICAMENTOS NO ORGANISMO EM ESTADO DE SAUDE—conhecimentos que não podem dispensar as pessoas que se querem dedicar á pratica da verdadeira medicina, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si mesmos se convencerem da verdade d'ella: a todos os fazendeiros e senhores de engenho que estão longe dos recursos dos medicos: a todos os capitães de navio, que uma ou outra vez não podem deixar de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripulantes: a todos os pais de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar *in continenti* os primeiros soccorros em suas enfermidades.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção da medicina domestica do Dr. Hering, obra tambem util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia, um volume grande, acompanhado do diccionario dos termos de medicina . . . . . . 10$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, etc., etc., encardenado. . . 3$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da grande superioridade dos seus medicamentos.

Boticas de 24 medicamentos em globulos, a 10$, 12$ e 15$000 rs.			
Ditas	36	ditos	a . . . . 20$000
Ditas	48	ditos	a . . . . 25$000
Ditas	60	ditos	a . . . . 30$000
Ditas	144	ditos	a . . . . 60$000
Tubos avulsos			1$000
Frascos de meia onça de tinctura. . . .			2$000

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, vidros para medicamentos, e apromptа-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

PUBLICAÇAO' DO INSTITUTO HOMEOPATHICO DO BRASIL.
THESOURO HOMEOPATHICO
OU
VADE-MECUM DO HOMEOPATHA.

Methodo conciso, claro e seguro de curar homeopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil, redigido segundo os melhores tratados de homeopathia, tanto europeos como americanos, e segundo a propria experiencia, pelo Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho. Esta obra he hoje reconhecida como a melhor de todas que tratam da applicação homeopathica no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não podem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la. Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos etc. etc., devem te-la á mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura por . . . 10$000
» » encadernados . . . 11$000

vende-se unicamente em casa do autor, no palacete da rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

— O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa aos possuidores do bilhete inteiro dividido em vigesimos n 3443, em que sahio o premio de 2:000$, e aos do bilhete inteiro, divididos em decimos n. 2860, da primeira parte da primeira loteria d'amoreiras e bicho da seda, em que sahio o premio de 1:000$, podem vir receber sem o desconto de 8 por cento do imposto geral: na rua do Trapiche n. 36 segundo andar, logoque sahir a lista geral.

— Precisa-se de uma ama para comprar e cozinhar para uma casa de pouca familia: na travessa da Concordia, indo para a cadeia nova, n. 17.

CASA DE COMMISSA'O DE ESCRAVOS.

Na rua Direita sobrado de 3 andares defronte do becco de S. Pedro n. 3, recebem-se escravos de ambos os sexos para se venderem de commissão, não se levando por esse trabalho mais do que 2 por cento, e sem se levar cousa alguma de comedorias, offerecendo-se para isto toda a segurança precisa para os ditos escravos.

— O padre João José da Costa Ribeiro, substituto das cadeiras de latim desta cidade, abre a sua aula particular no dia 1 de fevereiro.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

— O Sr. João Nepomuceno Ferreira de Mello, que mora para o Salgadinho, queira mandar receber uma encommenda na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FABRICA DE SABA'O.

Continua no seu trabalho e acha-se aberto um deposito na rua da Senzala velha n. 140, aonde acharão sempre do muito acreditado sabão amarello, cinzento e preto, os preços serão sempre o mais commodo possivel: trata-se com Delfino Gonçalves Pereira Lima no mesmo deposito.

— O Sr. Cassiano Alberto Pimenta de Souza Peres tenha a bondade de apparecer na rua do Queimado, loja n. 17. aonde se lhe deseja fallar.

— Antonio da Fonte, subdito portuguez, retira-se para Portugal a tratar de sua saude.

—Dão-se 500$000 a juros sobre hypotheca de uma casa: na rua da Assumpção n. 18.

— O escripturario da companhia de Beberibe encarrega-se de comprar e vender acções da mesma companhia: na rua Nova n. 7 primeiro andar.

— L. Delouche faz saber ao respeitavel publico, principalmente aos seus freguezes, que acaba de comprar a relojoaria de Mr. Lacaze, na rua Nova n. 22, para onde já transferio o seu estabelecimento, convidando-os a que ahi o procurem, na certeza de terem-no sempre prompto a desempenhar o seu trabalho de maneira a satisfazer a confiança nelle depositada.

— O Dr. Carolino Francisco de Lima Santos mora na rua das Cruzes n. 18, primeiro andar, onde, no exercicio de sua profissão de medico, dá consultas aos pobres das 7 as 9 horas da manhãa.

— A viuva de Fortunato Correa de Menezes roga a todos os seus devedores tenham a bondade de virem satisfazer seus debitos na praça da Independencia n. 17. A mesma declara que a unica pessoa encarregada do dito recebimento he seu mano Thomaz José Marinho.

— Paulo Gaignoux, dentista, já voltou do matto, onde passou a festa, e póde ser procurado na sua casa, rua larga do Rosario n. 36, segundo andar.

— O professor publico de latim da freguezia de S. José do Recife, abaixo assignado, declara que acha-se aberta a matricula de sua aula do dia 15 do corrente em diante, e que no dia 3 do vindouro mez de fevereiro principiarão os trabalhos; no largo do Terço, casa n. 33.— *Manoel Francisco Coelho.*

— Offerece-se um rapaz portuguez para caixeiro de taberna ou outro qualquer estabelecimento, para tomar conta por balanço ou sem elle, para o que tem bastante pratica: quem do seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se á praça da Independencia n. 10, das 10 as 2 da tarde.

INSTRUCÇAO'.

José Bernardino de Souza Peixe, professor particular de francez e lingua nacional, residente na rua Direita n. 56, participa aos pais de seus alumnos e áquellas pessoas a quem interessar possa, que no dia 22 do corrente principiam os trabalhos da sua aula.

— O abaixo assignado, discipulo que foi do finado Exequiel, offereca seu prestimo para dar lições de dansa, tanto antigas figuradas como modernas, quadrilhas, polk, chothes, mashulkas, duetos, etc. etc.: quem o quizer honrar com a sua protecção, tanto em sua casa como mesmo nas casas dos pretendentes, o poderão procurar na rua dos Cópiares n. 19, de meio dia até 3 horas da tarde.
Manoel Francisco de Souza Magalhães.

AULA DE LATIM.

O padre Vicente Ferrer de Albuquerque mudou a sua aula para a rua do Rangel n. 11, onde continua a receber alumnos internos e externos desde ja' por modico preço como he publico: quem se quizer utilisar de seu pequeno prestimo o, pode procurar no segundo andar da referida casa a' qualquer hora dos dias uteis.

— Alugam-se o terceiro e quarto andares da rua da Cadeia do Recife n. 4: a tratar no armazem dos mesmos.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar. Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— O Sr. procurador da camara municipal do Limoeiro, haja de mandar pagar a assignatura do «Diario de Pernambuco», para a mesma camara, que se acha em grande atrazo de pagamento.

— O Sr. Antonio Ferreira da Costa Braga tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— O Sr. Joaquim Ferreira que teve loja na pracinha do Livramento tem uma carta na livraria ns. 6 e 8 da praça da Independencia.

— L'iride Italiana, revista artistica, scientifica e litteraria, debaixo do immediato patrocinio de S. M. o Imperador, redigida em duas linguas pelas mais conhecidas capacidades do imperio, e dirigida pelo professor A. Galeano-Ravara. Subscreve-se em Pernambuco, na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Novos livros de homeopathia em francez, obras todas de summa importancia:

Hahnemann, tratado das molestias chronicas, 4 volumes. . . . . 20$000
Teste, molestias dos meninos . . . . . 6$000
Hering, homeopathia domestica. . . . . 7$000
Jahr, pharmacopéa homeopathica. . . . . 6$000
Jahr, novo manual, 4 volumes . . . . . 16$000
Jahr, molestias nervosas. . . . . . 6$000
Jahr, molestias da pelle. . . . . . 8$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes 16$000
Harthmann, tratado completo das molestias dos meninos. . . . . 10$000
A Teste, materia medica homeopathica. . 8$000
De Fayolle, doutrina medica homeopathica 7$000
Clinica de Staoneli . . . . 6$000
Casting, verdade da homeopathia. . . . 4$000
Diccionario de Nysten . . . . . . 10$000
Atllas completo de anatomia com bellas estampas coloridas, contendo a descripção de todas as partes do corpo humano . . 30$000

vendem-se todos estes livros no consultorio homeopathico do Dr. Lobo Moscoso, rua do Collegio n. 25, primeiro andar.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

— Uma pessoa habilitada a' ensinar primeiras lettras se offerece a dar lições em casas particulares: quem quizer utilisar-se do seu prestimo pode dirigir-se a esta Typographia que se dira' quem he.

— O padre João Capistrano de Mendonça, professor de geographia, chronologia e historia no lyceu desta cidade, pretende abrir no 1. de fevereiro um curso particular de rethorica, e outro de geographia para todo o anno lectivo: os senhores estudantes que os quizerem frequentar, poderão dirigir-se á casa n. 51 da rua Nova, a qualquer hora, afim de darem seus nomes á matricula.

— Offerece-se um rapaz brasileiro para caixeiro de qualquer estabelecimento, excepto taberna ou padaria, o qual dá fiador de sua conducta: quem o pretender, annuncie por este jornal.

— Vende-se cal virgem de Lisboa, a mais nova e melhor que ha no mercado, a 4$000 a barrica: na rua do Collegio n. 21.

O BRASIL MARITIMO.

Até o dia 15 deste mez acha-se aberta nesta typographia a renovação de assignatura do segundo anno deste interessante periodico, dedicado unicamente á propagação dos conhecimentos maritimos, organisação e administração etc. da marinha de guerra e mercante nacional, sendo redigido pelo Sr. tenente da armada Euzebio José Antunes, auxiliado pela collaboração de algumas pessoas illustradas da mesma corporação. Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados, contendo 12 paginas em quarto, sendo 8 destinadas ás materias do programma, e 4 exclusivamente á publicação das regras internacionaes e diplomacia do mar de Ortolan, obra esta assás importante e necessaria á todos que sulcam es Oceanos. O custo da assignatura he de 5$000 annuaes pagos adiantado. e de 8$000 para os senhores subscriptores que quizerem possuir quasi todo o primeiro volume da obra referida, já annexa ao primeiro anno do periodico.

LOTERIA DE N. S. DA SAUDE.
Aos 5:000$000, 2:000$000, 1:000$000.

O cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior avisa ao respeitavel publico, que os seus bilhetes e cautelas não soffrem o desconto de oito por cento nos tres premios grandes, os quaes se acham á venda nas seguintes lojas: praça da Independencia n. 4, do Sr. Fortunato, 13 e 15 do Sr. Arantes, e 40 do Sr. Faria Machado; rua do Queimado n. 37 A, do Sr. Freire; rua da Praia, loja de fazendas do Sr. Santos; rua larga do Rosario n. 40, do Sr. Manoel José Lopes; e praça da Boa-Vista, loja de cera do Sr. Pedro Ignacio Baptista, coja loteria tem o seu infallivel andamento em 27 de janeiro corrente.

Bilhetes	5$500	recebe	5:000$000
Meios	2$800	»	2:500$000
Quartos	1$500	»	1:250$000
Oitavos	$800	»	625$000
Decimos	$700	»	500$000
Vigesimos	$400	»	250$000

— Quem precisar de um cozinheiro brasileiro adoptivo para qualquer casa particular ou para embarcar dirija-se a rua dos Pires n. 28, ou annuncie sua morada para ser procurado.

— Manoel Elias de Moura avisa ao respeitavel publico, que desta data em diante deixa de aviar receitas e preparar medicamentos em sua botica, na praça da Boa Vista n. 24, a qual passa a ser casa de drogas, para o que ja' fez ao conselho de higyene a competente participação. Os Srs. boticarios que quizerem dirigir-se a' sua casa para ahi fazerem os seus suprimentos, serão perfeitamente servidos, e encontrarão drogas da melhor qualidade que ha no mercado.

LOTERIAS DA PROVINCIA.

O thesoureiro das loterias avisa que se acham a venda os bilhetes da segunda parte da primeira loteria a beneficio da Matriz do Poço da Panella, que corre impreterivelmente no dia 27 do corrente mez de janeiro, e os poucos bilhetes que estão por vender acham-se na loja da praça da Independencia n. 4, e no aterro da Boa Vista n. 48. Preço 5$000 rs.

— Quem precisar de uma ama escrava, que sabe cozinhar o diario de uma casa e fazer o serviço da mesma, a qual tem muito boa conducta, dirija-se á rua do Queimado n. 14, loja.

— Traspassa-se a chave e armação de uma casa, propria para fazendas, miudezas ou outro qualquer negocio; trata-se na rua da Cadeia do Recife n. 30.

— O remedio contra a hydrophobia, conservado em segredo pela familia do finado padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, e com o qual esta tem curado a um infinito numero de pessoas nesta provincia, o que he geralmente sabido, não só pela sua eficacia, como pela antiguidade de sua aplicação, continúa a existir na mesma familia, e a ser por esta aplicado: as pessoas que delle tiverem precisão dirijam-se a qualquer das sobrinhas do dito finado padre Miguel nesta cidade e no lugar da Capunga, e fora da cidade no lugar das Candeias em casa do annunciante—João Sergio Cezar d'Andrade.

ATTENÇAO'.

A taberna nova do barateiro, na povoação de Santo Amaro de Jaboatão.

acha-se com um completo sortimento de bebidas de todas as qualidades, cerveja em meias garrafas e garrafas, licores francezes, vinho tinto e branco, queijos novos, sardinhas de Nantes, manteiga ingleza e franceza, da melhor que se póde encontrar no mercado, chá da India e de S. Paulo, dito preto, chocolate, assucar de todas as qualidades, bolachinha ingleza, dita de ararula, charutos para os amigos do bom gosto, das melhores marcas, S. Felix, Figueiredo Rocha, e outros muitos que se pedirem, aletria, macarrão, talharim para sopa; pedimos tambem aos senhores de engenho mais proximos que nos queiram honrar nosso novo estabelecimento com suas freguezias, achando tudo pelo preço da praça e a satisfação do comprador.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar bem, e de um moleque, negro ou negra para fazer as compras: na rua do Queimado n. 38.

Sala de dansa.

Luiz Cantarelli, na rua das Trincheiras n. 19, declara ao respeitavel publico que a sua sala de ensino se acha aberta todas as segundas, quartas e sextas, desde as 7 horas até as 9 da noite: quem do seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se á mesma casa das 7 ás 9 da manhãa, ou das 7 as 9 da noite.

No sitio confronte a capella dos Afflictos, se dirá quem cura morphea perfeitamente.

— Hoje ha a muito superior carne de vitella, no açougue defronte do quartel que foi de policia n. 13.

CHAROPE
DO
BOSQUE

O unico deposito continúa a ser na botica de Bartholomeu Francisco de Souza, na rua larga do Rosario n. 36; garrafas grandes 5$500 e pequenas 3$000.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtisica em todos os seus differentes graos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite, dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

NO CONULTORIO
DO DR. CASANOVA,
RUA DAS CRUZES N. 28,

vendem-se carteiras de homeopathia de todos os tamanhos, por preços muito em conta.
Elementos de homeopathia, 4 vols. 6$000
Tinturas a escolher, cada vidro. 1$000
Tubos avulsos a escolher a 500 e 300
Consultas gratis para os pobres.

— Antonio José Bitancourt protesta contra o que se disse a seu respeito em um aviso publicado no *Echo Pernambucano* n. 3, por quanto he falso que sua mulher se ache em perigo de vida, e que tivesse passado por torturas; sendo que elle invoca o respeitavel testemunho dos Illms. Srs. Drs. João Ferreira da Silva, Ignacio Firmo Xavier, Manoel Duarte de Faria e Francisco José Cyrilo Leal, que a tem visto. A perseguição que essa senhora ou alguem por ella lhe tem feito, procedeu de não ter elle querido assentir em uma proposta sobre divisão de bens, o que lhe era summamente prejudicial da maneira por que se queria. Foi depois disto, estando o respondente no gozo de sua plena liberdade, pois que percorria livremente as ruas desta cidade. que se procurou prende-lo de novo, afim de que ficasse impossibilitado de requerer a entrega dos bens, escravos e os titulos destes, lettras, obrigações, hypothecas e dinheiro em moêda, que ella levou comsigo quando retirou-se de sua casa para a em que se acha. O respondente confia nos tribunaes do paiz, que se não deixarão levar por consideração alguma que não seja sómente a da justiça.

— Furtaram no dia 15 do corrente, da ribeira da Boa-Vista, ao meio dia, um cavallo ruço pedrez, com os signaes seguintes: nafego de um quarto, uma barroca no coxão ao pé da anca, com o ferro de meia lua; estava amarrado em uma argola: quem o pegar, leve-o á casa do Dr. Clementino, na rua da Aurora, a fallar com João Gomes de Amorim, que gratificará generosamente.

— Na cocheira da rua da Roda n. 54, alugou-se um cavallo no dia 13 de janeiro do corrente anno, a um homem branco, estatura regular, pouca barba, ignora-se o nome e a morada, o cavallo tem os signaes seguintes: rodado pedrez de meio, a mão direita grosa do lado de fóra com duas queimaduras e uma bexiga no espinhaço, e como se alugasse para ser entregue no mesmo dia e até esta data não tenha apparecido, assim roga-se as autoridades e a qualquer pessoa que o encontrar, fazer o favor de manda-lo entregar na dita cocheira, que se pagará as despezas.

COMPRAS.

— Compra-se prata brasileira ou hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 54.

— Compra-se uma morada de casa terrea em quaesquer dos bairros desta cidade: quem a tiver, dirija-se a taberna do pateo do Carmo, quina que volta para a camboa do mesmo, que se lhe dirá quem compra.

NA FABRICA D'OLEO. RUA DOS GUARARAPES,

compram-se e alugam-se escravos; não precisa que tenham habilidades, basta que sejam robustos.

— Compra-se uma casa terrea com quintal e cacimba, em qualquer rua desta cidade, ou mesmo na Soledade, ruas novas no mesmo lugar, Capunga, Manguinho, não excedendo de 4:000$000: quem pretender vender, procure na rua do Cabugá, loja de miudezas n. 9.

VENDAS

ALMANAK PARA 1855.

Sahiram a' luz as folhinhas de algibeira com o almanak administrativo, mercantil, agricola e industrial desta provincia, corrigido e accrescentado, contendo 400 paginas: vende-se a 500 rs., na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

FOLHINHAS PARA 1855.

Acham-se a' venda as bem conhecidas folhinhas impressas nesta typographia, de algibeira a 320, de porta a 160, e ecclesiasticas a 480 rs., vendem-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— A bordo do hiate *Castro* tem para vender-se muito superior sal do Assu': para tratar, no escriptorio de Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

— Vendem-se 2 vaccas paridas de muito proximo tempo, e por commodo preço: no sitio da Torre em Belem. No mesmo sitio appareceu uma vacca sem cria; quem fôr seu dono póde alli procura-la.

— Vende-se em casa de Fox Brothers, linha de novello da mais superior qualidade que vem ao mercado, de todos os sortimentos, tendo os maços um peso muito superior aos que geralmente são importados; tambem continua-se a vender linha de carritel de 200 jardas de n. 16 a 150, e fitas de lãa de 20 jardas cada peça.

— Vendem-se no pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, caixões com 2 ½ libras de doce de goiaba a 400 rs., e estampas para bentinhos de N. S. do Carmo vindos de Lisboa.

— Vende-se uma escrava moça, de bonita figura, e com algumas habilidades: na praça da Boa-Vista, taberna n. 15.

— No aterro da Boa-Vista n. 80, vende-se gomma de engommar a 80 rs. a libra, batatas a 40 rs., figos a 200 rs., nozes a 120, passas a 320, peras a 320, manteiga ingleza a 800 rs., dita franceza a 560, chá hysson a 2$560, dito brasileiro a 1$600, amendoas a 320, chouriças superiores a 480 a libra.

ATTENÇAO'.

Vende-se saccas com feijão mulatinho, chegado do Aracaty: na taberna da rua da Moêda n. 25.

Madapolão com toque de avaria a 2$500, 3$000 e 3$500!!!

Vende-se na loja n. 17 da rua do Queimado, peças de madapolão fino com toque de avaria de agua doce, pelos preços ácima, a dinheiro á vista.

— Vende-se uma banca de jacarandá de meio de sala com pedra, um consolo tambem de jacarandá com pedra, um espelho grande e uma cama franceza nova: na rua estreita do Rosario n. 16, segundo andar.

— Vende-se uma bonita escrava que sabe engommar, cozinhar e lavar, tudo muito bem: na rua do Crespo n. 10, primeiro andar.

— Vende-se uma fabrica de charutos sita na rua das Aguas Verdes: quem a pretender, dirija-se a rua do Queimado n. 28.

— Vende-se na refinação da rua da Concordia n. 4. superior carvão animal por menos que em outra qualquer parte.

— Vende-se a dinheiro ou a prazo um terreno com 113 palmos de frente, com alicerce ou parte delle, na travessa da rua da Concordia, serve para edificar 6 moradas de casas, tendo o dito terreno 110 palmos de fundo: a tratar com Bartholomeu Francisco de Souza, rua larga do Rosario n. 36.

— Vende-se uma preta de bonita figura, cozinha, engomma, he crioula, e propria para o Rio por querer para lá ir: na rua da Cadeia do Recife n. 54, loja.

NOVOS PADRO'ES DE CHITAS BARATAS, LOJA DA RUA DO CRESPO N. 14 DE DIAS & LEMOS.

Chitas saragoçanas caboclas, muito bonita 180 rs. o covado, ditas silveiras, miudinhas padrões muito bonitos padrões e fixes a 200 rs. o covado, ditas de ramagens tambem fixas a 200 rs. o covado, cobertores grandes a 640, ditos pequenos a 560, algodão mesclado, panno couro a 180; e outras muitas fazendas baratas, e tudo se da' amostras com pinhor.

DE 2,000 REIS A' 200,000.

Superiores e finissimos chapeos do Chile para homens e senhoras, a mais superior fazenda que tem vindo ao mercado, chegados recentemente: na loja e fabrica de chapeos de Joaquim de Oliveira Maia, na praça da Independencia ns. 24, 26, 28 e 30.

— Vende-se um casal de escravos com uma cria de 8 mezes de idade: na rua do Livramento n. 18.

— Vendem-se 6 cadeiras de páo d'oleo com meio uso, muito em conta: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 20.

Fumo em folha.

No armazem de Manoel dos Santos Pinto, na rua do Amorim n. 39, ha muito bom fumo em folha para charutos.

A 3$500 e 4$000 o par. quem deixara' de comprar.

Sapatões de lustre francezes para homem, assim como um completo sortimento de calçados de todas as qualidades, tanto para homem como para senhora, meninos e meninas, tudo por preço muito commodo, a troco de sedulas velhas: no aterro da Boa-Vista, defronte da boneca n. 14.

METAL AMARELLO

para forro de navio: vende-se por preço commodo, em casa de Isaac Curio & Companhia, rua da Cruz n. 40.

— Vende-se a taberna n. 2 da praia do Caldeireiro, muito bem afreguezada para a terra: a tratar na mesma.

— Vendem-se barricas com farello, chegadas no ultimo navio de Lisboa: na rua da Cadeia do Recife n. 14.

Para luto.

Cassas pretas finas com flores brancas a 480 a vara: na rua do Queimado, loja de 4 portas n. 10.

Córtes de vestido a 2$000.

Vendem-se córtes de vestido de riscado francez, cores fixas, a 2$000 cada córte: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

— Vendem-se couros de lustre novos de marca grande, cemento amarello em barris de 10 e 12 arrobas, e as tinas, a 9$ a barrica: no armazem de C. J. Astley & Companhia, rua do Trapiche n, 3.

— Vende-se o curso theorico e pratico de partos, por J. Capuron, nova edição enriquecida com 13 estampas, e augmentado com notas tiradas do—tratado da arte dos partos—por Alf. Velpeau, e outras obras modernas, e seguido de um quadro analitico da arte dos partos, pelo Dr. J. R. Marinus: na rua larga do Rosario n. 38, loja.

— Vende-se uma retorta de vidro para 3 canadas: na rua larga do Rosario n. 38, loja.

CAL VIRGEM.

a mais nova que ha no mercado, a preço commodo; na rua do Trapiche n. 15, armazem de Bastos Irmãos.

— Vende-se a casa que foi incendiada no dia 2 do corrente, com a frente para o rio, contendo varias casas, e juntamente o terreno com varios pés de fructeiras, o terreno tem 1,500 palmos de comprido e 160 de largo; vende-se junto ou em separado, livre e desembaraçado: para tratar, na rua da Senzala Velha n. 110.

— Vende-se um carro americano, novo, de 4 rodas, chegado ultimamente da America: os pretendentes dirijam-se á rua de S. Francisco, cocheira do Sr. Raymundo.

— Vendem-se excellentes cavallinhas de Lisboa, em barris de 175 cada um, a 5$000 o cento: na rua da Praia n. 4.

— Vende-se superior vinho muscatel de Setubal, em ancoretas de 2 ½ canadas e 5 cada uma; na rua do Vigario n. 19, primeiro andar.

— Vende-se uma preta de nação, de meia idade, pelo preço de 350$000; o motivo he por querer vender na rua, e não o querer servir em casa: a tratar na rua estreita do Rosario n. 11.

NA RUA DO APOLLO N. 19,

vendem-se saccas com farinha de mandioca, superior qualidade por preço nunca visto; sendo porção fa-se todo o negocio.

PANORAMAS PARA JARDIM.

Brunn Praeger & C., na rua da Cruz n. 10, receberam e vendem um sortimento de globos de espelho de diversos tamanhos e cores, que formam o mais lindo panorama, postos em uma columna no meio do jardim, como se usa hoje na Europa, nos jardins de bom gosto.

Brunn Praeger & C., na sua casa rua da Cruz n. 10, teem a venda.
Pianos tanto horizontas como verticaes, dos melhores autores.
Obras de ouro de 18 quil. do mais apurado gosto.
Pinturas em oleo, paisagens e com moldura dourada.
Vistas de Pernambuco, geraes e especiaes.
Cadeiras e sofá's para terraços e jardins.
Oleados de ricas pinturas para mesas.
Vinho de Champagne.
Licores de differentes qualidades.
Presuntos.
Genebra em frasqueiras.
Instrumentos para musica.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzala Nova n. 42.
Sellins inglezes.
Relogios de ouro, patente inglez.
Chicotes de carro e de montaria.
Candieiros e castiçaes bronzeados.
Cobre de forro.
Chumbo em lençol, barra e munição.
Farello de Lisbôa.
Lonas inglezas.
Fio de sapateiro.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

— Em casa de Timm Mousen & Vinassa, praça do Corpo Santo n. 13, ha para vender:
Um sortimento completo de livros em branco de superior qualidade.
Vinho de champagne.
Absinthe e cherry cordial de superior qualidade.
Licores de differentes qualidades.
Vaquetas para carro.
Sola branca.
Tres pianos de superior qualidade: tudo por preço commodo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem a venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

CEMENTO ROMANO BRANCO.

Vende-se cemento romano branco, chegado agora, de superior qualidade, muito superior ao do consumo, em barricas e as tinas: atraz do theatro, armazem de taboas de pinho.

— Vende-se um cabriolet com coberta e os competentes arreios para um cavallo, tudo quasi novo: para ver, no aterro da Boa-Vista, armazem do Sr. Miguel Segeiro, e para tratar no Recife rua do Trapiche n. 14, primeiro andar.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do conde de Marcuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a Champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B.—As caixas são marcadas a fogo—Conde de Marcuil—e os rotulos das garrafas são azues.

— Vendem-se ricos e modernos pianos, recentemente chegados, de excellentes vozes, e preços commodos: em casa de N. O. Bieber & Companhia, rua da Cruz n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se a bordo do brigue *Conceição*, entrado de Santa Catharina, e fundeado na volta do Forte do Mattos, a mais nova farinha que existe hoje no mercado, e para porções a tratar no escriptorio de Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14.

— Lonas da Russia, de boa qualidade, e por preço commodo; vendem Novaes & Companhia em seu escriptorio, rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

— Vende-se excellente taboado de pinho, recentemente chegado da America: na rua de Apollo trapiche do Ferreira. a entender-se com o administrador do mesmo.

— Vende-se um excellente sitio muito perto da praça, com casa de vivenda soffrivel, murado em toda a frente, com alicerces para uma casa de 40 palmos de frente e 110 de fundo, com cacimba de agua de beber, assim como um poço com agua igual a do Capibaribe, differentes fructeiras de boas qualidades, muito boa baixa para capim com cambos no fundo, que pode-se bem fazer 2 optimos viveiros etc.: a fallar com M. Carceiro, ou na entrada da estrada dos Afflictos, primeiro sitio a direita.

— Vende-se papel pintado, envernisado, com a particularidade de se poder lavar, e sempre esta' novo, decorações mui lindas e modernas, e preço razoavel quanto a qualidade: vende-se na rua da Cruz do Recife n. 27, armazem de Victor Lasne.

SAL DO ASSU'

vende-se abordo do hiate «Adelayde» fundeado defronte do Trapiche do algodão: a tratar com J. B. da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

PALHA DE CARNAUBA

vende-se a bordo do hiate «Adelaide»: a tratar com José Baptista da Fonseca Junior na rua do Vigario n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA

nos armazens de Paula Lopes, Annes e Cazuza no caes da Alfandega a' preço commodo: trata-se com José Baptista da Fonseca Junior, rua do Vigario n. 4.

Potassa.

No antigo deposito da rua da Cadeia Velha, escriptorio n. 12, vende-se muito superior potassa da Russia, americana e do Rio de Janeiro, a preços baratos que he para fechar contas.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e accrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa, de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

AOS SENHORES DE ENGENHO.
Reduzido de 640 para 500 rs. a libra

Do arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz. n. 4.

—Vende-se uma rica mobilia de jacaranda', com consolos e mesa de tampo de marmore branco, a dinheiro ou a prazo, conforme se ajustar: a tratar na rua do Collegio n. 25, taberna.

DEPOSITO DE CAL DE LISBOA.

Na rua da Cadeia do Recife n. 50 ha para vender barris com cal de Lisboa, recentemente chegada.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

FARINHA DE MANDIOCA.

Vende-se superior farinha de mandioca, em saccas que tem um alqueire, medida velha, por preço commodo: nos armazens n. 3, 5 e 7 defronte da escadinha, e no armazem defronte da porta da alfandega, ou a tratar no escriptorio de Novaes & C., na rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se farelo novo, chegado de Lisboa pela barca *Gratidão.*

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenhos os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

—Em casa de J. Keller & C., na rua da Cruz n. 55, ha para vender 3 excellentes pianos vindos ultimamente de Hamburgo.

— Vende-se uma escrava de nação, engommadeira e cozinheira, e lava de sabão; um pardo de optima figura, sapateiro, e um escravo da Costa, optimo ganhador de rua: na rua das Cruzes n. 22, se dirá quem vende.

— Negocia-se uma casa nova e moderna na estrada da Ponte d'Uchoa, com seis salas, oito quartos e alcovas, cosinha, despensa, com um optimo sitio com toda a qualidade de fruteiras, grande jardim murado com muitas flores, cocheira, estribaria, quarto para feitor, cacimba com bomba, etc., etc.: vende-se debaixo de condições mui favoraveis para o comprador: a tratar na rua da Cruz n. 10.

AOS NEGOCIANTES.

Vende-se na villa de Mamanguape a melhor casa que alli existe, tanto pela mão d'obra e tamanho, como pela posição para commercio, tendo sido feita para este fim, e por modico preço: quem a pretender, dirija-se ao seu proprietario, na capital desta provincia, o thesoureiro da alfandega João Carlos de Almeida e Albuquerque, e nesta villa ao Dr. Antonio Carlos de Almeida e Albuquerque.

FARINHA DE MANDIOCA.

Na loja n. 26 da rua da Cadeia do Recife, esquina do beco Largo, vendem-se saccas com superior farinha da terra por menos preço do que em outra qualquer parte.

RUA DO CRESPO N. 12.

Vende-se nesta loja superior damasco de seda de cores, sendo branco, encarnado, rôxo, por preço razoavel.

—Vendem-se lonas da Russia por preço commodo, e de superior qualidade: no armazem de N. O. Bieber & C,, rua da Cruz n. 4.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos mais modernos, machina horisontal para vapor com força de 4 cavallos, cocos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco-veus para navios, ferro da Suecia, folhas de flandres; tudo por barato preço.

Saccas de farinha.

Vendem-se saccas com farinha da terra, nova e bem torrada; vendem-se tambem saccas com arroz na rua da Cadeia do Recife n. 18 e 23.

— Vende-se um carro novo inglez de 4 rodas, recentemente chegado, para um ou dous cavallos, feito em Londres: para ver na cocheira do Sr. Poirier no aterro da Boa-Vista n. 55; e para tratar na rua da Cruz n. 42 no escriptorio de Crabtree & C.

— Vende-se sola muito boa, pelles de cabra, e gomma muito boa em saccos: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vendem-se no armazem n. 60, da rua da Cadeia do Recife, de Henry Gibson, os mais superiores relogios fabricados em Inglaterra, por preços modicos.

—Na livraria da rua do Collegio n. 8, vende-se uma escolhida collecção das mais brilhantes peças de musica para piano, as quaes são as melhores que se podem achar para fazer um rico presente.

CEMENTO ROMANO.

Vende-se superior cemento em barricas grandes; assim como tambem vendem-se as tinas: atraz do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida.

FARINHA DE MANDIOCA.

Saccas com superior farinha de mandioca: no armazem de Tasso Irmãos.

Champagne da superior marca Cometa: no armazem de Tasso Irmãos.

OLEO DE LINHAÇA

em barris e botijões: no armazem de Tasso Irmãos.

GARRAFAS VASIAS

em gigos de groza e de 110 garrafas: no armazem de Tasso Irmãos.

Em casa de Timm Monsen & Vinassa, na praça do Corpo Santo n. 13, ha para vender

um sortimento completo de livros em branco, de superior qualidade.

VINHO DO PORTO, SUPERIOR FEITORIA,

em caixas de uma ou duas duzias de garrafas: vende-se unicamente na rua da Cadeia do Recife n. 4.

RELOGIOS DE OURO INGLEZES DE PATENTE.

Vendem-se por preço muito commodo: na rua da Cadeia do Recife n. 4, armazem de Barroca & Castro.

— Vende-se um curso de geometria por Lacroix, a saber; arithmetica, geometria, algebra e trignometria: no aterro da Boa-Vista n. 68.

Vende-se uma propriedade na Passagem da Magdalena, porque o proprietario muito deseja cumprir deveres ponderosos; quem pretender compra-la fará o especial favor dirigir-se á rua estreita do Rosario n. 30, segundo andar.

— Na rua de Apollo n. 19, vende-se potassa muito nova, chegada ultimamente do Rio de Janeiro, por menos preço do que em outra qualquer parte, e 25 traves de mangue, que existem no Caes do Ramos.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Fugio da casa do abaixo assignado, na madrugada de 3 do corrente, um seu escravo, crioulo, de nome Amaro, official de sapateiro, de idade 30 annos, pouco mais ou menos, altura regular, barba pouca, dentes limados, os olhos enfumaçados, anda calçado, tem as mãos calejadas do fio de sapateiro, tem a testa com os cantos descobertos, he bem fallante; este escravo quando fugio levou comsigo um cavallo castanho, arreiado com um sellim inglez comprido e muito estreito, cabeçada tambem ingleza, o cavallo tem 10 annos, pouco mais ou menos, andador de baixo a meio, frente aberta, com um calombinho no espinhaço e roncolho: o dito escravo foi do Sr. Manoel Pinto Borba, morador no Gamela: quem o pegar ou delle der noticia, dirija-se á rua da Senzala Velha, cocheira n. 114, que será generosamente recompensado. — *Joaquim Paes Pereira da Silva.*

— Tendo-se ausentado do Recife, em 22 de maio do anno proximo passado 4 escravos, como consta dos annuncios então impressos nos jornaes desta cidade, destes apenas se recolheram 2, e acham-se ainda ausentes os outros 2, sendo os mais desejados porque foram os autores da fuga de todos; pede-se portanto a apprehensão do preto José, de alta estatura, idade mais de 30 annos, com falta do olho esquerdo, côr bastante negra, e muito prognostico. Jorge, côr fula, alto, tambem de boa figura, idade de 25 a 30 annos, com um pequeno talho em um dos cantos da bocca; ambos estes escravos são crioulos e filhos do sertão, e ha muito pouco tempo estavam nesta praça; pelo depoimento dos chegados consta que seguiram os fugidos pela estrada do Limoeiro até Cariri-Velho, alli se separaram, e depois continuaram para Pajeú de Flores, d'onde José he natural, dizendo que ia ver os parentes, e depois provavelmente seguiriam para o Sobral, ás Catingas de Piauhy, d'onde Jorge he natural; he o mais que se póde indicar a quem possa delles tirar partido: pede-se, portanto, a todas as autoridades policiaes e capitães de campo a apprehensão dos referidos escravos, e se offerece a quantia de 100$000 por cada um, ou 250$000 vindo ambos juntos, a quem os trouxer a esta praça a viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45; na Parahiba aos Srs. José Luiz Pereira Lima & C.ª; no Rio Grande do Norte ao Sr. Theotonio Coelho de Cerqueira; no Ceará ao Sr. Manoel Caetano de Gouveia; e no Maranhão ao Sr. Caetano Cesar da Silva Rosa.

— Roga-se a todas as autoridades policiaes da capital desta provincia ou de qualquer outra comarca de fóra a captura de um escravo cabra, fugido do engenho Caluanda, freguezia da Luz e termo de Pão d'Alho, no dia 17 de setembro do proximo passado anno, visto que se presume, que dito cabra tenha procurado se occultar em algum lugar com o titulo de forro, illudindo a boa fé de alguem. O referido cabra por nome Antonio Francisco tera de idade em rigor 18 annos, de pouco corpo e estatura mediana, olhos pequenos e um tanto papudos, nariz aquilino, bocca e beiços salientes e conserva uma cicatriz entre um peito e outro, procedido de um signal que arrancara; este he um signal que tirará a todos de qualquer duvida: tambem presume-se que elle tenha procurado occultar-se no Recife, onde a residido por algum tempo, ou nestes arrabaldes: igualmente se recommenda a todos os capitães de campo, a quem o conhecimento deste annuncio deva interessar, promettendo-se uma paga generosa a quem o prender e leva-lo ao dito engenho Caluanda ao seu senhor Francisco Xavier Carneiro da Cunha Campello; fugira com bonete de panno, calça de riscado e camisa de madapolão.

PERN.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1855

MUTILADO

ILEGÍVEL